



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**PROJETO PILOTO PARA A IMPLANTAÇÃO DE UM JORNAL COMUNITÁRIO
NOS DISTRITOS DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**ALINE ROCHA DE TOLEDO
EDNÉIA G. PEDROSO BALOTARI
ÉVERTON BARBOSA SOARES
JAQUELINE RODRIGUES GALDINO
LUCAS FERNANDES SILVA ALVES**

**PROJETO PILOTO PARA A IMPLANTAÇÃO DE UM JORNAL COMUNITÁRIO
NOS DISTRITOS DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**ALINE ROCHA DE TOLEDO
EDNÉIA G. PEDROSO BALOTARI
ÉVERTON BARBOSA SOARES
JAQUELINE RODRIGUES GALDINO
LUCAS FERNANDES SILVA ALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade do Oeste Paulista.

Orientadora: Prof^a Esp. Gabriela Araujo Correa

Co-orientadora: Prof^a Dra. Fabiana Aline Alves

**ALINE ROCHA DE TOLEDO
EDNÉIA G. PEDROSO BALOTARI
ÉVERTON BARBOSA SOARES
JAQUELINE RODRIGUES GALDINO
LUCAS FERNANDES SILVA ALVES**

**Projeto piloto para a implantação de um jornal comunitário nos distritos
de Presidente Prudente**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Comunicação Social “Jornalista
Roberto Marinho”, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social -
Jornalismo, pela Universidade do
Oeste Paulista.

novembro de 2017

Presidente Prudente, 27 de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Homéro Ferreira – Presidente da banca

Prof. Dr. Rogério do Amaral – Membro da banca

Prof. Esp. Gabriela Araujo Correa - Orientadora

Prof. Dra. Fabiana Aline Alves – Co-orientadora

DEDICATÓRIA

A Deus, fonte de todo conhecimento, que nos capacitou, iluminou, nos deu
força e persistência diante dos obstáculos.

Em especial, aos nossos pais, amigos e familiares que nos apoiaram e
ajudaram a realizar este sonho.

E a todos os comunicadores que doam suas habilidades jornalísticas para zelar
por aqueles que a mídia insiste em ignorar.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Gabriela Araujo Correa e Fabiana Aline Alves que com paciência e carinho nos conduziram até a concretização deste trabalho.

À faculdade, funcionários e demais professores que no decorrer desses anos nos proporcionaram ambiente de aprendizagem e crescimento pessoal.

Aos idealizadores dos movimentos populares da década de 1970 e 1980, inspiração crucial para o desenvolvimento deste trabalho e da pesquisa a respeito do Jornalismo Comunitário.

À Profa. Dra. Maria Cecília Krohling Peruzzo, base teórica deste Trabalho, que tão gentilmente nos concedeu entrevista ampliando nosso conhecimento.

Aos moradores dos quatro distritos Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis que aceitaram nossa proposta e embarcaram conosco na concretização do *Jornal Linha do Leite*.

E a todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização do trabalho.

“Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência”.

(Ricardo Noblat)

RESUMO

Projeto Piloto para a implantação de um jornal comunitário nos distritos de Presidente Prudente

O Jornalismo Comunitário é uma subárea do jornalismo com foco em notícias de interesse para determinada comunidade e se estabelece por meio da participação dos indivíduos no processo de produção das informações locais. Partindo de tal conceito, mediante reflexões e discussões sobre a importância de um veículo comunitário, o objetivo deste trabalho é a criação do jornal impresso *Linha do Leite* destinado aos moradores dos distritos de Presidente Prudente: Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis. A metodologia adotada foi a abordagem qualitativa do tipo exploratória embasada no método comparativo e na observação sistemática. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevista do tipo fechada e semiaberta. Como resultado, observou-se a integração entre os membros da comunidade e a aproximação dos mesmos com a informação jornalística durante todo o processo de produção do periódico.

Palavras-Chave: Jornalismo impresso. Jornalismo Comunitário. Movimentos populares. Distritos. Responsabilidade Social.

ABSTRACT

Pilot project for the implementation of a community newspaper in the districts of Presidente Prudente

Community Journalism is a subarea of journalism that focuses on newsworthiness of a particular community and is established through the participation of individuals in the process of producing local information. Starting from this concept, through reflections and discussions about the importance of a community vehicle, the objective of this work is the creation of the printed newspaper *Linha do Leite* for the residents of the districts of Presidente Prudente: Montalvão, Floresta do Sul, Eneida and Ameliópolis. The methodology adopted was the qualitative approach of the exploratory type based on the comparative method and the systematic observation. The data collection instrument used was bibliographic research, documentary analysis and closed and semi-open type interviews. As a result, the integration between the members of the community and the approximation of the same with the journalistic information during the whole production process of the journal was observed.

Keywords: Printed Journalism. Community Journalism. Districts. popular movements. Social Responsibility.

LISTA DE SIGLAS

CEASM	- Centro de Estudo e Ações Solidárias da Maré
EE	- Escola Estadual
EPG	- Escola de Primeiro Grau
ESF	- Estratégia de Saúde da Família
FACOPP	- Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
IBGE	- Instituto Brasileiro de Pesquisa de Geografia e Estatística
PA	- Pronto Atendimento
PAS	- Ponto de Atendimento de Saúde
PSF	- Posto de Saúde Familiar
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
TSE	- Tribunal Superior Eleitoral
UBS	- Unidade Básica de Saúde
UNOESTE	- Universidade do Oeste Paulista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	14
2.1	Problematização	14
2.2	Objetivos	15
2.2.1	Objetivo geral	15
2.2.2	Objetivo específico	15
2.3	Justificativa	15
2.4	Metodologia	16
3	JORNALISMO IMPRESSO.....	21
3.1	A história da comunicação, a palavra escrita e os primeiros jornais.....	21
3.2	Jornalismo Especializado	22
4	LINGUAGEM JORNALÍSTICA	26
4.1	Elementos do texto jornalístico	26
4.2	Técnicas jornalísticas	30
4.3	Notícia	34
4.4	Reportagem	35
4.5	A escolha do impresso	38
5	JORNALISMO COMUNITÁRIO	40
5.1	Jornalismo Comunitário e Popular	41
5.2	Níveis de participação popular	44
5.3	A comunicação popular, comunitária e alternativa	46
5.4	O funcionamento de um veículo comunitário	48
6	MODELOS DE JORNAIS COMUNITÁRIOS	51
6.1	Jornal: O Cidadão	51
6.2	Jornal: Cantareira	54
7	BREVE HISTÓRICO DOS DISTRITOS DE PRESIDENTE PRUDENTE.....	58
7.1	Montalvão	60
7.2	Floresta do Sul	62
7.3	Eneida	64
7.4	Ameliópolis	66

8	PROJETO EDITORIAL DO JORNAL COMUNITÁRIO.....	69
8.1	Introdução.....	69
8.2	Objetivo geral.....	69
8.3	Objetivos específicos.....	70
8.4	Justificativa.....	70
8.5	Público-alvo.....	70
8.6	Linha editorial.....	71
8.7	Paginação.....	72
8.8	Logotipo do jornal	72
8.9	Recursos técnicos.....	76
8.10	Recursos financeiros.....	76
8.11	Recursos humanos.....	77
8.12	Oficina.....	77
9	MEMORIAL DESCRITIVO.....	79
9.1	Fase de pré-produção do <i>Jornal Linha do Leite</i>.....	82
9.2	Fase de produção do <i>Jornal Linha do Leite</i>.....	85
9.3	Fase de pós-produção do <i>Jornal Linha do Leite</i>.....	88
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
	REFERÊNCIAS.....	93
	ANEXOS.....	96
	ANEXO A – ENTREVISTAS.....	97
	ANEXO B – DECRETO LEI DIVISÃO TERRITORIAL	112
	ANEXO C – CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS.....	115
	ANEXO D – QUESTIONÁRIO.....	120
	ANEXO E – RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS.....	123
	APÊNDICES.....	130
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS.....	131
	APÊNDICE B – MATERIAL DA OFICINA	133
	APÊNDICE C – PAUTAS.....	142
	APÊNDICE D – MAILING LIST.....	165

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) discute o jornalismo impresso em sua vertente especializada, sendo esta a comunicação comunitária. Tem como objetivo fomentar a expressão e socialização entre comunidades, elevando o *status* de cidadania dos moradores, promovendo debates de ideias, discussões de problemas sociais, do cotidiano e divulgação cultural dos seguintes distritos de Presidente Prudente: Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis.

Para isso, os autores dessa pesquisa debruçaram-se no estudo sobre o jornalismo comunitário e teve como objetivo alcançado a criação do periódico *Linha do Leite*, no formato tabloide, com periodicidade mensal, que relata o cotidiano dos quatro distritos, uma vez que a realidade dos mesmos apresenta características em comum como: vida rural, distanciamento da sede de Presidente Prudente e falta de um periódico que relate as informações locais.

O jornal conta com a participação dos moradores por meio de sugestões de pautas, elaboração de fotografias e textos autorais como: contos, crônicas e poemas, envolvendo-os em diferentes etapas da produção. O veículo foi disponibilizado em pontos estratégicos das localidades como: igrejas, escolas e postos de Estratégia da Saúde da Família (ESF).

Para o cumprimento dessas ideias, o trabalho foi dividido em nove capítulos, nos quais são fundamentados os conceitos de jornalismo impresso e comunitário à medida que se discute sobre a elaboração da implantação do jornal dos distritos prudentinos.

No capítulo 2 são apresentados a problematização, as justificativas, os objetivos e a metodologia empregada para a realização do estudo. A natureza do trabalho é qualitativa com o caráter exploratório e as técnicas escolhidas para a coleta de dados foram: pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas fechadas e semiabertas.

A história do jornalismo impresso e a relação com a comunicação comunitária estão dispostos no capítulo 3. Nele, destaca-se como surgiram e se desenvolveram os primeiros periódicos até chegar à vertente do jornalismo especializado.

O capítulo 4 abrange todo o conceito das técnicas e da linguagem jornalística aprimoradas na prática do jornal comunitário. Este tópico aborda também

os conceitos de notícia, reportagem, perfil e crônicas, que foram produzidos no *Jornal Linha do Leite*.

No capítulo 5, Fundamentação Teórica, são explorados os conceitos e ideias dos principais autores da linha de estudo do Jornalismo Comunitário, iniciando a discussão sobre os níveis de participação popular e a comunicação comunitária como espaço de expressão e socialização nas classes populares. Toda a base teórica desse capítulo perpassa pelo trabalho até suas considerações finais.

Para tornar familiar como são tratadas as notícias, quais temas são abordados e o funcionamento de um veículo comunitário, no capítulo 6 são apresentados os periódicos *O Cidadão* e *Cantareira*, exemplos de jornais desse segmento que serviram de base para a elaboração do jornal dos distritos prudentinos.

O capítulo 7 abrange o objeto de estudo desta pesquisa, sendo eles os distritos de Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis. Neste tópico, é possível conhecer o histórico de cada um por meio de entrevistas aplicadas a antigos moradores, coleta de informações em jornais, sites e livros, além dos resultados da observação sistemática realizada para conhecimento das imediações atuais.

No decorrer do capítulo 8 faz-se a apresentação do projeto editorial do jornal comunitário, na qual é destacado o objetivo geral, os objetivos específicos, a linha editorial, a paginação, os recursos técnicos e humanos, para melhor entendimento da estruturação do periódico a ser construído.

Já no capítulo 9, memorial descritivo, relata-se o diário de bordo das atividades desenvolvidas pelos autores no decorrer de todo o trabalho, desde o pré-projeto, parte teórica e prática.

Por fim, este Trabalho de Conclusão de Curso se encerra no capítulo 10 com as Considerações Finais. Neste tópico são expressas as ideias da base teórica em complemento com as dos autores da pesquisa expondo os resultados finais que o trabalho dispôs.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização

Para Ricardo Noblat (2010, p. 21), “Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência”. Wondracek (1978) reflete que um jornal é capaz de despertar espírito comunitário em seus leitores porque dispõe de informações locais com profundidade dos fatos.

De acordo com Pinto (2001, p. 7), uma característica da comunicação comunitária é que, por:

[...] abordar temas locais ou específicos, desperta o interesse do público pela informação, uma vez que conteúdo e personagens envolvidos tem relação mais direta com as pessoas [...] algo do qual o público participa reconhecendo nas informações dados do seu próprio cotidiano. Dessa forma, realiza-se um processo de construção das identidades e de cultivo dos valores históricos e culturais.

Essa área da comunicação comunitária é pouco explorada pelos grandes veículos de comunicação que visam o lucro, atingindo o público macro. Neste processo, as notícias do interior perdem espaço no âmbito nacional (ERBOLATO, 2008). Para que uma comunidade tenha visibilidade e espaço dentro de um periódico, Wondracek (1978) aponta que é preciso estar interligada e os cidadãos participem ativamente da produção de conteúdos informativos.

A proposta da criação do jornal comunitário *Linha do Leite* foi justamente viabilizar espaço democrático de informação para os moradores dos distritos prudentinos, posto que não possuem um canal ativo de comunicação para exercer a prática de participação popular. Outro adendo é que, somente nos jornais comunitários o público tem a chance de participar ativamente da produção de conteúdo, pois, como aponta Erbolato (2008), nos grandes veículos, por se tratar de uma empresa privada e pela pressão do *deadline*, não há oportunidade de participação além das convencionais como sugestões de pauta. Enquanto nos comunitários, o público se insere no espaço jornalístico desde as pautas, produção autoral de vídeos e fotos, bem como de textos, distribuição e em alguns casos, até no patamar das decisões gerenciais.

Retomando os preceitos de Wondracek (1978), essa é uma prática que

diz respeito ao direito do homem ter acesso à informação. Peruzzo (2004) complementa que ser cidadão é também ter o direito de participar da produção do conteúdo. Por este motivo, o presente trabalho conta com a participação dos moradores que conhecem a realidade local.

Tendo em vista tais conceitos, este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo discutir o jornalismo comunitário como uma ferramenta que aproxima os moradores dos distritos de Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis, da informação jornalística.

Dessa forma, surge a seguinte problemática: Como é possível aproximar os moradores dos distritos por meio da informação jornalística comunitária?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Discutir como o jornalismo comunitário, por meio do jornal impresso, pode ser usado como uma ferramenta que possibilita promover interação dos moradores dos distritos com a informação jornalística.

2.2.2 Objetivos específicos

- Refletir o papel social do jornalismo comunitário a ser empregado nos distritos prudentinos;
- aprofundar os conhecimentos nos assuntos específicos de interesse das comunidades para aplicar nos jornais produzidos;
- refletir os valores-notícias do jornalismo comunitário;
- produzir duas edições do jornal impresso comunitário que relata o cotidiano dos moradores dos distritos: Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis.

2.3 Justificativa

Este trabalho torna-se de relevância para a área do estudo da comunicação comunitária, ao passo que reflete como esta auxilia a forma alternativa

de discurso e como se difere da grande imprensa, fomentando novos debates para o âmbito acadêmico. Outra justificativa para a realização deste trabalho se dá pelo fato de que no próprio ambiente de discussão, que é a Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), onde os autores estão inseridos, não há Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema. Portanto, a pesquisa torna-se algo inédito.

O objeto de estudo abrange uma região rural com 4.255 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Pesquisa de Geografia e Estatística – IBGE (2010), a qual não têm produtos jornalísticos voltados especificamente para eles, portanto, justifica-se socialmente fazer um jornal que atenda às necessidades desse público, a fim de empoderar os moradores por meio da informação jornalística.

Trazer o jornalismo comunitário para o centro deste projeto é também uma satisfação pessoal dos autores ao acreditarem ser preciso uma atuação mais eficaz voltada para os locais afastados, uma vez que “os veículos de comunicação de massa que estão no mercado acabam abandonando as informações regionais ou locais na esperança de se tornarem veículos nacionais” (ERBOLATO, 2008).

Há também a inquietação de vivenciar a prática jornalística, explorar as possibilidades de mercado e proporcionar uma comunicação democrática na qual valores intelectuais e culturais de uma região não sejam esquecidos e que tragam uma sensação de “pertence do indivíduo” pela sua comunidade.

2.4 Metodologia

Compreende-se por metodologia a descrição dos passos a serem seguidos pelos pesquisadores para a execução do projeto de pesquisa (MASCARENHAS, 2012). Portanto, neste tópico apresentam-se todos os métodos e técnicas adotadas na proposta do jornal comunitário dos distritos prudentinos.

Toda pesquisa fundamenta-se em métodos científicos e para isso é preciso ter em mente os conceitos que a norteiam. Gil (2010, p. 1) define que a pesquisa científica baseia-se em procedimentos racionais e sistemáticos que tem por objetivo “[...] proporcionar resposta aos problemas que são propostos”.

Sobre o ato de pesquisar, Rudio (1986, p. 9, grifo do autor) discorre que se trata de:

[...] um conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento. A fim de merecer o qualificativo de *científica*, a pesquisa deve ser feita de modo sistematizado, utilizando para isto método próprio e técnicas específicas e procurando um conhecimento que se refira à realidade empírica.

Quanto aos tipos de conhecimento, Marconi e Lakatos (2010) classificam como: empírico, teológico e científico. No científico, o pensamento é sistemático, pois permite ordenamento lógico de ideias em uma teoria, também é contingente ao passo que admite considerar, por meio de experiências metódicas, as ideias como verdadeiras ou falsas, fato que se difere do conhecimento empírico. Já no pensamento filosófico a discussão se dá pela razão, enquanto no teológico é pela fé. No caso deste trabalho, enquadrou-se o científico que visa “[...] explicar ‘por que’ e ‘como’ os fenômenos ocorrem, na tentativa de evidenciar os fatos que estão correlacionados, numa visão mais globalizante do que a relacionada com um simples fato”.

Como referido por Gil (2010), toda pesquisa busca solucionar um problema por meio de métodos científicos, além de propiciar conhecimento aos pesquisadores envolvidos na ação. Sendo assim, retomando aos pensamentos de Mascarenhas (2012, p. 46), esta pesquisa foi qualitativa do tipo exploratória, a qual teve como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, capacitando à formulação de hipóteses e o aprimoramento de ideias com base em análises subjetivas, baseadas em interpretações e observações por meio da participação ativa com o objeto de estudo.

Utilizou-se da proposta do método comparativo. Gil (2010, p. 16) conceitua que o “[...] método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas em ressaltar as diferenças e similaridade entre eles”. Portanto, este projeto contou com a análise de dois modelos de jornais comunitários, para assim, obter-se uma avaliação dos elementos que melhor se adequam com o estudo do jornalismo comunitário, objetivando aplica-los com maior efetividade no desenvolver da parte-prática.

Utilizou-se também a técnica de coleta da observação sistemática que consiste na exploração do objeto de estudo por meio de planejamento e aplicação de técnicas como: questionários e/ou entrevista indireta, com o objetivo de conhecer a fundo o objeto analisado. Deve-se, segundo Mascarenhas (2012, p. 52), ter um apoio na observação sistemática, uma vez que os olhos não são o único meio de observar. “Podemos até aumentar o nosso poder de observação com a ajuda de

ferramentas, como um microscópio ou um simples bloco de anotações”.

Como técnica de coleta de dados, os autores, inicialmente, realizaram pesquisa bibliográfica relacionando o que os principais autores da área discutem e já estudaram sobre o assunto, obtendo um referencial teórico que norteia todo o desenvolvimento do projeto.

Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa, que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (STUMPF, 2009, p. 51).

Já Marconi e Lakatos (2010, p. 166) argumentam que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Todo o trabalho embasou-se também na pesquisa documental, a qual tem como característica a fonte de coleta de dados restrita a documentos, tais como autorizações, comunicados, jornais, atos jurídicos, leis, registros estatísticos e documentos pessoais como cartas, fotos entre outros (GIL, 2010). Foram coletados materiais do Jornal Oeste Notícias, fotos e registros escritos dos moradores dos quatro distritos, além de leis e decretos jurídicos referentes a história da formação dos distritos prudentinos.

Outra técnica empregada foi a entrevista em profundidade, que visa obter respostas válidas e pertinentes ao projeto. A entrevista, de acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 183), é um encontro entre duas pessoas com o objetivo de levantar informações do entrevistado sobre o assunto ou problema. Além disso, é um importante instrumento nos vários campos das ciências sociais aplicadas, como o Jornalismo. Essa discussão é importante para conhecer o público e ter contato com o sentimento, pensamento, lembrança, intensidade e a intimidade dele. Dessa forma, tornou-se possível coletar dados dos moradores que vivem nesses locais, desvendar seus anseios e seus questionamentos para criar um periódico que atenda suas necessidades.

Duarte (2009, p. 63) complementa a funcionalidade da entrevista:

Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas (DUARTE, 2009, p. 63).

Marconi e Lakatos (2010) ainda discorrem sobre a importância de se executar bem as etapas da entrevista. Para as autoras, o primeiro contato entre entrevistador e entrevistado, assim como o contato final, a clareza na formulação das perguntas e no registro das respostas, na validade, relevância, especificidade, profundidade ou extensão da pesquisa, são fatores que condicionam bons resultados em sua prática.

Neste trabalho utilizou-se da entrevista fechada e semiaberta. A primeira foi realizada a partir da aplicação de questionários com perguntas iguais, de modo que fosse possível estabelecer uniformidade e comparação entre as respostas. Enquanto a segunda “[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa” (DUARTE, 2009, p. 66).

Dessa forma, os autores elaboraram um questionário (ANEXO D) com perguntas fechadas a fim de fazer um levantamento sobre os canais de informação acessíveis aos moradores dos distritos e a frequência de acesso a esses meios. Nas entrevistas semiabertas utilizou-se de um pré-roteiro de perguntas (APÊNDICE A) para levantar informações sobre a história da formação dos distritos.

Os questionários foram aplicados nos dias 18 a 20 de novembro de 2016 e as entrevistas semiabertas nos dias 4 e 5 de março de 2017. Ambos se destinaram a moradores dos quatro distritos prudentinos, especificamente àqueles ligados a famílias fundadoras ou pioneiras na consolidação da formação dos territórios, às pessoas de mais idade que nasceram ou moram nos locais desde o início. Também foram ouvidos jovens e adultos de idade entre 18 e 45 anos e idosos de até 90 anos para aplicação de questionários acompanhada de observação sistemática por meio de conversa informal.

A coleta de dados proporcionou informações que são construídas de forma a traçar uma linha que vai desde a formação dos distritos, sua importância econômica-social à relevância da produção de um periódico comunitário que atenda às necessidades locais dos moradores. Em meio a todos esses aparatos, o trabalho propôs a implantação de um jornal comunitário veiculado, por meio impresso, nos

quatro distritos, com o propósito de integrar os moradores em busca dos seus interesses coletivos.

Dessa forma, o próximo capítulo apresenta a história e o desenvolvimento do jornal impresso, bem como a importância desse veículo de comunicação na sociedade.

3 JORNALISMO IMPRESSO

3.1 A história da comunicação, a palavra escrita e os primeiros jornais

Com intuito de entender melhor a aplicabilidade de um jornal impresso, será apresentado neste tópico a história, os conceitos e a importância social deste veículo de comunicação na construção de uma sociedade cada vez mais globalizada que busca, por meio da informação, estreitar as relações entre os seres e o espaço.

A história dos meios impressos começou a partir do desenvolvimento da linguagem falada. Costella (2001, p. 13) destaca que “[...] se inicia no momento em que os integrantes de um primitivo agrupamento humano começaram a se entender por gritos e gestos com os quais externaram intenções e indicaram objetos”. Tempos depois, o homem aprendeu a desenhar nas paredes das cavernas figuras de animais e cenas da vida primitiva, no qual atribuíram significados. Costella (2001) estabelece que este foi o marco inicial daquilo que viria ser a escrita.

Em outras palavras, a partir da escrita, o homem conseguiu comunicar-se rompendo a barreira do tempo e do espaço, porque “[...] permitiu a fixação do conhecimento num substrato material - papiro, cerâmica, papel, memória do computador, etc. - mantendo-o disponível ao longo do tempo para sucessivas inúmeras gerações [...]”. (COSTELLA, 2001, p. 15).

Posteriormente, século XVIII com a expansão comercial, surgiram os periódicos que tratavam unicamente de assuntos do capital mercantil. A população dos campos migrou para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida e trabalho, ampliando assim, o público desses jornais. Logo, a burguesia passou a usá-los como instrumento de luta contra a autoridade que lhe era negada pelos demais componentes da sociedade - o clero e os nobres - e como possibilidade de divulgação de produtos; a Igreja por sua vez, junto com o Estado, tentou conter os impressos com o índice e a censura e, mais tarde, os aristocratas lançaram seus próprios periódicos para discutir seus ideais políticos. (LAGE, 2006, p. 8). Em meio a isso:

Surgia um efetivo mercado para os jornais. O número de trabalhadores que aprendiam a ler – gente dos escritórios, operadores de máquinas, mestres de ofícios cada vez mais sofisticados – crescia sem parar. Era um público de tradições ainda rurais, arrancado de suas culturas de origem e que deveria ser sociabilizado nas metrópoles, centros de civilizações e poder em torno dos quais passavam a gravitar áreas e interesses imensos. Público importante porque, tendo ascendido ao entendimento da palavra imprensa,

tornara-se formador de opinião entre seus pares ainda iletrados. (LAGE, 2006, p. 12).

Investir em jornais, inicialmente, também era uma atividade promissora e que exigia poucos recursos financeiros. Lage (2006, p. 11) enfatiza que as redações se limitavam a duas ou três pessoas e o custo cobrado para os leitores era apenas o valor do papel e da tinta. O autor acrescenta que por meio das assinaturas era possível girar capital para a produção de mais edições, por isso, do [...] “ponto de vista econômico, qualquer um podia lançar a sua folha, desde que tivesse algumas centenas de amigos, correligionários ou pessoas com motivo para temer ataques impressos caso não contribuíssem. [...]”. Por conseguinte, espalharam-se pelo mundo centenas de jornais.

Para atender a essa demanda, surgem meios de comunicação segmentados por assuntos de interesse de um público denominado popular. O jornalismo especializado ou segmentado é uma vertente que será discutida no próximo subtópico.

3.2 Jornalismo especializado

Tavares (2009) destaca que, historicamente, o especializado surgiu da necessidade de atender a demanda de leitores impulsionados pela evolução dos meios de comunicação e da formação de grupos sociais consumidores de assuntos distintos. Para a imprensa dar conta dos conteúdos que surgiam, foi necessário segmentar, porque assim se tornava possível falar de tudo para todos aqueles que buscam os assuntos de seu interesse, ou seja, a imprensa se tornou protagonista de um processo social e tecnológico:

Do ponto de vista dos conteúdos, dada a sua vocação de falar do mundo como um “todo”, buscando dar conta desse “todo”, a imprensa, como primeiro grande meio de comunicação jornalístico, sempre esteve fragmentada, falando “genericamente de coisas específicas”. Sua especialidade, pela palavra autorizada e pela fragmentação dos conteúdos, sempre existiu. No entanto, com a introdução de outros meios e, conseqüentemente de outros regimes de produção (de noticiabilidade, visibilidade e periodicidade), tal especialidade passou a bater de frente com a lógica da especialização, ou seja, de uma outra especialidade jornalística (TAVARES, 2009, p. 117-118)

Desta forma, o autor observa que o jornalismo especializado parte de duas perspectivas: a normativa e a conceitual. A primeira trabalha diretamente com

a produção de textos e técnicas do jornalismo, enquanto a segunda parte da formulação teórica, dos conceitos e de como deveria ser um veículo de comunicação especializada.

Na visão de Tavares (2009, p. 10), entende-se o jornalismo especializado como:

[...] uma estrutura informativa que abarca “todo o processo comunicativo” para apresentar a realidade através dos múltiplos âmbitos temáticos que são objeto de tratamento pelo jornalismo (por seus profissionais qualificados em distintos níveis de especialização), satisfazendo aos usuários e às suas demandas.

É possível compreender que a especialização jornalística é a ideia do tratamento em profundidade de um determinado campo de conhecimento. Por exemplo, no caso do Jornalismo Comunitário, o jornalista se aprofunda a respeito dos assuntos de determinada comunidade, domina o conhecimento dessa vertente e transmite com propriedade informações deste segmento.

No entanto, Ferreira (2007, p. 2) aponta que o jornalismo especializado envolve muito mais das essências sociais, ele “[...] evoca para si a responsabilidade e conhecimento do profissional para lidar com as sofisticadas ferramentas de elaboração, tratamento e divulgação da informação jornalística”.

Na prática, recorrendo aos preceitos de Tavares (2009, p. 6), o jornalista não deve transferir para si a função de especialista, pois o papel dele é relatar fatos sobre o mundo, neste caso assuntos especializados, tomando juízo de senso comum para atingir com eficácia a demanda de interesses do público, algo que o especialista não faz. O pesquisador deixa claro ao enfatizar que cada profissão segue os próprios conceitos e se misturados “[...] gera um problema de veiculação de informações”.

Para que não existam interferências na veiculação dessas informações, Tavares (2009) constata que o jornalista precisa, essencialmente, estar amparado não apenas no diploma, comprovando a especialidade de determinada área, mas com boas informações científicas de acordo com sua formação, apresentando conhecimento teórico e técnico, além das experiências profissionais com o tema.

Assim, Ferreira (2007) acrescenta que a publicação especializada pode ser adaptada à criatividade do jornalista com o diferencial de um texto mais agradável e compreensível para o público a que se destina. Tavares (2009, p. 13) complementa que essa área do jornalismo necessita de intermédio dos

conhecimentos acessíveis ao público, buscando não apenas puramente transmiti-los, mas explicá-los de forma contextualizada e com adequação de linguagem. Essa vertente dá aos meios de comunicação a oportunidade de “[...] responder aos desafios do conhecimento em uma sociedade”.

Para melhor entendimento, Tavares (2009) descreve o especializado dividindo-o nos três tópicos seguintes:

- 1) A especialização pode estar associada aos meios de comunicação específicos, como por exemplo: jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo, entre outros;
- 2) Temático, dividindo-se em: jornalismo econômico, ambiental, esportivo, comportamental ou, no caso deste trabalho, comunitário;
- 3) Junção de meios de comunicação e temático, como por exemplo: jornalismo esportivo na TV, jornalismo cultural no impresso e jornalismo político no rádio (TAVARES, 2009, p.116).

Este Trabalho de Conclusão de Curso, segue a descrição do terceiro tópico referente a junção do jornalismo impresso com a temática do comunitário.

Acredita-se, portanto, que a especialização jornalística é uma área de estudo que abrange várias outras, não focando apenas na notícia, mas em uma série de universos temáticos, questões técnicas e segmentos que se tornaram, com o passar dos anos de interesse público. Esse conjunto de temas, técnicas e segmentos apontam para uma “função” do jornalismo que está relacionada à atuação de oferecer elementos de reflexão para a sociedade e pensar na produção de produtos jornalísticos através da recepção dos leitores. (TAVARES, 2009)

Atribui-se, então ao jornalismo, o papel de buscar uma forma de intermediar saberes da sociedade em assuntos especializados ao conseguir construir um discurso noticioso e informacional capaz de promover a junção de conhecimento de uma área de estudo com o entendimento de outro universo científico e do senso comum, disponibilizando ao leitor uma temática informativa (TAVARES, 2009).

A pergunta é, segundo Ferreira (2007, p. 5), a linguagem necessita ser diferente? O autor responde a esse questionamento dizendo que a forma de escrever é mais livre e compreensível, no entanto, deve “[...] preservar os princípios jornalísticos, que vão esbarrar na informação. Se não tiver preocupação em informar, então não é jornalístico”.

A partir deste posicionamento do autor, sobre a importância da

linguagem jornalística, são apresentados no próximo capítulo os elementos que compõe o texto noticioso.

4 LINGUAGEM JORNALÍSTICA

4.1 Elementos do texto jornalístico

Desde 1609 muitas transformações ocorreram no jornalismo impresso. Pena (2005, p. 41) explica que no começo do século XX os jornais eram opinativos, as reportagens apresentavam-se em linguagens retóricas e com cargas ideológicas de seus donos, defendendo explicitamente as posições que tomavam:

Era muito comum que um jornal oposicionista, por exemplo, utilizasse os primeiros parágrafos da narrativa sobre um assassinato para criticar a política pública de segurança do governo. Só na metade do texto é que o leitor descobria quem foi assassinado e qual o local do crime. Não havia objetividade ou imparcialidade [...].

Kovach e Rosenstiel (2004) apontam que a primeira mudança veio do advento da tecnologia e surgimento da internet, seguida da globalização e a conglomeração de negócios informativos. Para as autoras: “À medida que as companhias, especialmente as de comunicação, se tornam corporações sem fronteiras, a noção de cidadania e comunidade tradicional fica obsoleta no sentido comercial. [...]”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 51).

Neste aspecto Sousa (2001, p. 24) explica que:

O jornalismo tornou-se mais noticioso e factual, mas, por vezes, também mais sensacionalista. Selecção e síntese da informação e linguagem actual impuseram-se como factores cruciais da narrativa jornalística, que posteriormente foram transmitidas de geração de jornalistas em geração de jornalistas, configurando-se como traços da cultura profissional [...].

Pena (2005) aponta que outro fator crucial para a transformação na forma de fazer jornalístico foi a mudança estrutural na esfera pública, uma vez que os conteúdos tiveram que corresponder aos interesses de um novo tipo de leitor e, as manifestações nesse setor tornaram-se as causas e consequências da evolução da imprensa. No entanto, o autor ressalta a importância de se diferenciar o sentido de mídia e imprensa:

No primeiro estão incluídos todo o tipo de manifestação cultural presente no espaço público, como novelas e filmes, por exemplo, enquanto o segundo refere-se à produção de notícias [...] Mas como a imprensa está no interior da mídia, sendo também uma de suas manifestações, as influências são mútuas. Representações, leis do mercado, celebridades. O jornalista não pode ignorar esses conceitos. O homem comum não se informa mais pelos

relatos da praça, mas sim pelo o que os mediadores do novo espaço público trazem até ele (PENA, 2005, p. 31).

Lage (2009) ressalta que mesmo com toda essa atualização na maneira de veicular as informações, a função do jornalista não mudou. As técnicas podem ter sido aprimoradas, mas o princípio básico da profissão continua o mesmo. O jornalista está, em primeiro lugar, envolvido com a verificação de fatos para trazer sempre a verdade para seu leitor.

Sousa (2001, p. 13) enfatiza que o principal objetivo de um jornal, antes de qualquer coisa, é informar e as notícias devem “[...] trazer para o espaço público assuntos socialmente relevantes que poderiam passar despercebidos, que são escondidos, os que estão submersos, os que são obscuros”. Essa informação tem de ser precisa, clara, objetiva, simples e transmitida com eficiência, por isso jornalistas se apropriam de técnicas que os auxiliam na construção dos relatos noticiosos.

Primeiramente, Pena (2005) destaca que o lide¹ nada mais é que o relato sintético de um acontecimento apresentado logo no início do texto com o objetivo de responder as questões básicas do jornalismo, sendo estas, o quê, quem, quando, onde, como e por quê. Nesse sentido, o elemento é responsável por anunciar ao leitor em que a narração jornalística irá se debruçar. O autor aconselha cautela na utilização desse recurso, pois acredita “[...] que ele pode significar uma prisão de estilo para muitos talentos em formação. Entretanto, é inegável a transformação do jornalismo mundial a partir de sua utilização [...]”. (PENA, 2005, p. 42).

Em suas pesquisas, Pena (2005, p. 43) afirma que o lide apresenta a função de:

- apontar a singularidade da história;
- informar o que se sabe de mais novo sobre o acontecimento;
- apresentar lugares e pessoas importantes para melhor entendimento dos fatos;
- oferecer o contexto em que aconteceu o evento;
- provocar no leitor o desejo de ler o restante da matéria;
- articular de forma racional os diversos elementos constitutivos do acontecimento;
- resumir a história, de forma mais compacta possível, sem perder a articulação.

¹ Felipe Pena utiliza a terminologia *lide* para se referir ao primeiro parágrafo da notícia, enquanto Jorge Pedro Sousa utiliza a terminologia *lead*.

Nas pesquisas de Sousa (2001), constata-se a existência de várias formas de se estruturar um lead e eles necessariamente devem se adequar a proposta editorial do jornal. O principal fator entre eles é apresentar logo de início a informação mais relevante, porém alguns de suas denominações podem ocultar um pouco essa informação impactante, utilizando frases que prendem a atenção do leitor de forma pontual.

O pesquisador categoriza os elementos entre leads de impacto e soft-leads. Nos leads de impacto encontram-se subdivisões como: Lead de sumário, basicamente no formato do convencional, responde todas as perguntas essenciais do primeiro parágrafo do texto jornalístico; lead de interrogação, inicia-se a frase questionando uma das decorrências do fato narrado no texto; lead de provérbio, utiliza uma frase conhecida do ditado popular para introduzir o texto; lead de ironia, dá início ao texto ironizando uma situação, geralmente ironiza-se “o que”.; lead documento, registra um ato para o futuro; lead de citação, começa o texto com uma citação importante para contribuir com o assunto narrado, geralmente usa-se a citação do “quem”; lead de contraste, faz-se uma contradição dos acontecimento geralmente quando acontecidos no mesmo momento.

Enquanto os soft-leads, Sousa (2001, p. 228) define-os como sendo um lead indireto que “[...] normalmente prepara o leitor para a obtenção dessa informação [...], põe-se a imaginação do leitor a funcionar, transportá-lo mentalmente através do espaço e do tempo, sensibilizá-lo ou atingi-lo emocionalmente”. E também os subdivide em: soft-leads de pormenor, muito utilizado para abrir reportagens; de cenário, narra a cena em que o fato aconteceu; de extravagância, como o próprio nome já indica, inicia o texto com uma frase exagerada; de contraste, diferente do lead de impacto, esse lead de contraste em forma de soft-lead apresenta contradição histórica entre o ontem e o hoje, o passado e o presente, porém de uma forma literária; lead de retrato, descreve rostos ou a forma como o personagem da narrativa se encontra; e lead de suspense ou dramático, cria uma expectativa ilusória no leitor antes de introduzir o tema.

Dentre esses estilos de lides apresentados, o trabalho do jornal comunitário se baseia tanto em leads de impacto quando em soft-leads, como a produção das matérias desse periódico são, em grande maioria, por meio das reportagens, os soft-leads estão presentes nas páginas do impresso, sem descartar a possibilidade de utilizar todos estes em suas edições.

Na sequência narrativa de um texto jornalístico ainda é possível

encontrar o sublide que, por sua vez, é um elemento apresentado logo abaixo do lide, como um segundo parágrafo da notícia. Tem como função deslocar as informações do primeiro parágrafo, em casos que apresentam dados complexos para serem entendidas logo no começo, ou como forma estratégica de administrar os acontecimentos com mais facilidade (PENA, 2005).

Outro elemento utilizado na estrutura de um texto jornalístico é a pirâmide invertida. Nos estudos de Pena (2005) essa forma de escrever prioriza não a sequência lógica, mas uma escala em ordem decrescente dos assuntos mais importantes do material jornalístico. Tem como resultado inicial a apresentação dos fatos mais atraentes e finaliza com aqueles de menor relevância.

A pirâmide invertida surgiu em abril de 1861 em um jornal de Nova York. Devido às dificuldades de transmissão via telégrafo, foi necessário encurtar a informação de modo que pudessem transmitir apenas o essencial da notícia e quem recebesse as informações iniciais já teria conteúdo suficiente para escrever uma matéria. (PENA, 2005).

No jornalismo, Pena (2005, p. 48) explica que:

O nome “pirâmide” foi usada por associação com as pirâmides egípcias, monumentos funerários destinadas às autoridades supremas, especialmente os faraós. Na base eram sepultados os restos mortais dessas autoridades e suas riquezas pessoais – Algumas vezes até escravos acompanham os senhores naquela viagem para o além. A pirâmide é “invertida” porque no jornalismo a base não fica no sopé, mas no topo; e o que seria apenas um arremate nas pirâmides originais, no relato jornalístico, apresenta dados que complementam os essenciais, os clássicos “detalhes” que compõe a matéria. Tudo em ordem decrescente, a ponto de o último parágrafo poder ser eliminado, sem prejuízo do entendimento da matéria, por alguma decisão ligada à diagramação da página.

Outro recurso que merece destaque na linguagem jornalística é a suíte. Erbolato (2008, p. 74) explica que se trata de uma “[...] sequência que se dá a um assunto nas edições subsequentes do jornal quando a matéria é quente e continua despertar o interesse dos leitores”. O autor ainda complementa que trata-se de um elemento de ligação entre um fato noticiado e um acontecimento novo que necessita ser retomado. Esse recurso foi adotado no trabalho ao se verificar que determinado fato ocorrido nos distritos, que já foi noticiado, necessitava de um desdobramento devido às mudanças ou novidades relacionadas ao assunto.

Ainda referente aos elementos do texto jornalístico, Erbolato (2008, p. 76) explica o texto-legenda ao dizer que tem por função, de forma simples, rápida e não redundante, transmitir uma informação. Também é aquele “[...] que se coloca

em uma foto, mostrando, em poucas linhas, o que ela representa”. O autor pontua que esse componente pode ser utilizado em ocasiões que há informações relevantes, mas insuficientes para a produção de um texto ou como chamada de uma matéria, ou ainda quando esta estiver em outra página.

Sobre os títulos, Sousa (2001, p. 201) os categoriza como sendo uma peça jornalística de valor informativo que apresenta a necessidade de ser curto, porém forte, claro e conciso, atual e sedutor. Título é o “[...] primeiro nível informativo de um leitor, e deles depende, em grande medida, a compra e a leitura de um jornal”. Isto é, se o título não for adequado e atraente o suficiente há grandes chances de a matéria ser descartada pelo leitor.

4.2 Técnicas jornalísticas

As técnicas jornalísticas são práticas incorporadas no processo de confecção das notícias de forma que facilite a elaboração de materiais noticiosos. Bahia (1990) as considera como métodos que se aperfeiçoam com o tempo e a cultura, portanto, responsáveis basicamente, pelo sucesso das produções textuais, desde a pesquisa até o produto final.

Cientes da importância das técnicas dentro do fazer jornalístico destacam-se neste tópico as principais estratégias adotadas no dia a dia das redações e que estão incorporadas na construção do Jornal Comunitário dos distritos prudentinos.

Em excelência, a pesquisa é, em primeiro lugar, o elemento base de qualquer trabalho jornalístico, pois por ela, é possível desdobrar fatores importantes como apuração, cruzamento de dados, seleção de fontes e entrevistas.

Lage (2006) questiona a quantidade absurda de informações presentes no cenário contemporâneo e posiciona a pesquisa como um trabalho de seleção dos fatos para colher apenas informações verdadeiras e significantes no produto noticioso. O autor (2006, p. 60) esclarece que quem fizer esta seleção “deterá parcela significativa de poder, sejam governos, empresas nacionais ou internacionais”. Neste sentido, pontua que pesquisa pode ser encarada como apuração, determinando um procedimento essencial em todas as fases de produção da notícia.

Ainda teorizando pesquisa/apuração, Lage (2009) a categoriza como um recurso que traz consigo a função de dar confiabilidade à informação jornalística,

portanto, é o estágio que merece maior atenção. Apuração na concepção do autor é:

A busca de enunciados mais referenciais, concretos, justifica muito do trabalho na apuração de notícias: a hora certa do atropelamento, a placa do carro, o nome inteiro das pessoas, o número do túmulo. Tudo isso terá, no texto, efeito de realidade, isto é, contribuirá para a verossimilhança do relato (LAGE, 2009, p. 54).

A próxima técnica a ser empregada nesse processo é o desenvolvimento da pauta, para tanto, é necessário entender o conceito e sua função no jornalismo. Lage (2009, p. 35) define que o "[...] primeiro objetivo da pauta é planejar a edição". Nela deve constar a maneira que o assunto será abordado por meio de aspectos como a linha editorial adotada; quantidades e tipos de ilustrações utilizadas; tempo de apuração, entrevistas, deslocamento da equipe; tamanho da matéria, dados sobre o assunto, sobre as fontes e informações complementares que poderão auxiliar o repórter na execução da tarefa jornalística.

Na pauta também deve conter: a retranca - nome curto com no máximo três palavras para identificar o assunto; nome do repórter responsável pela matéria; proposta e encaminhamento detalhando os objetivos; os roteiros com tempo de deslocamento e indicações de rotas para chegar ao local indicado, nomes dos entrevistados com telefone e dados sobre eles, bem como os horários das entrevistas e, por fim, o histórico com informações a respeito do assunto com o objetivo de ajudar a contextualizar o repórter sobre o tema pautado e seus desdobramentos (LAGE, 2009).

Em outras palavras, Lage (2009, p. 34) refere-se à pauta como sendo:

[...] a) planejamento de uma edição ou parte da edição [...] com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagem, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulos de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho. b) Cada um dos itens desse planejamento, quando atribuídos a um repórter. Ele dirá "minha pauta", quer a tenha recebido como tarefa, quer a tenha proposto.

O próximo elemento a compor as técnicas jornalísticas são as fontes. "Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público" (LAGE, 2009, p. 49). O papel das fontes é dar veracidade aquilo que está sendo noticiado. Neste sentido, diversos autores questionam a relação entre jornalista/fonte e apresenta formas de

conquistá-las.

Lage (2009) expõe que os motivos que levam uma pessoa a passar uma informação variam:

Em ordem decrescente de legitimidade, essa motivação pode ser uma obrigação moral de manter informada a sociedade; o desejo de se prestigiar junto ao público e aos veículos de comunicação; a intenção de impedir que o fato se espalhe agregado a um versão inconveniente (LAGE, 2009, p. 69).

Por outro lado, Lage (2009) chama a atenção para o fato de que “fontes mentem” ou passam informações por algum interesse próprio, porém vale ressaltar que nem todas são assim. Existem fontes que realmente mostram boas intenções, por mais que nem todas elas confiam falar. A solução apontada por Lage (2009, p. 57) depende do jornalista deixar transparentes seus interesses, visto que “[...] toda conversação depende do que um dos envolvidos imagina que o outro pretende. Se ambos se admitem em boa-fé, procurarão atender as máximas e esperarão, cada qual, que o interlocutor faça o mesmo.”

As fontes de informações são divididas em alguns aspectos e categorizadas por Lage (2009, p. 65-66) como:

Fontes primárias: são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes Secundárias: são aquelas consultadas para a preparação de uma pauta ou construção das premissas genéricas ou contextos ambientais.

As fontes ainda podem se enquadrar em: oficiais, a informação vem das entidades ou autoridades envolvidas com autorização para falar sobre o assunto; fontes oficiosas, aquelas ligadas a algo ou alguém, podem ser consideradas perigosas a medida que falam sem garantir a veracidade do que narram e, por fim, as fontes independentes, que devem ser usadas com cautela por se tratar de pessoas que não possuem relação de proximidade com o fato, mas apresentam algumas informações pertinentes ao material que precisa ser coletado (LAGE, 2009).

Após definidas as fontes de informação de acordo com a proposta da pauta, a entrevista é o próximo passo a ser seguir. Lage (2009) conceitua esse elemento como um procedimento clássico na produção jornalística de maior eficiência que tem por objetivo apurar e dar veracidade por meio de relatos e testemunhos de “olhos humanos” aquilo que averiguado na coleta de dados.

Duarte (2009, p.114) complementa ao definir entrevista como:

[...] uma técnica de diálogo com regras unilaterais: um dos lados faz as perguntas e o outro tem apenas o direito de respondê-las. Embora uma das máximas do jornalismo seja “perguntar não ofende”, é preciso ver como e em que circunstâncias a questão é proposta. Quando se dá o diálogo verdadeiro com a fonte, ambos os lados trocam ideias e tentam desenvolver um raciocínio, sempre em favor do público.

Para Erbolato (2008, p.157), a prática da entrevista exige do profissional domínio sobre o assunto e tranquilidade na hora de desempenhá-la. É preciso conduzir a conversa de forma calma, ordenada, ouvindo o entrevistado, compreendendo-o e formulando as perguntas a partir do que se pretende apurar.

Na visão de Sousa (2001, p.235), a entrevista de coleta de dados precisa se diferir da entrevista como gênero jornalístico, uma vez que esta última “[...] corresponde à transposição das perguntas e respostas feitas durante a entrevista, enquanto técnica de obtenção de informações, para um determinado modelo de enunciação” e a entrevista quanto método de obtenção de dados não se desgarra do fazer jornalístico, porém na sua apresentação não apresenta todos os dados coletados.

Sousa (2001, p. 236) classifica as entrevistas como:

1) Quanto a origem, encontram-se as entrevistas de rotina, aquelas do dia a dia e entrevistas caracterizadas de grande porte ou importância para o jornal.

2) Quanto ao estilo: entrevista de pergunta-resposta, aquela que uma pergunta do repórter dá abertura para a resposta do entrevistado e em discurso indireto, quando as repostas do entrevistado estão integradas em um texto com outras informações.

3) Quanto aos entrevistados podem ser divididas em: entrevistas individuais, aquelas com um único entrevistado e coletiva ou de grupo, quando existe mais de um entrevistador.

4) Quanto aos entrevistadores: entrevista coletiva, aquelas de um ou vários entrevistados há um ou vários entrevistadores e, pessoal e exclusiva, quando um entrevistado cede informações para um ou mais entrevistadores.

5) Quanto ao tipo: entrevista de personalidade, aquela que busca revelar o modo de ser, pensar, viver de uma única pessoa; de declaração, quando busca informações de uma pessoa sobre determinado tema ou assunto; entrevista mista, as que mesclam características da entrevista de declaração com a de personalidade.

6) Quanto ao tamanho: entrevista curta, aquela de pequena dimensão

e grande entrevista, aquela de grande dimensão que geralmente é submetida a uma pessoa pública.

No presente Trabalho de Conclusão de Curso foi possível adaptar as essenciais entrevistas de rotina, pergunta-respostas, individuais, coletivas, de personalidade, de declaração, mista, curta ou grande entrevista, visto que a parte prática do trabalho consistiu em um jornal impresso que relatou as informações dos distritos; portanto, essa técnica jornalística tornou-se essencial para a obtenção destas informações.

4.3 Notícia

Este subtópico visa apresentar a matéria-prima do jornalismo, que é a informação, e como ela é abordada em periódicos comunitários. A notícia surgiu do instinto básico do ser humano de querer saber tudo o que acontece em sua volta, para assim, organizar e ordenar suas tarefas. Para Marques de Melo (apud PENA, 2012, p. 69), “A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”.

Precisamos de notícias para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros, identificar amigos e inimigos. O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer essas notícias. Por isso nos preocupamos com a natureza das notícias e do jornalismo de que dispomos: influenciam a qualidade de nossas vidas, nossos pensamentos, nossa cultura. [...]. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 18).

Para complementar, Lage (2009, p. 73) diz que notícia é o relato a partir do aspecto mais importante ou interessante de uma série de fatos. “A estrutura da notícia é lógica; o critério de importância ou interesse envolvido em sua produção é ideológico: atende a fatores psicológicos, comportamentos de mercado, oportunidade, etc”.

A notícia ajuda na construção da realidade e os jornalistas que a produzem levam em consideração uma “[...] série de operações e pressões sociais, que constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la. [...]”. (PENA, 2005, p. 128).

No jornalismo, de acordo com os pensamentos de Erbolato (2008), é preciso ter em mente que o jornal é o livro do povo e por esse motivo recomenda-se clareza e simplicidade na escolha de fatos e na forma de contá-los.

Os jornais devem ser lidos com rapidez e facilidade, especialmente levando-se em conta que, entre os leitores, há pessoas de todos os níveis de instrução. Deve-se considerar que a vida moderna não permite uma leitura com todo o conforto e dispendo de muito tempo. (ERBOLATO, 2008, p. 137).

Com isso, percebe-se que notícia em um jornal deve ser atrativa e de fácil compreensão para conquistar a simpatia e captar o interesse dos leitores. Necessitam ainda, seguindo os pensamentos de Erbolato (2008), ser de interesse humano, mostrar dificuldades, lições de vida e trazer aproximação do leitor com o fato.

Essas notícias ainda podem ser complementadas com as chamadas informações domésticas como: telefones úteis (bombeiro, prontos-socorros, oficinas mecânicas, estação rodoviária), horários de funcionamento de museus, hospitais, escolas, restaurantes abertos e fechados, farmácias de plantão, cursos, palestras, jornadas e exposições. (ERBOLATO, 2008).

Existem também várias outras formas de se criar notícias como: “[...] informar onde podem ser passadas as férias, descrever viagens, instituir concursos e conceder prêmios, manter polêmicas, divulgar cartas recebidas, verificar qual a repercussão (no país ou na cidade) de fatos ocorridos no exterior [...]”. (LEVY apud ERBOLATO, 2008, p. 177).

Ao compreender que as notícias de um periódico do interior voltado para as comunidades devem atender aos critérios de fácil compreensão e de interesse do público-alvo, são adotadas, na produção do jornal comunitário dos distritos, as considerações dos autores apresentadas a respeito da confecção de notícias de acordo com a realidade local.

4.4 Reportagem

Sousa (2001, p. 259) define que “se a notícia é o gênero básico do jornalismo, a reportagem é o seu gênero nobre, o gênero jornalístico por excelência”. Dessa forma, esclarece que o objetivo da reportagem é informar com profundidade até o esgotamento da história. É um espaço apropriado para expor causas e consequências de um fato, contextualizar o leitor, interpretar, aprofundar o assunto e, acima de tudo, caracteriza-se pela possibilidade de ser escrita com o estilo próprio do jornalista.

Sob outra perspectiva, Lage (2006) acrescenta que reportagem é um gênero jornalístico diferente da notícia, pois não cobre apenas um fato singular, mas

faz o levantamento de um assunto ou do relato de um episódio grande e complexo. Uma das diferenças entre ambas inicia-se na construção da pauta. Enquanto que na notícia a pauta se apresenta como indicações de eventos programados ou continuação de fatos já ocorridos que esperam desdobramentos, nas reportagens exige-se um nível maior de planejamento, como por exemplo, “[...] indicar de que maneira o assunto será abordado (a linha editorial); prever que tipo de ilustração, e quantas, a reportagem terá; precisar o tempo de apuração, os deslocamentos da equipe, o tamanho e até a linha editorial da matéria [...]” (LAGE, 2006, p. 55). O autor destaca que só é possível a realização de todo esse planejamento dispondo-se de dados que os sustente.

Outra diferença entre notícia e reportagem é a liberdade de redação, o estilo de texto pode variar entre o assunto, veículo e público. Ao escrever uma reportagem, o jornalista tem a liberdade de apresentar os dados de forma decrescente, seguindo a lógica da pirâmide invertida, mas também narrar uma história com características de um romance. Decorrente a isso, o autor enfatiza que existem reportagens que predominam a investigação e o levantamento de dados e outras que destacam a interpretação. (LAGE, 2006).

Em relação ao desenvolvimento da reportagem, Sousa (2001) indica que pode ser por ordem de enumeração dos fatos, pela descrição de detalhes, pelo confronto de fontes ou opiniões, por comparação de dados, pela exemplificação de um acontecimento, pela causa-efeito de um fato, por definição de um conceito, pela ordenação cronológica ou espacial, por cena a cena, pela reflexão do tema abordado, pela introdução de um diálogo, pela caracterização de um personagem ou de um espaço físico e ainda por aceleração para narrar fatos em tempos cronológicos diferentes. De acordo com as necessidades e da complexidade da reportagem, pode apresentar-se mais de um elemento, porém sempre um irá predominar.

Neste aspecto, Sousa (2001) classifica as reportagens com características mistas ou híbridas e as elencam nas seguintes categorias:

1. Quanto à origem: encaixam-se as reportagens de rotina, aquelas relacionadas ao dia a dia; reportagem imprevista, que exige grande capacidade do jornalista por ser factual e a reportagem planejada, que são àquelas agendadas com antecedência.

2. Quanto à enunciação: enquadram-se as reportagens em primeira pessoa, que evidencia a perspectiva pessoal do repórter sobre o assunto, e as

reportagens em terceira pessoa, quando o repórter assume o papel de observador externo da realidade.

3. Quanto ao tipo: aparecem as reportagens de acontecimento, referente não apenas ao fato em si, mas com as possíveis consequências e pessoas envolvidas; reportagem de personalidade, o tema central é a pessoa bibliografada; reportagem temática, geralmente escrita por jornalistas especializados sobre um tema central. Dentro da reportagem temática existem vários outros tipos característicos, como: reportagem desportiva, científica, de viagens, parlamentares, políticas, econômicas, empresariais, de interesse humano, de costumes e tradições, cultural, histórica e a reportagem mista que integra vários elementos dos tipos de reportagens anteriores em um único material.

4. Quanto ao tamanho: existe a reportagem curta, de pequena dimensão e a grande reportagem, pode ocupar várias páginas de um jornal e serem subdivididas em peças menores para facilitar a leitura.

5. Quanto às características estéticas e formais: lista-se a reportagem narrativa, o jornalista conta uma história; descritiva, caracteriza-se por pessoas, acontecimentos, fenômenos, objetos e lugares; explicativa, para àqueles fatos de difícil compreensão; de citação, depoimento de terceiros e a reportagem mista, possibilita utilizar mais de um elemento citado nessa categoria.

6. Quanto à linguagem: aparecem reportagens informais, uso da linguagem coloquial; formal, linguagem culta da Língua Portuguesa e, por fim, a reportagem técnica, aquela que envolve especialistas para falar de assuntos técnicos.

Dentre estas categorias elencadas por Sousa (2001), foram adotadas na produção do jornal comunitário dos distritos prudentinos as seguintes reportagens: Quanto à origem, utilizou-se a reportagem de rotina, pois foram abordados assuntos do cotidiano dos moradores, tais como, trabalho, lazer, educação, transporte público, saúde, economia e afins. Quanto à enunciação, empregou-se o uso da terceira pessoa do singular para que os relatos fossem narrados de forma imparcial à carga ideológica do jornalista. Este apenas tomou a posição de observador da realidade e noticiou com verdade o fato tal como ocorreu. Quanto ao tipo, enquadrou-se a reportagem mista que agrega os elementos de acontecimento, personalidade e temática, visto que foram noticiados acontecimentos gerais dos distritos, bibliografados personagens com histórias de destaque e abordados assuntos político-econômico-social. Quanto ao tamanho, utilizou-se as

reportagens curtas ou grandes de acordo com as necessidades dos temas abordados. Quanto às características estéticas e formais, apropriou-se da reportagem mista que incorpora os elementos narrativo, descritivo, explicativo e de citações. Por fim, quanto à linguagem foi aplicada a informal, visto que o público-alvo são pessoas simples e esse estilo aproxima e cativa mais o leitor do jornal.

4.5 A escolha do impresso

Para discutir a relevância deste Trabalho de Conclusão de Curso torna-se necessário levar em consideração a plataforma escolhida: o jornal impresso. Por meio de questionário aplicado nos dias 18 a 20 de novembro de 2016 com 5% dos moradores dos quatro distritos, que equivale ao total de 201, e da pesquisa de observação sistemática feita pelos integrantes do grupo, constatou-se que o jornal impresso é a plataforma que melhor se adequa à realidade dos moradores.

Em relação ao rádio, não existe uma emissora comunitária nas localidades – descartando assim a produção dessa mídia, neste trabalho. O questionário também apurou que 60% dos moradores usam o meio radiofônico apenas para entretenimento. Na internet também não é viável a criação de um canal jornalístico porque nem toda a população tem acesso a plataforma. Embora exista *wi-fi* gratuito nas localidades, os moradores apontam má qualidade no sinal por se tratar da distribuição via rádio com limite de 2MB por pessoa, além de que o maior foco, por parte dos moradores, na web são as redes sociais. Já os telejornais atingem um grande número de pessoas, porém não é possível, economicamente, a criação de um canal jornalístico nos distritos porque existe grande dificuldade de implantação nas tevês da cidade por serem afiliadas às grandes redes de comunicação.

Sobre a mídia impressa, 89% dos entrevistados aprovam a ideia da criação do jornal, embora somente 27% sejam leitores ativos. Os que não têm hábito de ler jornal, justificam-se pela falta de bancas para comprar o produto e porque os periódicos nunca trazem informações de interesse local. Existe também um projeto do jornal *O Imparcial* intitulado “Jornal na Escola”, no qual os professores utilizam o jornal impresso como material pedagógico e distribuem para as crianças, moradoras dos distritos, levarem até suas casas para lerem com os familiares e discutirem posteriormente em sala. Isso já facilita o contato dos moradores com o veículo, o fácil manuseio e a aprovação do mesmo, além de servir como um estímulo à leitura.

Não seria possível também, a elaboração de um suplemento para o Jornal na Escola, uma vez que na observação sistemática realizada pelos pesquisadores foi constatado que a população sente-se esquecida pelo principal veículo impresso da cidade, além de que o Jornalismo Comunitário não se iguala ao mercado atual e este trabalho se propõe elaborar um periódico que priorize, especificamente, a realidade dos moradores dos distritos.

Dessa forma, justifica-se o impresso como veículo jornalístico comunitário para o desenvolvimento deste trabalho. O papel é a plataforma pioneira do jornalismo na qual foram documentados vários relatos da sociedade e tendo em vista que existe pouco material histórico sobre os distritos, esta é a possibilidade de criar um acervo sobre essas localidades que poderá, futuramente, ser usado como documento. Também há oportunidade de estímulo ao hábito de leitura dessas pessoas por se tratar de informações que lhes atraem, tornando a leitura possivelmente prazerosa. Por isso, pretende-se a aproximação do público com relatos noticiosos.

No próximo capítulo, os autores dão início ao estudo teórico que tem como espinha dorsal os conceitos, técnicas e aplicações do Jornalismo Comunitário.

5 JORNALISMO COMUNITÁRIO

Para melhor compreender a espinha dorsal deste Trabalho de Conclusão de Curso é necessário apresentar os conceitos que norteiam esse campo de estudo da comunicação e o contexto histórico do surgimento desta forma de fazer jornalismo.

Entende-se por movimentos populares, segundo Peruzzo (2004), as manifestações e organizações que têm como objetivo promover a conscientização, a organização e a ação de grupos das classes subalternas e visa satisfazer os interesses e as necessidades destes, como: melhorar o nível de vida, por meio do acesso às condições de produção e de consumo de bens de uso coletivo e individual, promover o desenvolvimento educativo e cultural, contribuir para a preservação do meio ambiente, assegurar a garantia de poder e, o mais importante para surgimento da comunicação em estudo, exercitar os direitos de participação política e ampliar a conquista de direitos da cidadania, não apenas para uma pessoa, mas para todo o conjunto desses segmentos considerados excluídos, ou seja, de uma comunidade.

Na visão da autora, essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura das organizações populares perpassada por canais de comunicação e se caracteriza como um processo que vem da ação dos grupos populares. Ademais, os movimentos populares:

Podem tanto ajudar no planejamento, na manutenção e na elaboração do jornal quanto serem importantes fontes de informações. É importante que o jornal esteja vinculado a pelo menos um movimento ou associação comunitária, além de não se distanciar deste e dos outros movimentos sociais².

As manifestações populares refletiram nos anos de 1990, quando a comunicação passou a ser vista como direito do cidadão, pois se torna um mecanismo que ajudou a democratização dos meios de comunicação ser colocado em prática. (PERUZZO, 2007, p. 5)

O indivíduo conquistou o direito à informação ou à liberdade de informação e expressão, disposto nas leis jurídicas³ de livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação. Esse direito à comunicação não

² Marília Cecília Krohling Peruzzo. Jornalista. Entrevista sobre Jornalismo Comunitário. 3 mar. 2017

³ Art. 5º IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

significa apenas o acesso à informação como receptor, mas também como a condição social de emissor, produtor e difusor de conteúdo informativo, possibilitando a democratização do poder de comunicar.

O acesso à informação e aos canais de expressão é um direito de cidadania. Faz parte dos direitos da pessoa. Um direito de primeira geração, ou seja, se circunscreve à dimensão civil da cidadania que assegura, entre outros direitos, o de liberdade de opinião e de expressão de ideias, convicções, crenças, etc. Um direito de segunda geração, ao prever o acesso a bens. Mas, é também um direito de terceira geração, ao deslocar-se da noção de direito do indivíduo para direito coletivo; direitos de grupos humanos, dos movimentos coletivos, e em suas diferenças (PERUZZO, 2007, p. 13).

Peruzzo⁴ reitera que o jornal que se insere numa dinâmica comunitarista como necessidade de expressão, funciona como facilitador dos processos de mobilização, organização e ação das comunidades.

5.1 Jornalismo Comunitário e Popular

Para dar continuidade ao assunto e entender como funcionam tais movimentos, é preciso fazer um adendo ao termo “comunitário” que vem sendo empregado para caracterizar diferentes processos de comunicação, desde formas de comunicação do povo até experiências da mídia comercial, portanto se torna necessário refletir sobre os princípios que norteiam o estudo da comunicação de comunidades. A área está em constante avanço de estudo e pode-se confundir com outros vieses, como, por exemplo, o jornalismo popular. Para diferenciá-los é preciso ter em mente, segundo os pensamentos de Ribeiro e Ortiz (2007, p. 4), que “[...] o jornal comunitário deve atender às demandas de uma determinada região [...] enquanto o jornalismo popular produz conteúdo de maior abrangência entre as massas”. Uma forte distinção entre eles é que o Jornalismo Comunitário tem como função social o resgate da identidade individual e coletiva da sociedade na qual está inserido, procurando também despertar o que os pesquisadores chamam de “sentimento de pertence” do cidadão pela sociedade onde vive.

Nos pensamentos de Sequeira e Bicudo (2007) é importante observar que mesmo o jornalismo comunitário tendo uma aproximação com o popular, o de serviço, ligado a movimentos sociais, o alternativo, o de bairro, trilha caminhos próprios e específicos. No jornalismo comunitário é o local quem dita as regras para

⁴ Marília Cecília Krohling Peruzzo. Jornalista. Entrevista sobre Jornalismo Comunitário. 3 mar. 2017

o funcionamento do veículo, ou melhor, através do lugar onde a imprensa está implantada que surgem as pautas. Ele assume o controle informacional daquela determinada área restrita e não se importa, em comparação com a imprensa tradicional, em ser considerado pequeno, de conversar com números limitados. Pelo contrário, é visto como veículo de melhor qualidade, uma vez que fala com uma parte específica do seu público e se aproxima dele despertando uma relação mais íntima, isso possibilita um diálogo mais aprofundado e intenso.

Um dos objetivos do jornalismo em questão é a possibilidade de falar com seu público de forma mais próxima, e “[...] assuntos que estão mais perto da região onde vive a comunidade tendem a ter prioridade no noticiário.” (SEQUEIRA; BICUDO, 2007, p. 9). Nessa visão, os estudos de Freitas (2006) apontam que a relação entre jornalismo comunitário e comunidade é extremamente próxima, porque não é possível existir um sem o outro, portanto, torna-se essencial pautar assuntos de interesse dela, valorizando a cultura local e suas particularidades. Mas não se restringe apenas a isso. No comunitário é preciso entender que comunidade e jornalista atuam juntos para produzir informações com responsabilidade social e discutir questões importantes para todos. Porém é sempre necessária a supervisão do profissional de jornalismo.

Gonçalves (2014) complementa que a comunicação popular que demanda o jornalismo comunitário representa uma forma alternativa àquela monopolizada pela grande imprensa. Esse novo meio irá se caracterizar como um tipo qualquer de mídia; porém, apresentará um processo desvinculado de apoio governamental e de grandes empresas que focam no interesse comercial. Qualquer apoio que tem o lucro como objetivo final não é aceito neste tipo de jornalismo. Pinto (2001, p.7) explana com clareza que “[...] um jornal de bairro, que é feito por poucas pessoas, visando o público de determinada comunidade e tendo por objetivo o lucro, pouco tem de comunitário”.

Já de acordo com Paiva (2003) o Jornalismo Comunitário, portanto, torna-se um espaço livre de intencionalidades comerciais em que a população discute assuntos de seu interesse, sem que nenhuma parcela daquela comunidade fique excluída e nem seus problemas esquecidos ou abafados pela emergência das grandes mídias:

A proposta da comunicação comunitária passa necessariamente pela revisão do conceito de comunidade, bem como pela análise da possibilidade de inserção dessa estrutura na atualidade [...] A proposta comunitária surge como nova possibilidade de socialização, com o propósito

de fazer frente a um modelo econômico em que o número dos excluídos parece cada vez mais ampliada (PAIVA, 2003, p. 26).

Assim, Pena (2005, p. 187) chama a atenção para a participação do jornalista desse meio, pois este, para promover a conquista da cidadania e a democratização da informação precisa estar inserido no contexto daquela comunidade e enxergar com os olhos dela, objetivando apropriar-se dos processos de mediação do grupo e fazer valer suas identidades e valores. Peruzzo⁵ completa ao dizer que o jornalista deve atuar como facilitador no processo dos produtos jornalísticos, porém não pode:

[...] assumir para si mesmo e sozinho a tarefa que pode ser desenvolvida por pessoas da própria comunidade, a menos que esta delegue ao comunicador externo tal atribuição e, mesmo assim, não se pode perder a noção de vínculo e nem se distanciar da mesma. Ou seja, é possível fazer jornalismo comunitário sem reproduzir o padrão do jornalismo tradicional, se a pessoa estiver disposta a reaprender e abrir-se ao trabalho coletivo.

Referente aos temas que permeiam os estudos sobre a imprensa comunitária, Wondracek (1978, p.11) enfatiza que a cada dia o interesse público está se voltando menos para as notícias e mais para a participação do povo resultando na valorização de fatos locais e não em assuntos mais distantes da realidade das pessoas. Por meio disso “[...] mais claro se torna a finalidade do jornalismo do interior que é realmente de comunicar, isto é, formar uma comunidade”.

Ainda em seus pensamentos, a pesquisadora abre uma reflexão de que comunitário não é apenas o sentido de tomar as iniciativas e reivindicações de uma comunidade, mais do que isso, é despertar o espírito participativo nos indivíduos “[...] para atuar construtivamente através da palavra escrita, no sentido de formar e enriquecer a comunidade humana”. (WONDRADÉCK, 1978, p. 12).

A respeito do espírito comunitário e da participação popular, Peruzzo (2005) esclarece que isso ajuda a ampliar o *status* de cidadania do indivíduo porque se trata de uma comunicação mais próxima, na qual a pessoa tem como fonte a sua realidade e os acontecimentos da sua própria localidade:

A participação popular nas experiências mais avançadas da comunicação comunitária representa um avanço significativo da democracia comunicacional. Ela é essencial nas organizações populares que ajuda a

⁵ Marília Cecília Krohling Peruzzo. Jornalista. Entrevista sobre Jornalismo Comunitário. 3 mar. 2017

ampliar o exercício da cidadania. A comunicação comunitária tem o potencial de contribuir para a ampliação da cidadania não só pelo conteúdo crítico-denunciativo-reinvidicatórios e anunciativos de uma nova sociedade, mas pelo processo de fazer comunicação. (PERUZZO, 2005, p.17)

Desse modo, Peruzzo⁶ aponta que o jornalismo comunitário pode se expressar em diferentes vertentes:

Aquele feito com a participação ativa dos membros das comunidades e destinado a elas próprias se constitui em um instrumento para a ampliação do exercício da cidadania. Da cidadania comunicacional (direito de comunicar) e em suas outras dimensões, pois esta pode ajudar na realização de outros direitos. Por exemplo, um jornalzinho pode contribuir no processo de mobilização e lutas por melhorias no atendimento médico local. O jornal comunitário se reveste de importância tanto pelos conteúdos transmitidos ao tratar de temas locais vinculados à situação e aos interesses das pessoas de uma determinada localidade ou comunidade, além de servir de mediação a um processo de ampliação de conhecimento sobre o entorno e sobre o fazer comunicacional.

A autora ainda acrescenta que introduzir o cidadão no pensamento, produção ou elaboração das notícias é fundamental para ajudar a ampliar o poder de comunicar. Reflete que os meios de comunicação são bens públicos que pertencem a sociedade e por isso devem ser pensados pela coletividade. Assim, elenca níveis de participação nos quais serão tomados como referência para a execução desse trabalho.

5.2 Níveis de participação popular

As pesquisas de Peruzzo, consideradas referência no assunto, apresentam diversas maneiras de participação nos meios de comunicação, uma vez que, para ser efetivamente comunitário, há a necessidade da presença do indivíduo em pelo menos algum momento do processo produtivo.

Enquanto Siqueira e Bicudo (2007) reforçam que, no processo de produção do jornalismo comunitário, a comunidade tem a obrigação de atuar diretamente e participar ativamente, junto com o jornalista, em todo o fluxo produtivo.

Ao telefonar para uma emissora de rádio, por exemplo, e pedir uma música ou simplesmente conversar com o locutor, já se torna participação. Quando você concede uma entrevista a um jornal, também é participação. Se por acaso sua imagem for usada por um fotógrafo ou cinegrafista e exibida na mídia, você também está participando. Isso é comum e importante para a mídia tradicional, mas quando

⁶ Marília Cecília Krohling Peruzzo. Jornalista. Entrevista sobre Jornalismo Comunitário. 3 mar. 2017

se fala em jornalismo comunitário outras formas são possíveis. Segundo Peruzzo (2005), não basta apenas a abertura de canais, é necessário incentivar e facilitar a participação popular por meio de um método que privilegie a participação e vá crescendo em qualidade.

Para melhor compreensão, Peruzzo (2007) elencou níveis de participação popular que podem ser escolhidos e adaptados aos veículos de comunicação comunitária:

a) Como receptores de conteúdo: É uma participação passiva que interfere indiretamente nos conteúdos do veículo, o que ajuda a dar audiência.

b) Participação nas mensagens: considerado nível elementar de participação, quando a pessoa dá entrevista, pede música, mas não participa das decisões sobre a edição ou transmissão do veículo comunitário.

c) Participação na produção e difusão das mensagens, materiais e programas: nível ápice de participação popular quando é possível fazer com que o indivíduo elabore, edite e transmita conteúdos informativos dentro de um jornal, revista, TV, rádio ou qualquer outro meio jornalístico de produção comunitária.

d) Participação no planejamento: possibilidade de envolver as pessoas na política de desenvolvimento do veículo, na elaboração de formatos, programas, objetivos e princípios da gestão.

e) Participação na gestão: consiste na possibilidade de envolvimento no processo de administração e controle de um meio de comunicação comunitária.

É importante ressaltar que essas participações implicam grande envolvimento e maturidade política por parte das pessoas que a realizam. Sobre isso, Peruzzo (2007) ainda discorre a cerca de três diferentes modalidades de participação popular que podem ser observadas pela sociedade:

A primeira dela diz respeito a modalidade de não-participação, na qual a postura do indivíduo é a de espectador, sujeito ao poder da outra. A segunda modalidade consiste em uma participação controlada, acontece em um mecanismo de cima para baixo, significando que o indivíduo limita a sua participação dentro de determinados aspectos. Enquanto a terceira e última refere-se a participação-poder favorecendo uma atuação democrática, autêntica e com autonomia, dessa forma, o poder torna-se compartilhado, possibilitando o crescimento individual da pessoa e da organização coletiva (PERUZZO, 2007).

Essa última, segundo a autora (2007) se divide em duas formas: participação-poder de co-gestão, na qual o indivíduo atua de forma ativa na tomada

de decisões e auto-gestão que possibilita participação direta da população nas organizações do trabalho da empresa jornalística, ou seja, na tomada de decisões.

Tendo como base as concepções de Peruzzo (2007), as categorias que melhor se encaixaram neste Trabalho de Conclusão de Curso, foi a participação na produção e difusão das mensagens, materiais e programas, na modalidade de co-gestão, uma vez que uma das propostas desse projeto era abrir espaço para a inserção de materiais produzidos pelos moradores, tais como: textos, poesias, desenhos, crônicas ou qualquer tipo de informativo jornalístico que contribua para as notícias do jornal.

Dessa forma, como destacam Ribeiro e Ortiz (2007), são práticas como essas que tornam possível proporcionar ao cidadão o direito de exercer uma comunicação ativa, em que ele não é apenas passivo de informação, mas parte construtiva. Portanto, fica evidente que o jornalismo comunitário tem uma atenção especial para com o indivíduo, tornando-o um ser importante dentro do sistema da comunicação comunitária fazendo com que o exercício da cidadania contribua para aspectos motivacionais, ajudando até mesmo elevar sua autoestima.

5.3 A comunicação popular, comunitária e alternativa

O Jornalismo Comunitário é uma subárea da comunicação comunitária que também pode ser classificada, por alguns pesquisadores, como comunicação popular e alternativa. Várias denominações circundam esses termos, porque alguns de seus aspectos e características apresentam similaridades, tanto em relação ao contexto histórico de surgimento, quanto na sua elaboração. Para melhor compreensão dessas denominações, faz-se necessário a apresentação da comunicação popular, comunitária e alternativa com a finalidade de encontrar uma relação com o principal estudo deste trabalho, no caso, o comunitário.

Ao apresentar a comunicação popular, Peruzzo (2006) explica que o termo representa uma forma alternativa de comunicação que surgiu dos mesmos movimentos históricos da década de 70 e 80. Essa nova forma de comunicar também foi denominada como alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, mas variam de acordo com o contexto social e a maneira como cada uma é colocada em prática.

Diversos autores latino-americanos que se debruçaram a estudar a comunicação popular (KAPLUN, 1985, p. 7 apud PERUZZO, 2006, p. 3) refere-se ao

tema como uma “[...] comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista [...]”, e por isso, pode ser confundida com o termo comunitário, uma vez que na comunicação de uma comunidade é necessário ter o povo como originador de materiais com assuntos especificamente voltados à própria realidade. O autor ainda analisa que as mensagens produzidas por esse tipo de comunicação tem o efeito de fazer com que o povo tome consciência da sua realidade, propiciando uma reflexão e discussão entre os mesmos. Torna-se, portanto, um instrumento de educação popular, alimentado por um processo educativo e transformador do indivíduo.

Advindo de um contexto no qual a população da classe subalterna reivindicava seus direitos manifestando sua insatisfação pelas condições precárias em que viviam, quando nem mesmo o poder de se expressar era permitido, criaram-se veículos alternativos aos da mídia convencional, dando origem a uma comunicação alternativa. Depois disso, foram criados jornais, rádios e até mesmo TV's produzidas pelos setores populares e sem vínculo algum ou controle do Estado, por isso são classificados como alternativos. O objetivo era ter a possibilidade de fazer parte da informação de forma ativa, não apenas como receptores. Essa característica de participar da construção da notícia se enquadra na comunicação em estudo, uma vez que o comunitário é caracterizado pela participação popular na elaboração e na emissão de informações do veículo (PERUZZO, 2006).

Desde o final do século passado se tornou comum, no Brasil, o emprego da expressão comunicação comunitária para identificar a troca de informações que acontecem entre segmentos excluídos da população e que visa atingir interesses e necessidades de sobrevivência e de participação. Porém, Peruzzo (2006, p. 2) acredita que o termo comunitário pode ser considerado de uso problemático e necessita atenção na sua definição, pois ele tende a se referir a processos diferentes entre si. De acordo com a autora, na prática, a comunicação comunitária incorpora conceitos e reproduz atividades da comunicação popular, por isso é mais fácil de confundir-se e destaca que a imprensa tradicional também acaba utilizando o termo para definir algumas de suas atividades.

Diante de análises, a pesquisadora identificou a comunicação comunitária no termo comunicação popular quando constatou que “[...] o adjetivo ‘popular’ denotou-se tratar-se de ‘comunicação do povo’, feita por ele e para ele, por meio de suas organizações e movimentos emancipatórios visando à transformação

das estruturas e condições desumanas de sobrevivência.” (PERUZZO, 2006, p. 2). A autora ainda complementa que comunicação comunitária pode ter vários significados, mas a define como “[...] a que tem o ‘povo’ (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário [...]” (PERUZZO, 2006, p. 9). Nesse sentido, a autora afirma que:

Por tudo que já foi analisado, a comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania. Engloba os meios tecnológicos e outras modalidades de canais de expressão sob controle dos movimentos e organizações sociais sem fins lucrativos. Em última instância, realiza-se o direito à comunicação na perspectiva do acesso aos canais para se comunicar (PERUZZO, 2006, p. 9-10).

A comunicação comunitária transforma-se em uma força a partir do momento em que se estabelece uma união do senso comum pelo que se chama de “comunitarizar” a informação. (PAIVA, 2003). Sendo assim, a interpretação do mundo real, a capacidade do ser humano em fazer parte da construção e intervenção da realidade traz privilégios para o próprio indivíduo na dinâmica social.

Pizaia (2003) destaca que um dos objetivos da participação popular e da comunicação comunitária é ter consciência sobre a cidadania. Em outras palavras, o fato de o indivíduo fazer parte da construção desse Jornalismo Comunitário não visa apenas o conhecimento de ser cidadão, mas vai além da atividade de cumprir com seus direitos e deveres no dia a dia perante a sociedade em que eles vivem.

5.4 Funcionamento de um veículo comunitário

Quando se reflete sobre o andamento de um veículo comunitário é preciso ter em mente que ele se torna o principal meio de expressão social da comunidade onde está inserido. De acordo com Alves (2004), em seu estudo sobre a comunicação comunitária como alternativa à democratização dos meios de comunicação, o veículo procura valorizar o cidadão daquela região e as atividades desenvolvidas e, sobretudo, deve abrir espaço para os mais diversos assuntos de interesse da comunidade e debatê-los de forma democrática, aberta e diversa. “Um veículo comunitário é [...] um forte instrumento para a melhoria das condições de vida, do grau de informação e da consciência crítica da população, [...] da sociedade

como um todo” (ALVES, 2004, p. 12).

Algo fundamental para a consolidação de um jornalismo desse aspecto é a produção de conteúdos que tragam novos e inclusivos olhares sobre a coletividade e sobre o próximo (PAIVA, 2003). Sobretudo, a estrutura de um veículo de comunicação comunitária segue padrões diferentes dos veículos comerciais, tendo em vista que seu conteúdo traz uma mensagem direcionada para o local de circulação, “[...] pois o que é dito ali possui efeito direto sobre a vida das pessoas, não tem nenhuma semelhança com o fenômeno do falatório [...]” (PAIVA, 2003, p. 55).

Peruzzo⁷ aponta que para se conseguir o envolvimento ativo e com regularidade dos cidadãos é preciso “[...] facilitar a participação das pessoas desde o início, desde a criação do projeto e da tomada de decisões sobre nome, objetivos, formato, formas de distribuição etc., além de garantir a participação ativa nas demais fases do fazer jornalístico”, logo é necessário a criação de canais de participação e encontros regulares para debate de pautas. A autora ainda reforça que, em geral, os assuntos abordados no jornal comunitário são aqueles relacionados ao cotidiano e a vida da comunidade, bem como problemas em relação aos serviços públicos, violência, falta de postos de saúde, transporte público. No entanto, histórias boas também devem permear nas editoriais:

[...] há que se prestar atenção também as coisas boas que acontecem nas localidades, que em geral pouco se comenta. Ou seja, as iniciativas inovadoras (de ONGs, escolas, associações etc.) que desenvolvem projetos sócio educativos naquela realidade pode se constituir em pauta periódica ou constante de um jornal comunitário. Pode-se ainda prestar atenção aos aspectos históricos (origens, resgate de acontecimentos, personagens importantes que residem no local etc.) como forma de ajudar a reconstituir a memória e a construir a história presente. O passado ajuda a compreender o presente e pode ser uma boa razão para se fortalecer as lutas do presente⁸.

As notícias do jornalismo comunitário não podem, de forma alguma, apresentar um tom de espetáculo, deve-se tratar de assuntos locais e abordar temas específicos do ambiente onde está inserido esse veículo. Assim, “[...] desperta o interesse do público pela informação, uma vez que conteúdo e personagem envolvido tem relação mais direta com as pessoas.” (PINTO, 2001, p. 7). O público reconhece nessas publicações dados do próprio cotidiano, o que constrói um processo de cultivo de identidades e de valores histórico-culturais.

⁷ Marília Cecília Krohling Peruzzo. Jornalista. Entrevista sobre Jornalismo Comunitário. 3 mar. 2017

⁸ Idem.

Em relação as técnicas usadas no comunitário, Peruzzo⁹ afirma que são iguais aos do jornalismo comum, como por exemplo, o enfoque inicial da matéria partindo do lead, das entrevista, de apuração e da reportagem. No entanto, a autora explana que no comunitário há maior flexibilidade no fazer jornalístico e aprofundamento das matérias de forma a explorar melhor os porquês da história. Essa liberdade é característica desse tipo de produto jornalístico, pois permite:

Quebrar a lógica das pautas - e das pautas fechadas - feitas por um editor, além de romper com a ideia de que é só um repórter formado numa Faculdade de Comunicação que pode apurar e elaborar o texto jornalístico, entre outros aspectos. A apregoada objetividade jornalística não chega a ser uma promessa desse tipo de jornalismo, que de fato não quer ser neutro. A diferença é que ele se assume como um meio de comunicação posicionado enquanto no jornalismo convencional, apesar de ter um lado, faz de conta que não tem, que é neutro. Principalmente nos momentos de crise as posições (lados) se tornam evidentes.

Dessa forma, Pinto (2001) caracteriza o Jornalismo Comunitário como um novo projeto de atuação política e social de uma determinada coletividade que permite vinculação identitária, ou seja, o indivíduo vê o jornal como parte da sua identidade, é uma prática de solidariedade, cidadania e valorização dos acontecimentos do cotidiano das pessoas. Com isso, diferente da grande mídia, na qual se trata a informação com pouca duração, na perspectiva da comunicação comunitária, a informação se transforma em um elemento educativo e prestador de serviços. Contribui para a educação daquele que o acompanha.

As pesquisas do referencial teórico a respeito do Jornalismo Comunitário reafirmam em todos os aspectos o sentido social de um jornal quando comparados com as afirmações de Noblat (2010). Ele reflete que um jornal antes de tudo precisa ser visto como um prestador de serviços ao público, por esse motivo se torna evidente o objetivo do comunitário. E reforça que jornalismo não é feito exclusivamente por jornalistas, os próprios leitores são responsáveis pelo bom ou mau jornalismo que é apresentado.

Para compreensão da aplicação dessas técnicas, são apresentados no próximo capítulo modelos de jornais comunitários que serviram como base para criação do *Jornal Linha do Leite*.

⁹ Marília Cecília Krohling Peruzzo. Jornalista. Entrevista sobre Jornalismo Comunitário. 3 mar. 2017

6 MODELOS DE JORNAIS COMUNITÁRIOS

Para tornar familiar o modo como são tratadas as notícias, os temas abordados e o funcionamento de um veículo comunitário, faz-se necessário apresentar exemplos de periódicos desse segmento. Os pesquisadores deste trabalho realizaram análises e comparações dos dois jornais citados com o periódico *Linha do Leite*. A finalidade da apresentação é conhecer periódicos dessa natureza, como também avaliar os elementos que constituem o jornal, afim de aplica-los com maior efetividade, mostrando portanto que é possível criar e manter um jornal comunitário, visto que os modelos citados existem até hoje.

Pinto (2001, p. 6-7), em seu artigo sobre o jornal *O Cidadão*, vê o periódico especializado em assuntos de comunidade como “[...] um instrumento de atuação política e social de uma determinada coletividade, seja ela um grupo de trabalhadores em uma fábrica, o conjunto de moradores de um espaço territorial delimitado [...]” e acredita que essa forma de comunicação surge em um processo de partilha de todo um grupo que se vê representado.

Enquanto, Freitas (2006) esclarece que o jornal comunitário *Cantareira* não é feito com foco no retorno financeiro. É alimentado por uma instituição que tem como objetivo aproximar todos os moradores dos bairros e que geralmente é mantido por simpatizantes das causas defendidas pelo jornal e objetiva contribuir com as causas do comunitário.

6.1 Jornal: *O Cidadão*

O jornal *O Cidadão* é um periódico comunitário que surgiu em junho de 1999, pelo Centro de Estudo e Ações Solidárias da Maré (CEASM) – uma organização não-governamental criada e gerida por moradores e abrange 16 comunidades do bairro Maré, no Rio de Janeiro. O número de habitantes aproxima-se de 130 mil (PINTO, 2001 p. 3):

No campo cultural, o bairro não conta com centros culturais, teatros e cinemas. A população do bairro é formada em sua maioria por pessoas de origem nordestina ou negra, de baixa renda familiar, com baixo nível de escolaridade. Em grande parte, são integrantes do mercado de trabalho informal. Pode-se afirmar que a região é pouco aparelhada de equipamentos urbanos pelo poder público e privado. A exemplo do que acontece em outras comunidades pobres, são justamente os signos negativos que respondem pela imagem da Maré na sociedade: é o lugar violento, o favelado, o bandido, o pobrezinho, a vítima social.

Dentro dessa perspectiva, o autor analisa que o CEASM tem o objetivo de ajudar a conquistar o nível de cidadania nos moradores pela inserção deles nas tendências sociais. Foi diante de uma perspectiva da fragilidade de atuação do CEASM no campo da comunicação e da ausência de um jornal local para o bairro da Maré que se criou o jornal *O Cidadão*.

A equipe do impresso inicialmente “[...] era voluntária constituída por uma mescla de profissionais e alunos do pré-vestibular sem experiência alguma em jornalismo.” (PINTO, 2001, p. 7). A proposta era trabalhar no campo da comunicação comunitária, na capacitação de pessoas do bairro para fazer um jornal e construir uma maior profissionalização do trabalho, tanto administrativo quanto jornalístico.

O Cidadão possui uma periodicidade mensal com tiragem de 10 mil exemplares em tamanho tabloide que são entregues gratuitamente nas comunidades do bairro da Maré. O jornal conta com uma equipe de distribuição que sai de carro e disponibiliza os jornais em pontos estratégicos das comunidades, como associações de moradores e pontos de comércio. Como a tiragem é de 10 mil e o bairro possui 130 mil moradores, o jornal segue uma estratégia de escolher, cada mês, uma rua da comunidade para distribuir o jornal de casa em casa.

A diagramação e o projeto gráfico do jornal recebem uma atenção especial. O periódico possui cores na capa e nas páginas centrais, as fotografias e os textos são redigidos sem erro de português, o que, segundo o autor, aproxima-se muito de um trabalho feito por uma empresa de comunicação. Todo esse cuidado com o periódico existe porque a CEASM “[...] busca romper a lógica cristalizada no imaginário social de que produção feita em comunidade é coisa de favelado, de qualidade ruim e sem apuro técnico.” (PINTO, 2001, p. 8). Trabalha ainda a autoestima do morador a partir do momento que ele tem acesso a um jornal de alta qualidade.

Em relação a reunião de pauta e escolha dos assuntos a serem tratados nesse periódico, Pinto (2001, p. 11) relata que são feitas mensalmente entre os integrantes da equipe. Nessa reunião é decidida a matéria principal, os blocos fixos e:

Sugestões de pautas dos moradores colhidos no processo de apuração das matérias da edição anterior são também passadas na reunião. Como as discussões de pautas envolvem moradores de diferentes comunidades do bairro, tem-se uma agenda variada de assuntos a serem abordados em cada edição. No entanto, busca-se formas de atrair a comunidade para a

participação na pauta do jornal, como associações de moradores, comerciantes, estudantes e principalmente o morador comum.

Ao falar sobre a matéria principal, Pinto (2001) reflete que ela é o eixo-central de cada edição, porque sempre aborda uma temática que abrange todas as comunidades e permite uma visualização do bairro como uma unidade. Assim, elenca algumas como: “[...] questões fundiária, movimentos culturais, influência da cultura nordestina, desemprego no bairro... sempre sob a perspectiva de integrar a Maré de um extremo a outro do bairro – do conjunto Esperança até Marcílio Dias.” (PINTO, 2001, p. 8). Essa matéria, em geral, ocupa duas ou três páginas do periódico e procura sempre que a história seja contada a partir do depoimento dos moradores.

O *Cidadão* aborda assuntos como: educação, saúde e esportes voltados à realidade da comunidade. São publicadas todas as edições assuntos sobre alguma das quinze escolas do bairro. “São lembradas histórias sobre a escola, dificuldades de funcionamento, depoimentos de pais e alunos e mesmo o resgate de figuras notáveis que já fizeram parte da vida escolar da Maré.” (PINTO, 2001, p. 9). Sobre os esportes locais, são notícias “[...] os campeonatos de futebol [...], as atividades dos torneios, depoimentos de atletas, fotos dos times [...]. Além de dar um caráter mais informal ao jornal, as matérias sobre esportes ajudam na aproximação do morador com O Cidadão”.

Em complemento a isso, o jornal também usa do Perfil¹⁰ como estratégia para se aproximar do leitor. São apresentadas matérias sobre a vida das pessoas mais velhas ou mais influentes da comunidade. De acordo com o autor, O *Cidadão* usa esse espaço para valorizar o morador local, sua história, identidade e se torna um espaço democrático para expor suas opiniões e problemas.

Outros assuntos abordados no periódico comunitário são as atividades realizadas por grupos que desenvolvem trabalhos sociais. Apresenta-se em cada edição grupos como o Consciência Masculina, que se reúne para discutir temas ligados ao cotidiano do homem na sociedade.

Na última página do periódico é publicada uma seção dedicada a História da Maré. O texto é sustentado por meio de pesquisas e entrevistas feitas por dois moradores sobre a história do bairro. Seguindo uma ordem cronológica, em cada edição, é apresentada uma parte dessa história. Com isso, o periódico tem o

¹⁰ Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida (SODRÉ, 1986, p. 126).

objetivo de “[...] mostrar ao morador, como o bairro sofreu grandes transformações ao longo dos séculos”. (PINTO, 2001, p. 10). Dessa forma, também pretende aproveitar a característica didática para envolver as escolas do bairro na participação dele, tanto quanto no que diz respeito à distribuição de exemplares que possam ser usados em aula, quanto para incentivar concursos de redação e poesia para serem publicados no periódico, assim como desenhos e charges.

A respeito das questões financeiras e administrativas do jornal *O Cidadão*, o autor discorre que o periódico já nasce dentro de uma proposta de comunicação comunitária que tem uma organização consolidada e legitimada como a CEASM, mas que se sustenta com o apoio da Editora Ediouro que faz a impressão gratuita dos 10 mil exemplares mensal, além de contar com a parceria da Petrobras que faz o pagamento de bolsas para uma parte da equipe. A publicidade gira em torno do comércio local: anúncios funerários, escolas de inglês, creches e pensões. “[...] a presença da publicidade local ajuda na identificação do jornal com o espaço cotidiano da Maré. [...] O jornal conta hoje com a presença de um núcleo comercial em sua estrutura organizativa”. (PINTO, 2001, p. 11). O autor conclui explanando que o peso institucional da CEASM torna mais fácil conquistar recursos financeiros para dar continuidade aos trabalhos de *O Cidadão*.

6.2 Jornal: *Cantareira*

Conforme o artigo de Freitas (2006), este periódico comunitário surgiu em dezembro de 1997 por meio de um grupo de religiosos da igreja católica do bairro de Brasilândia, na cidade de São Paulo, intitulada de Associação Canteira. Possui periodicidade mensal e uma tiragem de 10 mil exemplares em formato tabloide que atinge cerca de 30 mil leitores. O jornal engloba as seguintes comunidades: Jardim Damaceno, Jardim Corumbé, Jardim Paulistano, Jardim Bela Vista, Jardim Guarani, Jardim do Tiro, Jardim Ismênia, Jardim Ana Maria, Jardim Almanara, Jardim Iracema, Vila Teresinha, Vila Itaberaba, Vila Penteado, Vila Ducina, Vila Isabel, Parque Belém e Parque Tietê, mas também circula nas regiões de Perus, Freguesia do Ó, Pirituba e Nova Cachoeirinha.

A respeito da região sede onde o jornal *Cantareira* está instalado, Freitas (2006, p. 36) discorre que Brasilândia teve sua história ligada às classes menos favorecidas que foram obrigados a sair da região central de São Paulo no início das construções das avenidas São João, Duque de Caxias e Ipiranga. “A

região não oferecia nenhuma infraestrutura, entretanto, recebeu diversos moradores da região do centro que estava sendo desapropriada, além de migrantes nordestinos e também do interior do estado [...]”.

A Associação Cantareira, conforme estabelecido por Freitas, surgiu com a missão de “[...] desenvolver projetos alternativos de comunicação e Educação Popular, Capacitação de Jovens, Educação Ambiental e a Assessoria aos Movimentos Populares.” (FREITAS, 2006, p. 38).

A equipe de trabalho que integra o jornal comunitário é composta por 12 pessoas e cerca de 20 voluntários, entre eles jornalistas, membros da Associação Cantareira, moradores e professores universitários que são responsáveis pela produção dos artigos do periódico.

De acordo com Freitas (2006), o impresso trabalha o projeto gráfico de forma colorida. A capa possui quatro cores com a logo do jornal no cabeçalho em verde. A manchete principal é apresentada na cor roxa, preto e vermelho, enquanto as manchetes menores na cor vermelha e azul. Também é usado *box* na cor verde para destacar assuntos e fazer remissão para as páginas interiores. A fotografia da capa ocupa quase todo o espaço superior do jornal, enquanto as do miolo não passam dos 10 centímetros.

A estrutura do Cantareira é formada da seguinte maneira: na página dois encontra-se o Editorial, Agenda, Espaço do leitor, Artigos sobre economia, política e movimentos sociais, Charges e Expediente. Na página três o espaço é reservado para os artigos escritos por especialistas, enquanto na página quatro o espaço é dedicado a notas curtas e matérias com assuntos locais. Já a página cinco discute história da região e do país, o espaço restante é dividido entre algum fato histórico nacional e um *box* que traz datas e fatos históricos do mês. A página seis aborda assuntos relacionados à religião, sociedade e os movimentos sociais. Na página sete o espaço é dedicado a movimentos sociais e existem alguns anúncios. Já na página oito encontra-se entrevistas no formato ping-pong e grandes reportagens (FREITAS, 2006).

As reuniões de pauta são realizadas uma vez por mês, porém muitas sugestões são enviadas via *e-mail* e telefone. Existe uma rede fixa de pessoas responsáveis pelo fechamento do jornal, em que todo final de semana de cada mês se reúne para a realização desse trabalho com o intuito de disponibilizar o impresso no primeiro dia do mês seguinte. Também realiza-se uma reunião anual com toda a equipe do jornal, com o objetivo de debater questões sociais e políticas. “Passa-se o

dia fazendo uma análise conjuntural e lançando perspectivas para o ano seguinte e para finalizar o encontro é realizada uma análise do jornal”. (FREITAS, 2006, p. 41).

Os assuntos retratados no periódico comunitário são de “[...] política, economia, meio ambiente, movimentos sociais, cultura, prestação de serviço, notícias locais, educação, sociedade, religião, história da região e do país e a mídia”. (FREITAS, 2006, p. 44). O periódico também abre espaço para as pessoas da comunidade mandar textos e sugestões de matérias. Dessa forma, Freitas (2006) assegura que o jornal *Cantareira* atende as características do Jornalismo Comunitário porque busca a contextualização dos fatos com a preocupação de refletir a realidade dos moradores da comunidade e busca a formação cultural dos leitores, contribuindo assim para a construção crítica deles.

A distribuição do comunitário é feita através de pontos estratégicos, onde uma quantidade estipulada é disponibilizada para ser entregue de mãos em mãos, de acordo com a autora, como forma de checar se realmente estão sendo consumidos pelos moradores.

A respeito de questões financeiras, Freitas (2006, p. 42) esclarece que o jornal *Cantareira* possui poucos anúncios e que geralmente são cedidos por “simpatizantes das causas defendidas pelo jornal” e não são feitos com foco no retorno financeiro, mas objetiva contribuir com as causas do comunitário.

Em síntese de tudo que foi apresentado, Freitas (2006) assegura que o jornal *Cantareira* atende as características do jornalismo comunitário porque busca a contextualização dos fatos com a preocupação de refletir a realidade dos moradores da comunidade e busca a formação cultural dos leitores, contribuindo assim, para a construção crítica deles. Em defesa da funcionalidade do jornal *O Cidadão*, Pinto (2001) caracteriza-o como um instrumento que contribui para atuação política-social dos moradores de forma coletiva, acreditando que essa atuação surge da união de um grupo representado através de um veículo de comunicação.

Dessa forma, o *Jornal Linha do Leite*, assim como o jornal *O Cidadão* e *Cantareira*, adotou o modelo tabloide com periodicidade mensal. A equipe também foi composta por voluntários, nesse caso dos quatro distritos, e sob a supervisão dos autores desse trabalho. Essa participação se concretizou nas reuniões de pauta, no envio de sugestões de matérias, fotos e textos autorais que tem como ponto inicial as oficinas que forma realizadas.

Do mesmo modo, os assuntos tratados foram: educação, saúde, esportes, economia, meio ambiente, cotidiano, história dos distritos e prestação de

serviços voltados à realidade das comunidades. Assim como o *Cantareira*, o projeto gráfico foi todo colorido, com logo, cabeçalho, capa e dividido por seções. Já do modelo de jornal *O Cidadão*, adotou-se temas como campeonatos e torneios locais, com depoimentos de atletas e público, divulgação de atividades sociais, festas comunitárias, campanhas de postos de saúde e atividades escolares.

Diferente dos dois modelos apresentados, o periódico dos distritos não contou com publicidade paga. Todos os custos para a implantação foram bancados pelos alunos autores do trabalho e foi distribuído em pontos estratégicos dos quatro distritos para maior veiculação, tais como: igrejas, escolas e postos de Estratégia da Saúde da Família (ESF).

Por conseguinte, para entender o contexto onde o jornal comunitário se insere no próximo capítulo é apresentado um breve histórico de cada distrito. Vale ressaltar que, pela dificuldade de encontrar bibliografia sobre essas localidades, os dados apresentados também se baseiam nos resultados do questionário, da observação sistemática e das entrevistas realizadas pelos integrantes do grupo.

7 BREVE HISTÓRICO DOS DISTRITOS DE PRESIDENTE PRUDENTE

O município de Presidente Prudente, um dos principais polos regionais do Oeste Paulista, é constituído por área urbana com 452 bairros e mais quatro distritos rurais: Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis. Todos são unidos pela vicinal/Rodovia Raimundo Maiolini, que os interliga à sede ao sul, além de dar acesso ao município de Flórida Paulista, ao norte. Juntos os distritos formam uma população de 4.255 habitantes, segundo dados do IBGE 2010, e possuem comércio local, escolas, postos de saúde, apenas duas ambulâncias para atender os quatro distritos. Porém, não contam com policiamento; quando é necessário, uma viatura é deslocada de Presidente Prudente para atender os moradores. Muitos trabalham no município de Prudente e outros na Usina Alto Alegre, Unidade Floresta.

Para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, aplicou-se um questionário e o método de observação sistemática, juntamente com entrevistas em profundidade para obter dados dos distritos e saber dos interesses dos moradores em relação à implantação do jornal impresso comunitário, uma vez que há poucas referências bibliográficas e documentais sobre as localidades.

Do total de 201 entrevistados, 33% procuram informações noticiosas pelo rádio, enquanto aproximadamente 60%, a maioria, busca entretenimento. Na TV, aproximadamente 89% assistem telejornais diariamente, por se tratar de um veículo presente na maioria dos lares e por, muitas vezes, ser o canal de informação mais acessível à população. Referente a mídia impressa, 27% das pessoas declaram ler jornais de vez em quando ou mensalmente. Já entre os internautas, aproximadamente 46% acessam internet para buscar informações jornalísticas e 60% usam apenas para acesso às redes sociais.

Apesar da maioria não ler jornal impresso, as justificativas para a realização do projeto são: a falta de bancas para comprar o produto (o consumo é apenas por assinatura) e a falta de informações de interesse local. Soma-se ainda que do total de 201 entrevistados, 180 (89%) gostariam de ter um veículo jornalístico voltado ao seu bairro, aprovando a ideia da implantação do jornal impresso comunitário.

As principais motivações apontadas pelos participantes do questionário para a implantação de um veículo jornalístico da região são:

- Acesso a informações locais (70%) – os moradores afirmam que os veículos já existentes não trazem praticamente nada relacionado aos distritos.

Muitas vezes tomam conhecimento de fatos locais de forma fragmentada em boatos ou até mesmo depois que os mesmos acontecem. Com isso, faz-se necessário um jornal com informações relevantes e atuais para o público em questão.

- Integração dos distritos (63%) - de acordo com a apuração dos questionários e as observações dos autores, constatou-se certa rivalidade entre os distritos, algo comum entre os bairros de qualquer cidade. Essa divergência incomoda os moradores porque, segundo eles, isso advém da falta de comunicação entre um lugar e outro. Um exemplo encontrado é a dificuldade de eleger vereadores que os representem. Nas duas últimas eleições, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), os candidatos representantes dos distritos receberam números de votos inferiores à quantidade de eleitores. Em 2016, o total foi de 461 e em 2012 de apenas 72. Os próprios moradores reconhecem que a falta de informação prejudica a socialização entre eles e muitas vezes não possuem conhecimento das propostas dos candidatos. Deste modo, acreditam que a implantação do jornal proporcionará união, porque ficarão sabendo dos acontecimentos nos outros distritos, tais como: festas, horários de funcionamento de serviços públicos, eventos escolares, denúncias, entre outros.

- Satisfação pessoal (61%) – outro ponto importante observado nos depoimentos coletados é o fato dos moradores acreditarem que um jornal impresso voltado para a realidade dos distritos trará satisfação pessoal, já que este veículo contará com o envolvimento deles, fazendo com que se sintam representados e inclusos na sociedade.

- Possibilidade de divulgação comercial (35%) – o comércio local é pequeno, mas para quem mora nos distritos é a maneira mais econômica de consumo, porque evita o deslocamento dos moradores até a zona urbana. Com a implantação do jornal impresso os comerciantes terão, posteriormente, espaço de divulgação de seus estabelecimentos, o que possibilitará a produção do jornal.

- Oportunidade de participar das produções noticiosas (26%) – embora participar das produções seja algo que os deixe temerosos, a curiosidade e vontade em colaborar com algo se destaca. Então, essa colaboração veio por meio da criação de canais de comunicação como: *WhatsApp* e/ou *Facebook*, uma vez que essas ferramentas são as que eles mais consomem na internet e tem contato diário. Outra ideia foi disponibilizar um número de telefone e também realizar o contato pessoal dos jornalistas com moradores ou representantes dos mesmos. Sendo assim, puderam dar sugestões de pautas, envio de fotos e vídeos e até mesmo

textos criados por eles como: crônicas, contos e poesias que serão selecionados pelos autores para publicação no jornal. Também participaram da produção do jornal por meio de oficina em que aprenderam redigir textos jornalísticos, detectar aspectos de notícias e ajudar na seleção de textos. Muitos acontecimentos dos distritos deixam de ser destacados pelos veículos de comunicação por não apresentarem a relevância necessária, isso faz com que os moradores se sintam distantes da vida socioeconômica de Presidente Prudente e, por meio das sugestões deles no jornal comunitário, foi possível abordar temas que eles querem e precisam saber.

7.1 Montalvão

A partir da extração de madeira, que já funcionava no local impulsionando a economia do Oeste Paulista e atraindo visitantes/comerciantes, surgiu o distrito de Montalvão em 1939. Com cerca de 2.229 habitantes, é o mais próximo da zona urbana com 11,1 km de distância. (IBGE/2010).

De acordo com Santos (2002, p. 190), Montalvão surgiu com o nome de Gleba dos Suíços, que foi fundada por João Pereira Lima, Albino Alves da Cruz e Luiz Ferraz de Sampaio. O território pertenceu a uma viúva conhecida como Dona Grilet e foi onde se desenvolveu a primeira colonização japonesa de Presidente Prudente.

As terras do distrito pertenciam à extensão de um bairro rural da Vila Marcondes. O nome Montalvão surgiu do grande lote de terras de Amador Nogueira Cobra, que foi cedido pela consignação pelo Coronel Marcondes em 1919, e que possuía 4.800 alqueires de área para ser loteado e vendido a plantadores de café. Amador Nogueira também adquiriu a chamada Gleba Mont'Alvão com 125 mil alqueires e que podia chegar até a cidade de Quatá¹¹.

As primeiras famílias a chegarem no distrito foram de Antonio Rodrigues, Frederico Glum, Antonio Matricardi, Milani e Brigato, o primeiro homem a nascer em Montalvão foi Antonio Milani Filho, em fevereiro de 1930¹². No ano de 1928 já havia em torno 20 casas de famílias, que trabalhavam no local desde 1921, em uma serraria próxima ao cemitério. Nesse cenário, foi construída a primeira capela feita de madeira e dedicada a São Sebastião, o pároco responsável foi o Monsenhor José Maria Martinez Sarrion. (POLIANTEIA DIOCESANA, 2010).

¹¹Jornal Oeste Notícias, edição 17 de Janeiro de 2010.

¹²Jornal Oeste Notícias, edição 17 de Janeiro de 2010.

Depois de criada e instalada, em 1940 a Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Vila Marcondes, a Capela São Sebastião de Montalvão passou a pertencer a esta nova paróquia; o Pe. Sinfiriano Kopf foi o seu primeiro pároco. Em 1941 foi construída outra capela, próxima à primeira; por motivo de evolução do bairro, com o surgimento de novas casas, comércio, campo de futebol e escola. [...] no ano de 1950, foi construída, no mesmo local, uma nova Capela São Sebastião, feita de madeira, e nesta mesma praça, tendo o salão ao lado e um coreto. Em 1970, surge a nova capela de tijolos linda e espaçosa para acomodar os leigos da época, sendo dirigida pelos padres Jacó Cirelli e José Cirelli, da Paróquia Santa Rita de Cássia [...]. (POLIANTEIA DIOCESANA, 2010, p. 497).

Segundo Lourdes Matricardi Lourenço¹³, filha de Antonio Matricardi, um dos fundadores do distrito, apurou-se que o primeiro cartório do distrito pertencia a José Rochael de Moraes, depois passou pela administração de Jorge Bushi, Maria José Gardeal de Godoy e José Luzo Cordeiro. Já o comércio da época girava em torno de pequenos armazéns e de uma padaria chamada Hetore Trevisan. Odete Maria da Silva¹⁴ complementa que a economia de Montalvão também era baseada na lavoura, onde produziam-se os mais pesados grãos como arroz e feijão.

A infraestrutura do distrito foi se desenvolvendo a partir dos próprios moradores, a pavimentação asfáltica, por exemplo, surgiu em 1983. Até então, a estrada era de barro e havia muitas dificuldades de locomoção quando chovia, pois os ônibus não circulavam¹⁵.

Em meados da década de 1970, Montalvão não possuía unidade de saúde, o primeiro foi construído em 1976 com a denominação de PA (Pronto Atendimento), e que no ano de 2000 passou a ser denominado de UBS (Unidade Básica de Saúde - José Paulo da Costa) e em 2002 de PSF (Programa Saúde da Família)¹⁶.

A primeira instituição de ensino, o Grupo Escolar de Montalvão, foi fundada em 1º de março de 1947. Em 2002, passou a atender alunos do ensino médio e atualmente é denominada E. E. Vereador Pedro Tófano. Montalvão conta também com uma creche intitulada Ettore Marangoni, inaugurada em 26 de outubro de 1988. Em 1993, passou a se chamar Centro de Convivência Infantil Municipal Ettore Marangoni e em 2009 o ensino foi municipalizado¹⁷.

¹³ Lourdes Matricardi Lourenço. Filha dos fundadores do distrito de Montalvão. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos, 4 mar. 2017.

¹⁴ Odete Maria da Silva, 74, moradora do distrito há 50 anos. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos, 4 mar. 2017.

¹⁵ Odete Maria da Silva, 74, moradora do distrito há 50 anos. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos, 4 mar. 2017.

¹⁶ Jornal Oeste Notícias, edição 17 de Janeiro de 2010.

¹⁷ Jornal Oeste Notícias, edição 17 de Janeiro de 2010.

Atualmente percebe-se¹⁸ que Montalvão possui posto de gasolina, lojas, bares, mercado, lanchonetes, salão de beleza, panificadora, fábrica de Lingerie e moda praia, correios, capela mortuária, cemitério, igrejas católica e evangélicas, polo de Estratégia da Saúde da Família (ESF), escola municipal e estadual, campo de futebol, academia da terceira idade com *wi-fi* público e salão paroquial.

7.2 Floresta do Sul

De acordo com Duarte (2003), o distrito foi fundado em 1919 por Estevan Rodrigues de Souza juntamente com Francisco Cotini, Raimundo Maiolini e Augusto Wurck. As primeiras casas foram feitas de pau-a-pique e batizadas de Patrimônio Floresta. Considerado o mais antigo distrito, com quase a mesma idade de Presidente Prudente, possui cerca de 1.392 habitantes e fica a 28 km da sede.

Os primeiros fundadores de Floresta chegavam em Presidente Prudente com o trem “Maria Fumaça” e desembarcavam na pequena estação feita de pau de coqueiro. Tinha ao lado da estação duas pensões e algumas casinhas também feitas de coqueiro, local onde hoje se encontra a Praça da Bandeira. O caminho de Prudente até Floresta era por uma picada de tropas e cargueiros, posteriormente abriram uma estreita estrada para carros de boi. Os primeiros colonos seguiam até Floresta em lombo de cargueiros e mulas. (DUARTE, 2003, p. 114)

Aparecida Matricardi Bonini¹⁹ chegou ao distrito em 1954, quando existiam poucas casas e o bairro estava em formação inicial. Floresta do Sul desenvolveu-se a partir da procura de trabalho na lavoura e pelas pessoas que se casavam e construíam casas. A economia era alimentada basicamente por algodão, amendoim e milho. Com a chegada da usina, o emprego, que antes era na lavoura, passou a ser com cana-de-açúcar.

Aurelio Balotari²⁰ nasceu em Floresta, em 19 de outubro de 1931, trabalhou a vida inteira na lavoura e relata como era a vida naquele tempo:

Aqui era um sertão, não tinha nada. A lavoura dava dinheiro com facilidade, porque não existia exploração do governo. Hoje, tudo tem que ser pago com imposto. Antes criávamos porcos e plantávamos alguns alimentos para consumo próprio. As casas de madeira eram construídas manualmente,

¹⁸ Observação sistemática realizada no distrito de Montalvão nos dias 4 e 5 mar. 2017.

¹⁹ Aparecida Matricardi Bonini, 82, uma das integrantes da família pioneira do distrito de Montalvão. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos, 4 mar. 2017.

²⁰ Aurelio Balotari, 85, morador aposentado. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 5 mar. 2017.

essas madeiras eram extraídas daqui da região e levadas para o centro de Prudente. Inclusive, o primeiro litro de leite levado para lá foi tirado por mim.

Outras formas de comercialização elencadas por Isaura Leite Balotari²¹ eram em torno de açougue, venda, jogo de sinuca, oficina e padaria de seus pais. Ainda não existiam postos de saúde e as pessoas se locomoviam até Presidente Prudente para serem atendidas.

O primeiro posto foi fundado no dia 1º de julho de 1977 com o nome de PAS (Ponto de Atendimento de Saúde – Floresta do Sul). Aparecida Matricardi foi uma das primeiras auxiliares de enfermagem daquela unidade. Hoje, o local é chamado de ESF (Estratégia de Saúde da Família).

Em 1954, o bairro ainda não possuía luz e água encanada. A luz chegou em 1957 e a água em 1960. O asfalto surgiu por volta de 1980 e o saneamento básico só no ano de 2016. Eneida, Ameliópolis, Montalvão já tinham, mas Floresta foi o último a ter saneamento básico. Em contrapartida, em 1980, havia uma agência da Caixa Econômica Federal, que durou apenas três anos, uma agência dos Correios e circulação de ônibus²².

Duarte (2003) registra que a primeira igreja foi construída em 1922, feita de pau-a-pique, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Em seguida, com o aumento da construção de casas, a igreja transferiu-se do Patrimônio Velho para o novo patrimônio que estava sendo formado.

A nova igreja foi levantada em madeira, com uma porta principal e janelas de madeira nas laterais. Não era grande, comportava no máximo em seu interior 50 pessoas. Estava localizada a aproximadamente 100 metros à esquerda da construção atual, ficando do outro lado da rua. Até o ano de 1950, para a celebração de missas e batismos o padre vinha a cavalo de Presidente Prudente [...] Nesta igreja de madeira as missas e batizados foram celebrados até o ano de 1952, quando, já por estar em situação de conservação precária [...], decidiram pela construção de uma nova igreja. [...] também foi em madeira, porém transferiram-na mais a direita, no local onde se encontra a atual (DUARTE, 2003, p. 115).

O autor (2003) ainda discorre a respeito da primeira escola que foi construída de madeira e “[...] composta de uma única sala de aula, onde a professora Domingas Bernardes, esposa do português João Bernardes, ensinava a ler e escrever às poucas crianças que tinham a oportunidade de irem para a escola”. (DUARTE, 2003, p. 117). Com o passar do tempo, a escola foi sendo ampliada com

²¹ Isaura Leite Balotari, 84, moradora aposentada. Entrevista sobre a história dos distritos prudentinos. 5 mar. 2017

²² Aparecida Matricardi Bonini, 82, uma das integrantes da família pioneira do distrito de Montalvão. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos, 4 mar. 2017.

mais salas de aula, sala de diretoria e refeitório.

Em 1969, foi construída mais uma escola de madeira, com quatro salas de aula, sendo uma para cada série. A primeira escola de alvenaria veio nos anos 1980, localizada na saída de Floresta do Sul em direção à Eneida, sendo, portanto, desativada a antiga escola. No ano de 2000, nada restou das antigas construções de madeira (DUARTE, 2003).

Por meio da observação sistemática²³ levantou-se que atualmente no Distrito de Floresta do Sul há agência dos Correios, capela mortuária, cemitério, igrejas católica e evangélicas, polo de Estratégia da Saúde da Família (ESF), escola municipal que atende crianças até o quinto ano do ensino fundamental e estadual que atende do sexto ano até a terceira série do ensino médio. No comércio tem mercado, sacolão, farmácia, bares, padaria, lanchonete, sorveteria, lojas, salão de beleza, salão de festa e salão paroquial também usado para festas.

7.3 Eneida

Com base nos dados do IBGE 2010, constata-se que Eneida, com uma área de 1.000 m², têm 675 habitantes e localiza-se a 29 km da sede de Presidente Prudente. Registros²⁴ apontam que o distrito de Eneida foi fundado em 1932 por Ludgerio Francisco da Rocha, que veio da cidade de Assis junto com seu cunhado Vitor Manuel de Oliveira. Inicialmente, ganhou o nome de Vilarejo de Santa Helena em louvor à santa que acabou se tornando padroeira da capela local. As primeiras famílias a chegarem foram de Antônio Romero, José Pereira de Almeida, José Ferreira da Silva, Aristides Correia, Vitor Manuel de Oliveira e Ludgerio Francisco da Rocha.

O distrito passou a ser intitulado Eneida apenas em 1º de Setembro de 1945, pelo do Decreto Estadual 14.334 (ANEXO B), sobre a divisão territorial, desenvolvendo-se de terras desgarradas de Montalvão e de Alfredo Marcondes. Em 1975, os moradores passaram a contar com luz e água encanada e, apenas em 1980, as ruas foram asfaltadas, motivando a ampliação das atividades comerciais. A localidade é movimentada até hoje pela agricultura, com grandes plantações de batata, pecuária e em torno da usina Alto Alegre – Unidade Floresta, que emprega a

²³ Observação sistemática realizada no distrito de Floresta do Sul nos dias 4 e 5 mar. 2017.

²⁴ Jornal Oeste Notícias, edição de 31 de janeiro de 2010.

maior parte dos moradores²⁵.

Antonia Ferreira Angelo²⁶ relata que, em geral, o bairro era composto por muitas fazendas e mato ao redor, com extensão de Montalvão até o Rio do Peixe. Depois que o prefeito Luiz Ferraz de Sampaio (mandato de 1960 a 1963), autorizou a venda dos lotes de terras, os sitiantes começaram a construir casas mais próximas ao centro do vilarejo, causando um parcial fenômeno do êxodo rural, uma vez que já apresentava um desenvolvimento comercial. “Eneida era grande, havia postos de saúde, padarias, sorveteria, máquinas de arroz, lojas de tecido, *Jockey Club* e campo para pouso de avião. O comércio era movimentado.”

Neide Caires de Souza²⁷ acrescenta que fazendeiros foram comprando as terras de Eneida para criar gado, levando parte dos moradores a se instalarem nos arredores de Presidente Prudente. Com a chegada da usina, esses fazendeiros foram vendendo suas terras para as atividades dela, fazendo com que as pessoas regressassem em busca de trabalho.

Antonia Ferreira Angelo²⁸ ressalta que muitos desses sitiantes que quiseram mudar para Presidente Prudente, foram convencidos pelo prefeito da época, Antônio Sandoval Netto (mandato de 1946 a 1947) a ficar no vilarejo em troca de trabalho, pois precisava de ajuda em sua propriedade.

Em meio a movimentação em torno das atividades iniciais do distrito, destaca-se a construção da igreja “Santa Helena”, feita de madeira na Praça da Bandeira, depois que Ludgerio Francisco doou um lote de suas terras. Em 1952, Arnaldo Angelo, 89, ajudou a construir, na mesma praça, a segunda igreja feita de alvenaria²⁹.

Por volta de 1925, o senhor Victor Manoel de Oliveira chegou em Eneida, quando ainda tinha capela de madeira. Em devoção à nossa Senhora de Aparecida e em homenagem à sua falecida mãe, Helena, doou uma imagem de Santa Helena à capela. Posteriormente, outro devoto, o senhor Ludger Rocha doou uma área maior para a construção da igreja e, sem saber da existência da imagem da santa, doou outra, por este motivo há duas imagens no local (POLIANTEIA

²⁵ Jornal Oeste Notícias, edição de 31 de janeiro de 2010.

²⁶ Antonia Ferreira Angelo, 87, moradora de Eneida desde julho de 1951. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 4 mar. 2017

²⁷ Neide Caires de Souza, 78, moradora aposentada. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 4 mar. 2017

²⁸ Antonia Ferreira Angelo, 87, moradora de Eneida desde Julho de 1951. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 4 mar. 2017

²⁹ Antonia Ferreira Angelo, 87, esposa de Arnaldo Angelo, um dos ajudantes que reconstruiu a igreja de madeira em alvenaria, (segunda igreja de Eneida). Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 4 mar. 2017

DIOCESANA, 2010).

A construção iniciou-se em 1949 e muitos movimentos foram feitos para arrecadar fundos para a construção. A edificação foi feita por moradores, nas quais o livro da Polianteia Diocesana (2010, p. 501) cita alguns:

Augusto Ferreira, Balbino Ferreira da Silva, Eurides Venâncio da Silva, Ezaltino Manuel de Oliveira, Victor Manoel de Oliveira, Ludger Rocha, Manuel Frutuoso de Souza, Romeiro da Silva, Manoel Serafim da Silva, Henrique Wruck, João Wruck, Joaquim Soares da Silva, Agenor Bispo dos Santos, Arnaldo Ângelo etc...

A primeira escola foi fundada em 1975 e tinha o nome de Escola de Primeiro Grau (EPG) de Eneida. Dois anos depois, em 29 de agosto de 1977, por meio de um ato do governador do Estado de São Paulo, Paulo Egídio Martins, a escola passou a ser intitulada de João Alfredo da Silva em homenagem a um dos primeiros moradores do bairro que lutou pela criação da agência dos Correios, do cartório e pelo acesso à linha telefônica, além de presidir a construção da primeira igreja em 1948³⁰.

Eneida abriga o único cartório de registro civil fora da área urbana e que atende os quatro distritos. Além do Correios, existem escolas, sendo municipal que atende até o quinto ano e estadual para alunos do sexto ao nono ano; possui polo de Estratégia da Saúde Família (ESF); igreja evangélica, católica, capela mortuária e cemitério. Para o entretenimento, os moradores contam com bares, campo de futebol, praça com *wi-fi* e salão de festas³¹.

7.4 Ameliópolis

Ameliópolis foi fundada em 1947, pela Companhia Colonizadora Ciampolli & Braga, sob a responsabilidade de Carlos Paranhos dos Santos Braga. Os empresários Fortunato Ciampolini e Carlos Paranhos Braga compraram as terras da Fazenda Montalvão, dividiram e venderam os lotes, dando origem a Vila de Ameliópolis. O bairro possui esse nome em homenagem a Dona Amélia, esposa de um dos colonizadores³². Localizado a 45 km de Presidente Prudente, possui 628 habitantes segundo dados do IBGE (2010).

³⁰ Jornal Oeste Notícias, edição de 31 de janeiro de 2010.

³¹ Observação sistemática realizada no distrito de Eneida nos dias 4 e 5 mar. 2017.

³² Jornal Oeste Notícias, edição de 07 de fevereiro de 2010.

Lourdes Norbiato Pereira³³, residente em Ameliópolis há 70 anos, descreve que no início o distrito era como todos os outros, cercado por mato e casas feitas de madeira. Em 1947, sete anos após a fundação do bairro, ainda não existia água encanada, saneamento básico e luz. Os moradores usavam lamparina.

Averiguou-se do mesmo modo, por meios dos relatos de Maria Figueiredo Mata³⁴ que no início da formação do distrito não havia luz e água encanada, esta era por meio de poço e quem não tinha um em casa precisava se locomover até os rios, onde também as donas de casa lavavam roupa. A moradora retrata que em 1963, compunham o distrito: “[...] armazéns, bazares, farmácias, duas lojas de roupas, padaria, sorveteria, alto-falante público, fiscais rodando a cidade, policia local, guarda noturno, delegado. Tudo, menos prefeito”.

Igualmente confirma Lourdes Norbiato³⁵ que com o passar dos anos, o comércio foi se desenvolvendo em torno de [...] “vendinhas, farmácia, cinema, açougue e uma loja das Pernambucanas”. Ademais, os moradores trabalhavam na lavoura de algodão, amendoim, milho, feijão e em oficinas para tratar de mandioca e farinha. Posteriormente, surgiram os cartórios, postos de saúde e escolas.

Assim, o bairro foi crescendo e novas famílias se formaram. O matrimônio era uma celebração épica e movimentada, todos participavam das festas como uma grande família. Por volta de 1970, Lourdes Norbiato³⁶ menciona que foi a primeira moradora a ter um aparelho de TV no bairro e todos se reuniam em sua casa para assistir.

As festas concentravam-se nas imediações da igreja. Em 1950, já existia uma capela na Praça Vereador José Dell Pozzo, de frente para a avenida Presidente Dutra, que pertencia à Paróquia da Vila Marcondes. Então, quando havia celebrações, era preciso que o padre responsável se deslocasse até Ameliópolis. Na praça havia um coreto, onde muitas bandas iam tocar e onde eram realizados os festejos (POLIANTEIA DIOCESANA, 2010).

A primeira escola de Ameliópolis foi criada em 20 de junho de 1952, construída em terreno doado por Vera Nelfi Braga, Beatriz Nelfi Braga e Fortunato Ciapoli. Recebeu o nome de Grupo Escolar Vila Amélia e teve seu ensino

³³ Lourdes Norbiato Pererira, 83, moradora aposentada. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 5 mar. 2017

³⁴ Maria Figueiredo, 94, moradora aposentada. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 5 mar. 2017

³⁵ Lourdes Norbiato Pererira, 83, moradora aposentada. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 5 mar. 2017

³⁶ Lourdes Norbiato Pererira, 83, moradora aposentada. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 5 mar. 2017

municipalizado em 2008, passando a se chamar Escola Municipal Carlos Braga, em homenagem ao fundador do distrito. Já a Escola Municipal de Ensino Infantil Pioneiro Luiz Alves dos Santos foi inaugurada em 1992, mas começou a funcionar apenas em 1993 por não atender exigências do projeto³⁷.

Em 1996, a Usina Alto Alegre – Unidade Floresta do Sul se instalou no distrito de Ameliópolis, gerando emprego para os moradores. Maria Figueiredo³⁸ relata que “[...] a usina enriqueceu tudo, muitos têm carros e casas de tijolos por causa dela”. A unidade é responsável pela produção de açúcar cristal branco, açúcar cristal VHP, álcool hidratado e energia elétrica³⁹.

Percebeu-se⁴⁰ que atualmente o distrito possui escola municipal que atende crianças até o quinto ano; polo de Estratégia da Saúde da Família (ESF); praça com academia para terceira idade e acesso ao *wi-fi*; agência dos Correios; igreja católica e evangélica, capela mortuária e cemitério. Já o comércio é composto por mercado; salão de beleza; bares e sacolão.

No capítulo seguinte é disposto o projeto editorial do jornal comunitário *Linha do Leite* destinado aos distritos.

³⁷ Jornal Oeste Notícias, edição de 07 de fevereiro de 2010.

³⁸ Maria Figueiredo, 94, moradora aposentada. Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos. 5 mar. 2017

³⁹ www.altoalegre.com. Acesso em 04 mar. 2017

⁴⁰ Observação sistemática realizada no distrito de Eneida nos dias 4 e 5 mar. 2017.

8 PROJETO EDITORIAL DO JORNAL COMUNITÁRIO

8.1 Introdução

O jornal comunitário *Linha do Leite* foi a peça prática deste Trabalho de Conclusão de Curso que tem o objetivo de proporcionar a comunicação comunitária para a população dos distritos de Presidente Prudente, sendo estes Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis.

De acordo com as reflexões de Freitas (2006, p. 7), o Jornalismo Comunitário torna-se uma “[...] possibilidade para a população encontrar espaço e discutir assuntos de seu interesse e que nos grandes veículos de comunicação não são abordados [...]”. Alves (2004, p. 12) complementa que o papel desse tipo de periódico é abrir espaço para a expressão social da comunidade ao valorizar o cidadão nas atividades regionais tratando dos mais variados assuntos de forma democrática. Sendo assim, o veículo comunitário é aquele feito em conjunto com a comunidade e é um “[...] forte instrumento para a melhoria das condições de vida, do grau de informação e da consciência crítica da população e, conseqüentemente, da sociedade como um todo”.

Portanto, este trabalho propõe a criação de um jornal comunitário, em formato tabloide, com periodicidade mensal, que ofereça notícias para os habitantes destas localidades, visto que o público-alvo apresenta características em comum como distanciamento da sede de Presidente Prudente, vida rural e falta de noticiários, veiculados pela grande imprensa, que seja de interesse local.

Retomando as ideias de Alves (2004), um jornal apenas torna-se comunitário quando houver a participação do público, por isso pretendeu-se neste trabalho inserir os moradores dos quatro distritos na produção do periódico *Linha do Leite*, por meio de oficinas, produção de textos autorais, envio de fotografias e sugestão de pautas. Dessa forma, fez-se valer os conceitos de Jornalismo Comunitário ao abrir espaço para a democratização da informação, debate de ideias e divulgação cultural, aproximando-os da informação jornalística comunitária.

8.2 Objetivo geral

Exercitar a expressão e socialização entre as comunidades, promovendo debate de ideias, discussões de problemas sociais, do cotidiano e

divulgação cultural destas localidades ao disponibilizar informações jornalísticas aos moradores, por meio de um periódico mensal que foi distribuído em pontos estratégicos como igrejas e postos de saúde.

8.3 Objetivos específicos

- Oferecer informações locais produzindo reportagens específicas e coletivas a respeito de cada distrito;
- promover a socialização entre as comunidades ao integrá-las por meio das matérias do periódico;
- estimular a participação dos moradores na produção do jornal abrindo canais para sugestão de pautas, envios de materiais jornalísticos como contos, crônicas, poesias, artigos e participação nas oficinas que serão criadas pelos pesquisadores e
- incentivar a leitura e a cidadania ao produzir um periódico que retrate assuntos do cotidiano dos leitores.

8.4 Justificativa

Inicialmente, justifica-se a execução deste trabalho por identificar a falta de um canal jornalístico com informações voltadas para a realidade dos distritos, sendo que *O Imparcial*, único periódico impresso em Presidente Prudente, é de abrangência regional e prioriza assuntos mais amplos.

Como segunda justificativa, avalia-se que o periódico possibilita interação entre os moradores, por meio de oficinas, envio e produção de materiais, fazendo com que estes saíam da condição de receptores para produtores de conteúdo, possibilitando assim, o estímulo de leitura e o exercício da cidadania. Outro ponto importante é priorizar as informações locais com uma linguagem que se adeque ao público-alvo.

8.5 Público-alvo

O *Jornal Linha do Leite* foi direcionado a todos os moradores de Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis, sem distinção de sexo, idade, religião ou nível socioeconômico, podendo também ser lido pelo público não

pertencente à localidade.

8.6 Linha editorial

Para a elaboração deste jornal, os autores seguiram as regras do Manual de Redação da Folha de S. Paulo, visto que muito veículos menores que não possuem um manual próprio, utilizam esse modelo. No entanto, foram adotadas apenas a padronização referente à normas de texto, siglas e abreviaturas, não seguindo em nenhum momento a linha editorial do Manual.

Compreende-se a linha editorial como uma política estabelecida pela direção de um veículo de comunicação seguindo técnicas jornalísticas. Recomenda-se que toda informação publicada seja de interesse do público local, levando conteúdo jornalístico com base nos acontecimentos do cotidiano desses moradores.

Segundo o Manual da Folha (2013), o planejamento é o primeiro passo a ser desenvolvido dentro de um jornal. Nele são distribuídas as funções de cada jornalista, organizando o trabalho individual ou em equipe, estabelecendo prazos para a execução das atividades propostas. O planejamento e as divisões de funções da equipe do *Jornal Linha do Leite* foram definidos no decorrer do segundo semestre.

Todo o material produzido, como pautas, notícias, reportagens, crônicas, poesias, fotografias e perfil seguiram os preceitos básicos do jornalismo e foram padronizados de acordo com o Manual da Folha de S. Paulo. A fotografia, em especial, seguiu os preceitos do fotojornalismo.

Segundo Sousa (2004, p. 9) o fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como “[...] um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao planeta”. Essa atividade jornalística ajuda a credibilizar a informação textual à medida que mostra, revela, expõe, denuncia e opina sobre uma realidade desconhecida. No caso deste jornal, além de utilizar as fotografias do tipo fotojornalismo, também foram utilizadas fotografias estilo retrato, paisagens e de criação autoral dos moradores, desde que tivessem uma qualidade mínima para a impressão no jornal.

Também foram utilizados na composição do jornal recursos estéticos visuais para melhor compreensão da informação, tais como: olho, broches, gráficos e mapas. Manchetes, títulos, créditos, chapéu, retranca, fac-símile, fotografia estilo cineminha, charges e histórias em quadrinhos também fizeram parte do projeto

gráfico e editorial. Referente a linha-fina adotou-se o critério de apenas utilizá-las nas matérias principais de cada página por motivos de aproveitamento de espaço.

Em relação ao comportamento dos autores que estão à frente do jornal, ficou expresso, seguindo as leis básicas de ética e moral (ANEXO C) da profissão jornalística, que as informações publicadas fossem verdadeiras, caso houvesse necessidade de sigilo das fontes seria respeitados, estiveram vetados todo e qualquer conteúdo que denigra a ética ou a moral do meio de comunicação, do jornalista e do seu público-alvo. Por ser um jornal comunitário abastecido pela própria população, o mesmo não contou com anúncios ou publicidade.

8.7 Paginação

Para a implantação do *Jornal Linha do Leite* foram produzidas duas edições em formato tabloide, tamanho 28x38cm, com impressão colorida e estruturado em doze páginas: começando com capa; página 2: destinada ao editorial, artigo, expediente e espaço para publicações de materiais autorais produzidos pelos moradores, tais como poemas e crônicas; página 3: editoria intitulada “Da Comunidade”; espaço informativo a respeito dos assuntos que abrangem os distritos, também reservada para reportagens especiais; página 4: editoria “Acontece”, destinada as notícias; página 5: com o nome de “Superação”, foi pensada para trazer exemplos de vida aos leitores e apresentar histórias especiais; página 6 e 7: intitulada de “Na Boca do Povo”, essa editoria traz os assuntos mais comentados entre os moradores, sendo denúncias e questionamentos coletivos; página 8: nomeada de “Lazer”, foi produzida para retratar a cultura e o esporte das localidades; página 9: editoria “Conheça” em que o leitor conhece o perfil de um morador antigo juntamente com um projeto ou uma novidade; página 10 e 11: reservada para as “Memórias”, este espaço reúne a história dos distritos divididas em duas em cada edição, e por fim, a página 12: reservada como “Seu Espaço”, em que desenhos e fotos enviadas pelos moradores possam ilustrar a última página com o feedback dos leitores nas redes sociais.

A diagramação final do jornal foi produzida pelo estudante do 4º termo do curso superior de Tecnologia em Design Gráfico, Paulo de Souza Carneiro.

8.8 Logotipo do jornal

Em primeiro momento foi discutido entre os membros do grupo, Aline Toledo, Ednéia Pedroso, Everton Barbosa, Jaqueline Galdino e Lucas Fernandes, o nome do jornal. A ideia de chamá-lo de *Linha do Leite* surgiu durante o levantamento histórico dos distritos. Apurou-se que, antigamente, quando ainda não existia asfalto, o barro dificultava o tráfego de pessoas e carros pela vicinal/Rodovia Raimundo Maiolini, que interliga os quatro distritos. Apenas um caminhão que transportava leite conseguia percorrer esse trajeto em dias chuvosos. Inclusive, os professores que ministravam aula nas escolas de Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis, muitas vezes precisavam pedir carona ao motorista desse caminhão para chegar até os distritos, visto que os carros atolavam pela quantidade excessiva de lama. Dessa forma, as pessoas começaram a chamar a vicinal/Rodovia de “Linha do Leite” e assim permanecendo como ponto de referência para aqueles que perguntavam onde se localizavam os distritos.

Pensando nisso, o segundo ponto foi discutir e desenvolver o logo do jornal comunitário e, em equipe, as ideias foram ganhando dimensão. A primeira versão foi desenvolvida de forma amadora por um membro do grupo, Lucas Fernandes. A ideia inicial era utilizar a cor azul e branca, pois de acordo com o referencial teórico estudado no decorrer do curso nas aulas dos professores Marcelo Motta, o azul transmite credibilidade, enquanto o branco desperta a sensação de tranquilidade e remete-se ao lar.

As casinhas com os telhados unidos seria uma forma de representar a união entre os quatro distritos e também retratar o local por onde o periódico será veiculado, assim como a linha que percorre sobre eles. Ficando da seguinte forma:

FIGURA1: Primeira versão do Logotipo do jornal Linha do Leite



Fonte: Vanderlei Souza Alves

Tomando como base a história dos distritos e a apuração sobre o nome Linha do Leite, o designer gráfico Vanderlei Souza Alves, da empresa Pullo do Gato, da cidade de Bauru, desenvolveu um novo logo que foi avaliado pelos integrantes do grupo, juntamente com a orientadora, e finalizado com a imagem abaixo:

FIGURA 2: Primeira versão final do logotipo do Jornal Linha do Leite



Fonte: Vanderlei Souza Alves

De acordo com Alves, a logo foi escolhida no formato de círculo, porque se assemelha a muitos objetos naturais, como por exemplo: o sol, a lua e o próprio planeta terra, o que ajuda o ser humano associar o formato arredondado com a própria vida. Também remete ao sentido de circulação e o movimento que os caminhões de leite realizavam todos os dias para fazer as entregas do produto.

O designer ainda explica que escolheu a cor azul porque ela representa honestidade, lealdade, responsabilidade e credibilidade, requisitos essenciais que precisam estar impostos em uma empresa jornalística. Sugere, também, uma sensação de tranquilidade, envolvendo a área da psicologia.

Já a cor azul escuro, que também está tonalizada na logo, representa um projeto seguro e determinado, sensações que evidentemente precisam estar expressas no logotipo de um jornal que está começando a ser implantado. O sombreamento e os efeitos foram utilizados para aumentar a sensação de movimento e circulação que o círculo sugere, neste caso, a constante rodagem dos caminhões.

A faixa curvada em formato de "L" representa a inicial de "Linha" e "Leite", ambas trazendo alusão ao nome do jornal. O branco traz o caminho a ser percorrido pelo leite até o ponto de entrega, neste caso, os quatro distritos representados por quatro casinhas unidas uma às outras para intensificar a ideologia editorial do jornal que é de trazer união e movimentar os assuntos que acontecem, somente e unicamente, nos distritos de Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis.

As casinhas, juntamente com a cor branca portanto, representam o local de distribuição, atenção e cobertura jornalística, despertando a tranquilidade e remetendo o ser humano à sensação de lar. O ambiente azul, ainda segundo o designer, também favorece o exercício intelectual, a harmonia e a tranquilidade, o que estimula a criatividade e a comunicação de quem o vê.

Passada por todo esse processo de discussão, a logo foi mais uma vez remodelada. Com um olhar mais técnico e profissional, o diagramador Paulo Souza Carneiro criou uma nova identidade visual. Ao pensar no alcance da informação e na propagação desta aos moradores, também com o objetivo de conseguir representar, através da marca, o *Linha do Leite* como um veículo que dá voz a comunidade, a logo seguiu o seguinte processo de criação:

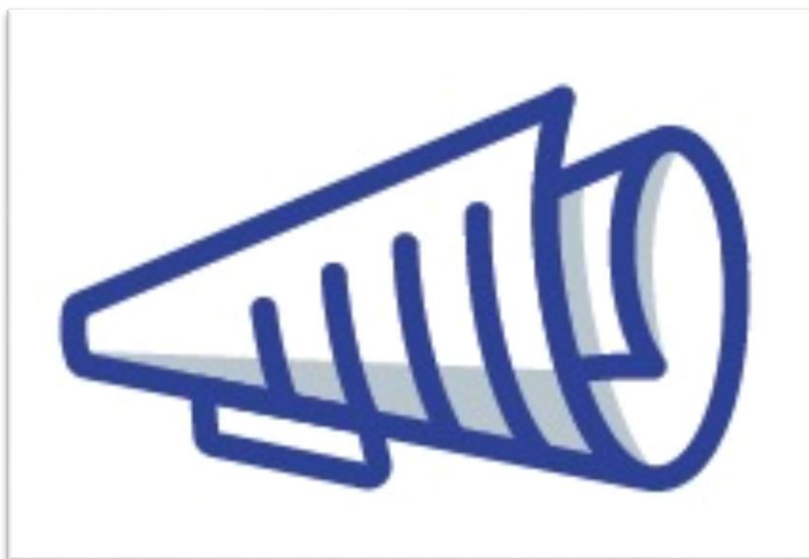
Figura 3: Processo de criação da logo remodelada



Fonte: Paulo Carneiro

Tomando, finalmente, a seguinte composição:

Figura 4: Ícone final da logo do jornal *Linha do Leite*



Fonte: Paulo Carneiro

Por fim, o diagramador criou a versão completa da arte com logo e o nome do jornal que estampa a capa do periódico:

Figura 5: Arte finalizada da logo do jornal comunitário



Fonte: Paulo Carneiro

8.9 Recursos técnicos

O *Jornal Linha do Leite* desenvolveu-se com os recursos técnicos tradicionais do jornalismo: gravador de áudio, bloco de notas, canetas, lápis, máquina fotográfica, computadores, celulares e impressoras.

8.10 Recursos financeiros

Os gastos financeiros das duas edições do *Jornal Linha do Leite* foram divididos entre os administradores do veículo, Aline Rocha de Toledo, Ednéia Gabriela Pedroso Balotari, Éverton Barbosa Soares, Jaqueline Rodrigues Galdino e Lucas Fernandes Silva Alves. Os custos basearam-se em ligações telefônicas, manutenção de equipamento, diagramação e impressão, alimentação e transporte.

Para a impressão dos dois cadernos de doze páginas do jornal fez-se um orçamento na *Folha de Londrina*, cidade de Londrina, Estado do Paraná, no valor de R\$ 890,00, para a impressão de dois mil exemplares coloridos, sendo mil para cada edição. A primeira impressão foi doada pelo Padre Alex João de Santana.

Contabilizou-se no total de todas as despesas o valor de 3.300,00 que foram divididas entre os membros do trabalho.

8.11 Recursos humanos

A direção do *Jornal Linha do Leite* foi composta pelos estudantes de

jornalismo da Unoeste nas seguintes funções: editora-chefe: Jaqueline Galdino, editor de texto: Éverton Barbosa; editora de fotografia: Ednéia Pedroso; produção: Éverton Barbosa, Ednéia Pedroso e Jaqueline Galdino e reportagens feitas por todos os membros, incluindo Aline Toledo e Lucas Fernandes.

Para as próximas edições, comerciantes locais demonstram interesse em patrocinar o veículo que pode contar com a participação de estagiários e estudantes de jornalismo ou até mesmo profissionais da área.

8.12 Oficina

A oficina foi realizada no dia 19 de agosto de 2017 na E.E. Profª Celestina de Campos Toledo Teixeira, do distrito de Floresta do Sul, pois esta atende moradores de todos os outros. A divulgação foi feita por meio de panfletagem em escolas, postos de saúde e igrejas que são pontos estratégicos de grande circulação de pessoas, além de carro de som e página no Facebook criado para postagem dos conteúdos produzidos e como canal de aproximação com os moradores e para envio de sugestões de pautas.

Nelas foram apresentados conceitos básicos do jornalismo, tais como: o que é notícia, reportagem, apuração, técnicas e fotografias jornalísticas. Também discutidas as sugestões de pautas e elaborados materiais pelos moradores com a orientação dos pesquisadores.

Como canais de envio de sugestões de conteúdos também foi criado um grupo no *WhatsApp* com colaboradores de todos os distritos, *e-mail* e telefone, divulgados no primeiro dia de oficina e nos pontos estratégicos citados.

No próximo capítulo relata-se o memorial descritivo de todas as atividades desenvolvidas no decorrer do trabalho, bem como as funções de cada membro do grupo, os prazos, *feedbacks* positivos e negativos, assim como os problemas e resoluções que os autores tiveram que lidar durante a implantação do *Jornal Linha do Leite*.

9 MEMORIAL DESCRITIVO

Neste capítulo, relate-se o diário de bordo das atividades desenvolvidas no decorrer da produção do Trabalho de Conclusão de Curso na área de Jornalismo, cujo objetivo foi a implantação de um jornal comunitário destinado aos distritos de Presidente Prudente: Montalvão, Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis.

A produção de um periódico impresso exigiu habilidades específicas por parte dos alunos nas atividades do fazer jornalístico como produção de pautas, textos, fotografias, diagramação, entrevistas, entre outros. No entanto, por se tratar de um veículo comunitário, houve também a necessidade de uma postura ética e moral em respeito aos cidadãos pelo qual o jornal se destina e que também foram colaboradores na produção do mesmo.

Para tanto, na proposta de projeto piloto do jornal comunitário *Linha do Leite* foi necessário que os autores do trabalho estivessem entrosados, em sintonia com os moradores, participantes, convidados e sempre atentos aos prazos exigidos pela orientação, requisito primordial para a administração das atividades desenvolvidas.

A ideia do projeto surgiu após uma discussão entre os membros do grupo sobre como dar voz às minorias, levar informações às localidades afastadas que não possuem um canal de comunicação ativo entre eles, que sirva também como meio de divulgação cultural capaz de trazer aproximação dos moradores, além de produzir conteúdos informativos e educativos que sejam de interesse local.

Os integrantes do trabalho, após uma aula sobre hiperlocalismo, que trata da informação jornalística direcionada a determinados locais através de uma tecnologia avançada e geolocalizada, ministrada na disciplina de Jornalismo Online pela professora Carolina Costa Mancuzo, no sexto termo da grade curricular, começaram a debater se seria viável e de que forma poderiam praticar esse tipo de jornalismo.

Inicialmente, o grupo se propôs a fazer um *website*, espelhando-se no modelo do G1.com destinado a vários bairros de Presidente Prudente, no entanto, em conversa com professores da área percebeu-se que seria inviável fazer um trabalho dessa dimensão e que seria necessário delimitar o público-alvo. Neste momento da discussão, Ednéia Pedroso, aluna moradora de Floresta do Sul, deu a sugestão de criar um veículo nesse distrito, visto que fica afastado da sede de

Presidente Prudente e não há muitas informações a respeito do mesmo na mídia local.

A ideia foi amadurecendo após os autores tomarem conhecimento sobre Jornalismo Comunitário, uma subárea do jornalismo que havia sido comentada em uma das aulas de Jornalismo Especializado, ministrada pela professora Fabiana Alves. Entendido o conceito e a importância de um veículo desse porte, deu-se início a pesquisa sobre o público-alvo. Em primeiro momento tentou-se focar apenas no distrito de Floresta de Sul, porém depois de perceber que Montalvão, Eneida e Ameliópolis possuem características em comum com Floresta no quesito de formação e desenvolvimento, a decisão de expandir o público para mais três distritos ganhou força.

Mesmo definido o objeto de estudo, no caso os quatro distritos, os autores ainda continuavam com a perspectiva de criar um *website*, no entanto a ideia foi novamente amadurecida com o auxílio de professores e constatou-se que a localidade onde o público-alvo se insere apresenta dificuldades em relação à plataforma online. Questionários e entrevistas fechadas e semiabertas, realizadas ainda na fase do pré-projeto, comprovaram que as mídias online não seriam viáveis pelo difícil acesso à internet, visto que o *wi-fi* é limitado em 2MB por pessoa em praça pública e a internet móvel muito lenta devido à distância das redes de cobertura das operadoras.

Dessa forma, o questionário aplicado na tentativa de descobrir qual o melhor veículo de adesão aos moradores nessas localidades, constatou que 89% dos entrevistados aprovam a plataforma do jornal impresso como veículo de comunicação, integração e divulgação cultural.

Assim, nasceu a proposta de um periódico comunitário impresso e mensal com o objetivo de dar voz a essas pessoas. Um veículo jornalístico destinado exclusivamente aos distritos, feito para eles e com a participação deles.

Pensar em um projeto dessa dimensão, totalmente diferente e sem nenhum modelo a qual se inspirar dentro da Facopp - já que não foi encontrado nenhum outro trabalho semelhante a este -, tornou-se um desafio para os alunos. A primeira grande dificuldade foi encontrar material bibliográfico a respeito do jornalismo comunitário em bibliotecas, visto que esse ramo ainda é pouco explorado e discutido. Nem mesmo a biblioteca da instituição em que os autores estudam possui material específico sobre essa vertente do jornalismo.

Foi necessário recorrer a artigos científicos online, Trabalhos de Conclusão de Curso de outras universidades, como os da Universidade de Londrina (UEL) e a Universidade de São Paulo (USP), fazer compra de livros e entrevistas via *e-mail* com personalidades que entendem profundamente o jornalismo comunitário, exemplo da pesquisadora, professora e doutora Cicília Maria Krohling Peruzzo, autora de diversos livros e artigos sobre jornalismo comunitário no Brasil. Uma grande referência nacional.

Além da escassez de material sobre o tema, houve também dificuldade em encontrar dados sobre a história dos distritos prudentinos, objeto central do trabalho. Para solucionar o problema, os autores realizaram uma análise documental de matérias publicados em jornais e revistas, recorreram a acervos no Museu Histórico de Presidente Prudente, na Biblioteca Municipal da cidade, coletaram informações na prefeitura, enviaram ofícios às escolas, postos de saúde e igrejas das localidades, além de entrevistas com os moradores, para, dessa forma, reconstruir a história desde a formação até o desenvolvimento dos quatro distritos na atualidade.

Este Trabalho de Conclusão de Curso realizado pelos integrantes da primeira turma da nova grade de Jornalismo da Facopp precisou seguir três etapas. A primeira refere-se à elaboração do pré-projeto apresentado à banca em novembro de 2016. Nessa fase, todos do grupo fizeram levantamento dos materiais bibliográficos necessários para a produção do projeto. Também foram aplicados entre os dias 18 e 20 de novembro de 2016, questionários aos moradores dos quatro distritos para saber qual o melhor veículo de comunicação se adequa à realidade deles. Entre as propostas estavam as mídias de rádio, televisão, impresso e internet. Nesse contato inicial com o público, os autores tiveram a preocupação de estabelecer uma aproximação com os moradores por meio de conversas informais, explicando a intenção do trabalho e coletando um *feedback* a respeito da implantação de um veículo de comunicação comunitária no meio deles.

A segunda etapa do trabalho iniciou-se no ano de 2017 com a divisão de tarefas entre os integrantes para melhor eficiência e agilidade na coleta de materiais e na execução da parte teórica. Os alunos Éverton Barbosa Soares e Jaqueline Rodrigues Galdino ficaram responsáveis pela confecção do texto, enquanto os alunos Aline Rocha de Toledo, Ednéia Gabriela Pedroso Balotari e Lucas Fernandes Silva Alves pela busca de bibliografias, documentos, artigos, fotos e materiais de acervo para compor a projeto.

Nos dias 4 e 5 de março de 2017, os autores do trabalho foram a campo aplicar entrevistas semiabertas com o intuito de obter informações para compor o capítulo 7, no qual se relata um breve histórico dos distritos. Essa foi outra oportunidade importante para contato com os moradores, amadurecimento de ideias e surgimento de possíveis pautas e personagens para o jornal.

A peça teórica foi submetida à banca no dia 30 de maio e recebeu sugestões ricas de melhorias e toques esclarecedores que, sem dúvidas, contribuíram para o sucesso do trabalho. Feitas as modificações, foi aprovado para a elaboração da parte prática no segundo semestre de 2017.

Na terceira etapa do trabalho, a execução da peça prática, os autores contaram com a participação dos moradores dos quatro distritos. Inicialmente, foi preparada uma oficina educativa com o objetivo de transmitir conhecimentos básicos sobre o fazer jornalístico de modo que a comunidade pudesse estar apta a participar das produções com mais eficiência. Nessa fase, os autores dividiram as atividades em pré-produção, produção e pós-produção, como será melhor exemplificado a seguir.

9.1 Fase de pré-produção do *Jornal Linha do Leite*

A pré-produção refere-se ao contato mais incisivo com os moradores convidando-os a participar da equipe do *Jornal Linha do Leite*. O primeiro passo foi a preparação de uma oficina que se iniciou com a elaboração de um plano de ensino (APÊNDICE B) e de material de apoio, além de divulgações iniciais por meio de redes sociais e panfletagem.

A aluna Ednéia Pedroso foi responsável por construir o plano, Jaqueline Galdino pela confecção dos *slides*, enquanto os alunos Éverton Barbosa e Aline Toledo pela coleta de jornais impressos e fotografias jornalísticas que foram utilizadas na apresentação e no contato direto dos moradores com o tipo de jornalismo que seria praticado. Ainda nessa fase, o aluno Lucas Fernandes ficou responsável pela criação e alimentação de uma página no *Facebook* destinada à divulgação da oficina e de todo decorrer do projeto.

Curiosidades sobre os distritos, informações prévias sobre o jornal comunitário, fotos locais, comentários impulsionados para atrair a atenção da comunidade integraram a página. Importante ressaltar que todos os integrantes tiveram parte na busca por conteúdos para a exposição das oficinas e contribuição

no material publicado, uma vez que a equipe precisava estar integrada o tempo todo para que a execução se efetivasse.

A oficina foi marcada para o dia 19 de agosto de 2017 às 09h30 na Escola Estadual Prof. Celestina de Campos Toledo Teixeira, em Floresta do Sul. Foram feitas divulgações via *Facebook* por uma página exclusiva para o jornal, entregues panfletos em pontos estratégicos de grande circulação de pessoas como postos de saúdes, escolas e igrejas, além de convites entregues nas escolas para que os alunos levassem aos pais. Pessoas notórias dos distritos como pastores, padres e representantes de bairro receberam convites pessoalmente. Ademais, um carro de som convidando a comunidade a participar da oficina percorreu todas as ruas dos quatro distritos nos dias 16 e 18 de agosto após as 17h, horário estratégico em que as pessoas já estão retornando para casa depois do trabalho.

Na manhã do dia 19, os integrantes do grupo estavam apostos para a recepção dos convidados com um café da manhã. A sala de leitura da escola foi equipada com projetor para os *slides* (APÊNDICE B) que serviram como material de apoio e as carteiras colocadas em círculo para aproximar todos. As pessoas que chegavam eram recepcionadas pelos alunos Aline de Toledo e Lucas Fernandes que já coletavam os contatos e realizavam pré-entrevistas para entender qual a expectativa dos convidados com o projeto. Enquanto isso, os alunos Ednéia Pedroso, Éverton Barbosa e Jaqueline Galdino se preparavam para a execução da oficina.

O tempo estava chuvoso e frio, os autores estavam aflitos com a possibilidade de não aparecerem interessados, no entanto, tudo continuou sendo preparado conforme o cronograma. A oficina iniciou com atraso de dez minutos, às 09h40, o imprevisto foi por conta dos próprios integrantes que resolveram esperar mais um pouco para ver se mais pessoas chegavam. Nesse tempo, os cinco participantes presentes foram convidados a sentar-se nas cadeiras em círculo e folhear os jornais na procura de notícias referentes aos distritos.

Inicialmente foram feitas as apresentações dos autores, bem como o objetivo do projeto, visto que todos estavam se perguntando a respeito. A primeira atividade foi desenvolvida por Ednéia Pedroso que ministrou uma gincana para quebrar a timidez dos convidados e torná-los mais próximos e envolvidos. Todos receberam uma bexiga e após enchê-las escreveram com uma caneta esferográfica uma palavra que representasse aquilo que esperavam que o jornal trouxesse para a comunidade. As palavras que surgiram foram: união, amor, socialização, harmonia,

alegria e paz. A proposta da gincana era fazer com que todos os presentes lançassem as bexigas no ar sem as deixar cair, uma música acompanhou toda a dinâmica. Enquanto as bexigas estavam no alto, algumas pessoas eram convidadas a se sentar e, conforme iam saindo, poucas ficavam para conseguir manter os balões no alto, no final todas as bexigas caíram por terra, exceto uma.

O objetivo da brincadeira foi sinalizar que o projeto é em prol da comunidade, portanto, precisa do apoio dela. A reflexão para os participantes foi de que se alguns moradores acomodam-se e cruzam os braços para as dificuldades e a realidade da comunidade, torna-se difícil para todos. A única bexiga que não caiu no chão, coincidentemente, foi o da palavra união. Em seguida, os convidados deram depoimentos do que entenderam a respeito da gincana e da ideia do jornal comunitário nos quatro distritos.

Após a discussão, houve pausa de dez minutos para o café, outro momento de acolhimento e aproximação com os moradores que ainda discutiam o significado da gincana.

Na volta do intervalo, Éverton Barbosa e Jaqueline Galdino expuseram com mais detalhes o projeto *Jornal Linha do Leite*, as pesquisas e entrevistas que foram feitas nos distritos, as formas de participação da comunidade, os conceitos básicos de jornalismo para melhor compreensão da estrutura de um jornal impresso e como contribuir dentro dos preceitos jornalísticos. Foi explicada a diferença da notícia tradicional e comunitária, mostrado exemplos de pautas, ensinado como fazer fotografias adequadas, como construir uma legenda, qual a diferença de charges e tirinha, como construir um texto de jornalismo literário, além de disponibilizar os contados do jornal para que a comunidade possa contribuir em todas as sentenças expostos na oficina. Em todo momento houve interação entre o grupo e os moradores que questionavam, perguntavam e complementavam os assuntos.

Os alunos Aline de Toledo, Ednéia Pedroso e Lucas Fernandes ficaram responsáveis por dar apoio auxiliando no manuseio do material apresentado, na distribuição dos jornais, fazer fotografias e a cobertura do evento. Ressalta-se também que os autores contaram com ajuda voluntária do aluno Renato Campanari, também de jornalismo, na organização do local.

A oficina teve duração média de uma hora e quarenta minutos e por meio dela foi possível obter a colaboração dos convidados com sugestões de pautas, ideias para a melhoria do Trabalho e adesão a um grupo de *WhatsApp*, que

serviu como meio de envio de sugestões de pautas e fotografias. Atualmente o grupo conta com 50 colaboradores diretos e, aproximadamente, 15 indiretos. Todo material coletado no dia, bem como os contatos de possíveis fontes, foram armazenados pelos autores em uma *mailing list* (APÊNDICE D) para utilização na produção das matérias do jornal.

9.2 Fase de produção do *Jornal Linha do Leite*

A fase de produção iniciou-se com reuniões de pautas, confecção de matérias jornalísticas, fotografias, coleta de materiais enviados pelos moradores, diagramação do jornal e orçamento de gastos.

A primeira reunião de pauta aconteceu após a oficina em conjunto com os participantes. Os moradores deram sugestões, indicaram pessoas e até se propuseram a contribuir no processo de produção de algumas matérias, como foi o caso da professora aposentada Marta Leite, moradora de Eneida, que ajudou na elaboração de uma matéria a respeito do morador Márcio José, que cuida voluntariamente da passarela de caminhada do distrito de Eneida. Vale ressaltar que a própria moradora indicou a pauta e teve a vontade de realizá-la, sendo o primeiro contato prático com a essência do jornalismo comunitário.

No decorrer do mês de agosto, pós-apresentação da oficina, os autores do trabalho continuaram a fazer contato com moradores dos distritos em busca de colaboração para o jornal. Aos poucos o grupo foi tomando forma e os próprios participantes enviavam sugestões e eram instruídos a entrevistar, fazer fotos de alguns eventos em seus respectivos distritos.

Apesar de a oficina ter sido ministrada apenas um dia o trabalho de divulgação do jornal comunitário *Linha do Leite* teve continuidade durante todo o decorrer da peça prática, sendo necessário até retornar aos distritos, pois havia uma preocupação eminente de tentar atingir o maior número de pessoas possíveis, tornando-as ciente do novo periódico que estava sendo criado. Os autores do trabalho estiveram permanentemente em contato com a comunidade fazendo visitas em locais públicos, conversando com moradores pessoalmente, através do *Facebook* e *WhatsApp*. Em todas as ocasiões foi retomada a importância do periódico reforçando os convites de participação e auxiliando os envolvidos a produzirem conteúdos que compuseram as duas edições do jornal.

Nos dias 6, 9, 10, 15 e 16 de setembro, por exemplo, houve outro trabalho intenso de divulgação com panfletos, cartazes fixados em locais públicos e privados realizado pela aluna Ednéia Pedrosa, apresentação de vídeo institucional gravado para explicar o projeto e pedir colaboração dos moradores.

Paralelo ao desenvolvimento das atividades de produção das matérias, uma equipe de diagramação sob a orientação do professor Marcelo Mota, desenvolvia o *layout* e a identidade visual do periódico. Os autores do trabalho acompanharam tudo colocando ideias sobre o produto final. A primeira reunião com o grupo aconteceu no dia 10 de agosto juntamente com o aluno Éverton Soares, quando foi apresentado a proposta e o objetivo do impresso para que, dessa forma, os diagramadores entendessem o significado e a grandeza do projeto, e, com isso, transmiti-los na identidade visual das páginas. Feito a reunião, a aluna Jaqueline Galdino criou um grupo de *WhatsApp* para manter contato e acompanhar o desenvolvimento das atividades. A todo o momento o professor e orientador da diagramação, Marcelo Mota, esteve presente.

No entanto, compreende-se que nem tudo que se planeja em um projeto tem êxito na execução, os autores passaram grandes dificuldades no decorrer do trabalho. Embora a equipe de diagramação tenha sido acionada ainda no primeiro semestre de 2017, as atividades começaram a ser desenvolvidas apenas no final de setembro e, quando já em execução, surgiu o primeiro grande problema para os autores. Devido ao tempo e à pouca experiência dos alunos do primeiro termo do curso superior de Tecnologia em Design Gráfico, os mesmos não puderam dar continuidade na diagramação e foi necessário recorrer a outro diagramador com habilidades mais avançadas.

Contatou-se o novo diagramador por indicação do professor Marcelo Motta, o aluno do quarto termo de Design Gráfico, Paulo de Souza Carneiro que, além de já ter desenvolvido inúmeros projetos em revistas e jornais dentro da universidade, trabalha há mais de vinte anos com diagramação de jornal em empresa própria. A primeira reunião para apresentar o projeto aconteceu no dia 29 de agosto e foi muito produtiva, além de aceitar a diagramação em curto prazo, Paulo deu muitas sugestões de melhorias no projeto e ajudou, com olhar técnico, a amadurecer as ideias.

Outro problema ao qual o grupo teve que lidar foi a inesperada ausência do aluno Lucas Fernandes nas atividades do trabalho de conclusão de curso e a falta de atividades desenvolvidas pelo mesmo, sendo necessário

sobrecarregar os outros integrantes. Devido ao fato do aluno em questão se mudar da cidade e começar a trabalhar, o mesmo se ausentou de todas as visitas nos distritos por um mês, não participando das produções de pautas, entrevistas e divulgação nesse período. O aluno ficou apenas com a parte de divulgação do material que lhe era enviado para ser postado no *Facebook* do jornal.

Compreende-se a situação do aluno, no entanto, é preciso mencionar que este foi um problema ao qual o grupo teve de superar para dar continuidade nas atividades dentro do prazo. A falta de alguém nas funções pesa para os demais, mas foi possível dar seguimento.

Nesse período houve também o afastamento da orientadora Gabriela Araujo Correia, que já estava programado por licença-maternidade, porém devido a motivos de saúde se ausentou mais cedo. A co-orientadora Fabiana Alves assumiu no dia 26 de setembro atualizando todas as tarefas e orientando os passos seguintes.

Neste dia foram construídos os bonecos das duas edições do jornal e, como o resultado das produções textuais haviam sido boas, em conjunto optou-se por aumentar as páginas de oito para doze, pois havia muito material. Além da distribuição das matérias nas edições, foram pensadas também pautas para fechar algumas páginas.

Outro adendo a ser fazer foi a divisão dos membros do trabalho em funções do jornal. A aluna Jaqueline Galdino recebeu a função de editora chefe, Éverton Barbosa de editor de texto, Ednéia Pedroso de editora de imagens, Aline Toledo e Lucas Fernandes de produção textual.

Vale ressaltar que todo o processo de produção do jornal gerou custos que foram frequentemente monitorados pela aluna Jaqueline Galdino, responsável pela administração das finanças do grupo. Além de arrecadar dinheiro mensalmente, iniciando em fevereiro de 2017, os autores promoveram uma rifa para arrecadar fundos para o jornal na tentativa de contribuir para a impressão do mesmo. A venda da rifa se iniciou em 15 de agosto e o sorteio foi realizado em 15 de setembro. O prêmio foi um colar e brincos de semijoias que rendeu o total de R\$490,00 aos cofres do *Jornal Linha do Leite*, utilizado nas despesas necessárias para a consolidação de um veículo comunitário. Houve também a contribuição do padre dos distritos, Alex João de Santana, que doou todo o dinheiro da impressão da primeira edição do jornal no valor de R\$ 890,00, valor do novo orçamento feito para as doze páginas.

O trabalho de fechamento do periódico se iniciou no fim de semana dos dias 6, 7 e 8 de outubro quando os autores percorreram novamente todos os distritos fechando as matérias em aberto. Uma logística foi desenvolvida para aproveitar melhor o tempo de visitas e concluir as edições. Na noite de sexta-feira os alunos Aline Toledo, Ednéia Pedroso, Éverton Barbosa e Jaqueline Galdino deram início a entrevistas realizados no distrito de Montalvão. Os textos já começaram a ser produzidos no mesmo dia.

Pela manhã de sábado uma chuva forte atrasou o cronograma do grupo, sendo assim, a visita marcada no distrito de Ameliópolis foi remarcada para noite e os autores usaram o tempo para continuar a produção textual. Na parte da tarde, com a chegada do aluno Lucas Fernandes, o grupo visitou Eneida e Ameliópolis até escurecer. Neste último distrito, contou-se com a participação do morador Celio Aparecido Vieira que levou os pesquisadores em várias casas contribuindo na coleta de fotografias para o jornal.

Na manhã de domingo Floresta do Sul foi percorrida para coleta de fotografias e entrevistas, enquanto a parte da tarde foi reservada para escrever os textos. Devido à grande quantidade de materiais coletados, os alunos Ednéia Pedroso, Éverton Barbosa e Jaqueline Galdino estenderam as produções textuais até a manhã de segunda.

A correção de tudo que foi produzido se iniciou imediatamente até o prazo de entrega do trabalho para a banca no dia 30 de outubro. Reuniões com a orientadora e com o diagramador foram marcadas para o fechamento do jornal, toda essa fase compôs a pós-produção do periódico *Linha do Leite*.

9.3 Fase de pós-produção do *Jornal Linha do Leite*

A pós-produção começou com a correção dos materiais, ajustes na distribuição das notícias nas páginas, acerto de documentações referente às autorizações dos moradores para publicar informações, um cuidado extra que a equipe teve para não haver ocorrências, além da continuidade da peça teórica.

No total foram 29 textos produzidos entre matérias, poesias, crônicas, editorial e artigos para as duas edições, duzentas fotos foram recebidas para seleção do jornal, além de poesias e desenhos enviados pela comunidade. Todo conteúdo foi elaborado individualmente ou em conjunto com os moradores, que,

participando ativamente em contato direto com os autores do trabalho ou de forma indireta, sem entrar no *whatsApp* criado para o jornal, foram 59 pessoas.

A distribuição do *Jornal Linha de Leite* ocorre em locais públicos como igrejas, postos de saúde, escolas e também de porta em porta com o auxílio dos colaboradores. A veiculação está agendada para a partir da última semana de novembro, por conta das datas de avaliação estipuladas pela supervisão de TCC.

Todo esforço realizado para a implantação do *Jornal Linha do Leite* são contabilizados não apenas em dinheiro, mas também em horas atividades realizadas nos distritos e/ou fora deles. Os autores desembolsaram o valor de 3.300,00 reais entre impressão do jornal, custos com alimentação, gasolina, divulgação do trabalho, aplicação da oficina, impressão de materiais de apoio e da própria peça teórica. No entanto, o maior valor foi creditado nas horas de tarefas para a concretização do trabalho de conclusão de curso em realidade. Foram aproximadamente 500 horas contadas entre idas e vindas aos distritos, orientações, pesquisas e produção da peça teórica em conjunto com a prática. Esse valor estima-se ser maior por parte dos autores, pois todo o aprendizado nesse período gerou desgaste físico e emocional, todavia gratificante.

O contato tímido e inicialmente amador entre os autores e uma realidade alternativa e pouco debatida no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, visto que o jornalismo comunitário é escasso nos currículos das universidades brasileiras, foi um desafio. O lado de fora das salas de aula, onde a realidade se choca com os alunos e obriga-os a adquirir maturidade de espírito e desenvolver outras competências, além daquelas que estão habituados, também contribuiu para o crescimento pessoal e profissional dos envolvidos na execução desse trabalho. Tudo isso foi possível graças ao suporte teórico obtido até então e a persistência dos alunos e professores que se debruçaram para o aperfeiçoamento deste aprendizado na prática.

Vale ressaltar que tudo isso contribuiu para a preparação dos membros do trabalho para o mercado profissional a qual estão a adentrar como recém-formados. É de grande valia poder sair da universidade com uma contribuição inovadora e inédita na Facopp: um projeto sobre jornalismo comunitário. O esperado pelo grupo é que, a partir do *Jornal Linha do Leite*, possam aparecer ainda mais trabalhos e debates a respeito deste viés do jornalismo. Espera-se também que os alunos tenham consciência que as pequenas comunidades, principalmente as mais afastadas dos grandes centros, também precisam ser ouvidas e valorizadas na

sociedade, afinal, o jornalismo só é possível por meio da comunicação com pessoas. O jornalista tem o papel social de cuidar e apoiar a minoria, por isso este trabalho torna-se de tão importante debate acadêmico. O jornalismo comunitário também cumpre o papel do jornalista, que nada mais é o de responsabilidade social.

Assim como esse trabalho modificou os autores e também a vida das comunidades envolvidas, espera-se que o fruto gerado por meio dele continue a transformar o pensamento de quem se propuser a questionar essa realidade distante da mídia ambiciosa e tradicional. Qualquer fórmula pronta de jornalismo está longe desse projeto, pois não as tivemos e não as fizemos. O diferencial do jornalismo comunitário é justamente não se igualar as grandes mídias e servir de mobilização social, cultural, política e educativa, na proposta de trazer algo novo.

As breves conclusões que os autores tiveram no trabalho são expostas no próximo capítulo.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudiosos definem que o marco inicial da comunicação humana se inicia quando os homens primitivos começaram a desenhar nas paredes das cavernas transmitindo informações que perduraram por muitos anos. Aquele seria o ato inicial do que viria se tornar a escrita, elemento fundamental da comunicação humana. Portanto, desde o início da vida em sociedade, inicialmente com a fala, e depois a escrita – em desenho, pedras, madeiras, papiro, papel e computador -, o homem expressa sua necessidade de comunicar-se.

Neste processo, seja para informar sobre assuntos marítimos e econômicos, seja para relatar outros acontecimentos do cotidiano, a notícia sempre esteve presente, mesmo que ainda não a tivessem denominada com sua atual finalidade.

O impresso surgiu desses movimentos e da necessidade de o ser humano interligar-se e, assim sendo, percorreu gerações e se mantém até hoje informando e cumprindo essa função. Estudar, portanto, essa plataforma e propor de forma democrática a sua permanência no seio de uma comunidade, concretiza a certeza de que a sociedade ainda precisa dessa plataforma e ela se renova sempre que atende as necessidades de um grupo, neste caso, dos distritos prudentinos que não dispõem com facilidade de outros canais.

Referindo-se ao cumprimento das necessidades humanas, houve a primeira grande remodelação do impresso, referente a especialização de conteúdos. Esta segmentação permite a informação mais democrática e popular, advinda também dos movimentos que circundam do surgimento do próprio meio. No caso da comunicação comunitária que se consolidou a partir das manifestações populares, iniciados nos anos 1970 e 1980, permitiu a classe subalterna canais próprios para expressar-se.

Resultado dessas manifestações, os indivíduos conseguiram a participação em canais de comunicação que possibilitam a liberdade de opinião, expressão de ideias e valorização de assuntos de interesse coletivo da comunidade inserida. Com isso, conseguiram sair da condição de leitores passivos para sujeitos ativos e produtores de conteúdo.

Assim, de acordo com o referencial teórico apresentado no decorrer do trabalho, quando a participação da população foi garantida, desde as discussões de pautas à distribuição e veiculação das notícias, o jornalismo produzido passou a ser

encarado como um patrimônio da comunidade. É por meio dessa reflexão de como o comunitário pode ser empregado nos distritos prudentinos, que o *Jornal Linha do Leite* vai ao encontro do resgate da identidade individual e coletiva dos moradores, despertando o sentimento de pertence do cidadão pelo veículo comunitário e pela comunidade.

Trata-se, portanto, de um jornalismo que se propôs a dialogar e a formar a cidadania, democratizando a informação e propiciando a eles canais em que possam se expressar e lutar pelos direitos.

Por meio de oficinas, a comunidade foi mobilizada e incentivada a tomar parte da produção do conteúdo do jornal, possibilitando assim, colocar em prática o referencial exposto neste trabalho e certificando-se que a linha de estudo dos autores apresentados funciona além da teoria.

No processo de produção do jornal, observou-se que houve integração entre os membros da comunidade em prol da construção do veículo, à medida que os moradores passaram a discutir mais a respeito dos assuntos de interesse comum, reuniram-se para debater ideias e propor soluções para problemas gerais.

Notou-se também, a aproximação dos moradores com a informação jornalística ao passo que produziram textos, fotos e entrevistaram pessoas para as reportagens e notícias que compõe o jornal, resultando em uma editoria especial.

Finalmente, por meio da inserção dos valores-notícia, das questões éticas e morais que permeiam a profissão jornalística, do respeito e valorização com o público convidado a participar ativamente do jornal, o produto final, o periódico *Linha do Leite*, atendeu os objetivos propostos, exercitando a expressão e socialização entre as comunidades, promovendo o debate de ideias, discussões de problemas sociais, do cotidiano e divulgação cultural destas localidades.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Carlos Eduardo C. **Comunicação Comunitária como alternativa à democratização dos meios de comunicação**. Londrina/PR: Universidade Estadual de Londrina, 2004.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: As técnicas do jornalismo**. 4.ed. revista e aumentada. São Paulo: Editora Ática S.A, 1990. BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: As técnicas do jornalismo**. 4.ed. revista e aumentada. São Paulo: Editora Ática S.A.,1990.
- COSTELLA, Antonio. **Comunicação: do grito ao satélite**. 4. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2001.
- DUARTE, Jorge. **Entrevista em Profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. 3.reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- DUARTE, Valdir. **Nossa família, nossa história**. Mauá: People, 2003.
- ERBOLATO, Mário. L. **Técnica de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008. Disponível em: <http://unoeste.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788508037995/pages/_1>. Acesso em: 10 set. 2016.
- FERREIRA, Ricardo Alexino. **Jornalismo Segmentado (Especializado-Científico): análise crítica, estudo de casos e a construção de novos paradigmas e de um novo currículo disciplinar**. In: **Fórum Nacional de professores de jornalismo, GT Jornalismo Especializado**. Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2007. Disponível em: <<http://www.fnnpj.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=172&cf=7>> Acesso em: 25 abr. 2017
- FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação da folha de São Paulo**. 19. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.
- FREITAS, Viviane Belizario de. **O papel social do jornalismo comunitário: Um estudo do Jornal Cantareira**. Centro Universitário Nove de Julho. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/freitas-viviane-papel-social-do-jornalismo-comunitario.pdf>> Acesso em: 25 de abr. 2017
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONÇALVES, Juliana. **Contribuições do Jornal Mulherio na construção da cidadania feminina**. 2014, 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2014.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **IBGE CIDADES**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354140&search=sao->

paulo|presidente-prudente> Acesso em: 20 out. 2016.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCONI, Maria de Andrade de; LAKATOS, Eva. Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

MASCARENHAS, Sidnei. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. Disponível em: <<http://unoeste.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788564574595/pages/-12>>. Acesso em: 17 set. 2016.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Pulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: José Marques de Melo: Maria Crisitna Gobbi. (Org.). **Sociedade do conhecimento**: aportes latino-americanos. São Bernardo do Campo: Editora da Metodista, 2005, v. 1, p. 85-111.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. In: Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-graduação em Comunicação – Lumina: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Revisitado os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa Comunicação para Cidadania, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB. Vol. 6. 2006.

PIZAIA, Letícia Razente. **Aspectos da comunicação comunitária na vila Rural Inocente**. 2003, 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2003.

PINTO, Luis Esteves A. **Jornal O cidadão: Um jornal comunitário na era da globalização**. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, 24 – Campo Grande, 2001; Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11380167032044717900893522700079570>>

4336.pdf > Acesso em: 25 abr. 2017

POLIANTEA DIOCESANA. **Jubileu de ouro da diocese de Presidente Prudente**. Presidente Prudente: Polianteia diocesana, 2010.

RIBEIRO, Fernanda; ORTIZ, Daniel. **A função social do jornalismo comunitário**. Anais do XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino Americana de Comunicação. Pelotas/RS: Celacom, 2007.

RUDIO, Franz Vitor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, Valdir. **Pioneiros e memória de Presidente Prudente**. Presidente Prudente: xerog., 2002

SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. Jornalismo Comunitário: Conceitos, Importância e Desafios Contemporâneos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 7. Santos, 2007. **Anais eletrônicos...** Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0507-1.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <http://chile.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf> Acesso em: 23 mar. 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à histórias, às técnicas e às linguagens da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa Bibliográfica**. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2.ed. 3.reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O jornalismo especializado e a mediação de um ethos na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Em questão, 2009.

WONDRACEK, Claude. **Estudos sobre Imprensa Comunitária**. ECA/USP. Editora COM-ARTE, 1978. cap: 1: O jornal do interior na era tecnológica, p. 7-27.

ANEXOS

**ANEXO A
ENTREVISTAS**

Assunto: Entrevista Jornalismo Comunitário (TCC)

Entrevistada: Maria Cecília Krohling Peruzzo

Entrevista por e-mail - De: TCC DISTRITOS [tcc.distritos@gmail.com]

Para: kperuzzo@uol.com.br

Enviada em: sexta-feira, 3 de março de 2017 às 23:19

1. Qual a importância do jornalismo comunitário?

O jornalismo comunitário pode se expressar em diferentes vertentes. Aquele feito com a participação ativa dos membros das comunidades e destinado a elas próprias se constitui em um instrumento para a ampliação do exercício da cidadania. Da cidadania comunicacional (direito de comunicar) e em suas outras dimensões, pois esta pode ajudar na realização de outros direitos. Por exemplo, um jornalzinho pode contribuir no processo de mobilização e lutas por melhorias no atendimento médico local. O jornal comunitário se reveste de importância tanto pelos conteúdos transmitidos ao tratar de temas locais vinculados à situação e aos interesses das pessoas de uma determinada localidade ou comunidade, além de servir de mediação a um processo de ampliação de conhecimento sobre o entorno e sobre o fazer comunicacional.

2. Qual o papel social de um jornalista que trabalha com jornalismo comunitário?

Atuar como facilitador do processo de feitura dos produtos jornalísticos. Não assumir para si mesmo e sozinho a tarefa que pode ser desenvolvida por pessoas da própria comunidade, a menos que esta delegue ao comunicador externo tal atribuição e, mesmo assim, não se pode perder a noção de vínculo e nem se distanciar da mesma. Ou seja, é possível fazer jornalismo comunitário sem reproduzir o padrão do jornalismo tradicional, se a pessoa estiver disposta a reaprender e abrir-se ao trabalho coletivo.

3. Quais os benefícios para uma comunidade em ter um jornal que fale sobre ela?

Ver pergunta 1

4. Quais os assuntos que merecem mais atenção em um jornal comunitário?

Depende da realidade de cada lugar ou comunidade. Mas, no geral os assuntos que mais merecem atenção são aqueles relacionados ao cotidiano e a vida da própria comunidade, tais como os problemas em relação aos serviços públicos e condições de moradia, violência etc., mas há que se prestar atenção também as coisas boas que acontecem nas localidades, que em geral pouco se comenta. Ou seja, as iniciativas inovadoras (de ONGs, escolas, associações etc.) que desenvolvem projetos sócio educativos naquela realidade pode se constituir em pauta periódica ou constante de um jornal comunitário. Pode-se ainda prestar atenção aos aspectos históricos (origens, resgate de acontecimentos, personagens importantes que residem no local etc.) como forma de ajudar a reconstituir a memória e a construir a história presente. O passado ajuda a compreender o presente e pode ser uma boa razão para se fortalecer as lutas do presente.

5. As técnicas do jornalismo convencional também se aplicam ao comunitário ou existe alguma diferença?

Em parte, sim, porque há técnicas desenvolvidas que são úteis também ao jornalismo comunitário, como o enfoque inicial da matéria partindo do que é mais

importante e mesmo as técnicas da entrevista, da apuração e da reportagem, entre outros aspectos. No entanto, espera-se que o lead, por exemplo, seja flexibilizando e que se dê mais importância ao aprofundamento das matérias tentando explorar também os por quês ... Por outro lado, creio que a mudança maior pode estar no processo de fazer jornalismo ao se instituir dinâmicas participativas e coletivizadas de produção. Quebrar a lógica das pautas - e das pautas fechadas - feitas por um editor, além de romper com a ideia de que é só um repórter formado numa Faculdade de Comunicação que pode apurar e elaborar o texto jornalístico, entre outros aspectos. A apregoada objetividade jornalística não chega a ser uma promessa desse tipo de jornalismo, que de fato não quer ser neutro. A diferença é que ele se assume como um meio de comunicação posicionado enquanto no jornalismo convencional, apesar de ter um lado, faz de conta que não tem, que é neutro. Principalmente nos momentos de crise as posições (lados) se tornam evidentes.

6. A respeito dos níveis de participação, qual a melhor maneira de envolver a comunidade na elaboração deste jornal comunitário?

O segredo para se conseguir o envolvimento ativo e com regularidade é facilitar a participação das pessoas desde o início, desde a criação do projeto e da tomada de decisões sobre nome, objetivos, formato, formas de distribuição etc., além de garantir a participação ativa nas demais fases do fazer jornalístico. Para tanto, há que se ter a anuência da(s) associação(es) local(ais), criar os canais de participação e sistemáticas regulares de encontros.

7. Como devem ser as oficinas, caso optemos trabalhar com elas para inserir a comunidade no fazer-jornalístico?

Ih... esse tema precisa ser planejado em detalhes e cuidadosamente. Não dá para responder numa pergunta assim formulada de modo sintético. Depende de realidade local e do tipo de trabalho que querem fazer.

8. Como o jornal impresso pode se tornar um bom suporte para o jornalismo comunitário?

Trata-se de um formato mais palpável para ser manuseado, levado para casa, discutido em casa ou em escolas... Tem também um valor de documento que tende a ser muito valorizado nas comunidades.

9. Qual foi a importância dos movimentos sociais para a consolidação do jornalismo comunitário?

Podem tanto ajudar no planejamento, na manutenção e na elaboração do jornal quanto serem importantes fontes de informações. É importante que o jornal esteja vinculado a pelo menos um movimento ou associação comunitária, além de não se distanciar deste e dos outros movimentos sociais.

10. O jornalismo comunitário se torna uma segmentação do jornalismo, sendo assim, um jornalismo especializado, como e quando o comunitário passa a ser considerado um jornalismo especializado?

O jornalismo comunitário pode ser visto como um segmento do jornalismo. No entanto, na perspectiva de um jornal que se insere numa dinâmica comunitarista em que o meio de comunicação entra como uma necessidade de expressão, de se ter um canal para facilitar circulação da informação e as interações, ou em outras palavras, como facilitador dos processos de mobilização, organização e ação das comunidades, não o vejo como jornalismo especializado. Mas, como em outros tipos

de “jornalismo comunitário” ou que são chamados de comunitários, talvez possa existir algo nesse sentido.

Montalvão

Entrevistado: Lourdes Matricardi Lourenço, 82, serventuária da justiça aposentada. Filha de fundador de Montalvão.

Entrevistador: Ednéia Pedroso, Lucas Fernandes e Aline Toledo

Assunto: Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos

Data: 04/03/2017

Meio: Presencial

1. Como foi o início do distrito de Montalvão?

“Em 1939 foi criado o distrito de Montalvão e era conhecido como Mont’Alvão. Meu pai, Antonio Matricardi, foi um dos fundadores de Montalvão, ele veio da Itália com 6 anos. Na região ele chegou primeiro na Vila Marcondes, onde ele comprou um terreno. Depois vendeu e veio para Montalvão. Primeiro ele tinha um sítio no Km 9, depois ele abriu sociedade com o filho do Maurílio Fernandes e puseram uma venda aqui”.

2. Quando isso aconteceu?

“Quando ele veio para cá, mais ou menos em 1936, 37 ele já era casado e trouxe 8 filhos. Os outros três nasceram aqui. Além do meu pai um outro fundador foi o Étore Trevisan”.

3. Como era o lazer naquela época?

“Todo sábado tinha baile e a gente encontrava os namorados no salão.”

4. Quais eram as maiores dificuldades?

“As dificuldades era o asfalto que só veio depois que nós fizemos o loteamento e os ônibus que só passavam uma vez por dia.”

5. Qual a origem do nome Montalvão?

“Antes aqui era uma fazenda, a fazenda Montalvão, que pegava do Rio do peixe até rancharia. Depois foi feito loteamento e já morava bastante gente, por isso o nome do distrito”.

6. Como foi o início de tudo por aqui?

“Tinha Farmácia do senhor Salomão, e tinha dentista também era umas 5 famílias morando aqui. Do asfalto eu lembro, porque nós que fizemos, quando fizemos o loteamento do terreno, e o asfalto veio então em 1983. Comércio antigamente tinha o Étore Trevisan, onde tinha uma padaria. Os pães eram feitos junto dos doces, mas lojas mesmo não tinha, só depois meu pai teve uma vendinha. As roupas mesmo eram vendidas por peças, as pessoas compravam as peças e faziam as roupas. Tinha eventos na igreja com a Dona Maria Pereira Poiane, nós ficávamos vestidos com roupas de anjo e coroávamos a Imaculada Conceição”.

7. Guarda uma boa lembrança do local?

“A do cartório. O primeiro cartório que teve aqui era do senhor José Rochael de Medeiros, depois dele quem assumiu foi Jorge Bushi, e depois Dona Maria José Cardeal de Godoy, que foi quando eu comecei a trabalhar em 1950. O cartório aqui

de Montalvão foi fundado em 1939. Depois da dona Maria quem assumiu foi o senhor José Luzo Cordeiro”.

8. Qual foi a maior mudança no distrito?

“O que mais mudou foi que depois que compramos o sítio do meu pai, nós fizemos loteamento e aumentou Montalvão. Foi feito chácaras e terrenos, depois seu Étore e Marangoni também fizeram loteamentos, tudo isso aconteceu mais ou menos em 77”.

9. O que mais o distrito necessita?

“Não tem polícia aqui, precisava ter mas não tem, não tem posto 24 horas, essas coisas”.

Entrevistado: Odete Maria da Silva, aposentada, moradora há 50 anos em Montalvão.

Entrevistador: Ednéia Pedroso, Lucas Fernandes e Aline Toledo

Assunto: Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos.

Data: 04/03/2017

Meio: Presencial

1. Há quanto tempo você mora na região?

“Eu moro em Montalvão faz uns 50 anos e na região uns 54. Quando cheguei aqui já tinha bastante coisa”.

2. Como era o distrito no início?

“Lembro da igreja que era de madeira e a gente participava dela da maneira que era. Antes a igreja era na 7 de setembro e depois construíram uma outra mais para cima. A igreja atual foi construída pelo senhor Alcides Milani. Ah, aqui na 7 de setembro era onde ficava a escola, no tempo da Dona Mariquinha. A escola era de madeira e funciona até hoje. Dona Maria Pereira Poiane [Mariquinha] era muito importante aqui na cidade, era casada com Menegildo Brigatto. Diretora da Escola”.

3. Quem foram as famílias pioneiras?

“A família Matricardi é uma das pioneiras na construção da cidade, antes era tudo mato e lavoura. O fundador era o vô [como era chamado por todos] Antonio Matricardi, não lembro muita coisa”.

4. Como era o comércio local?

“O comércio era mesmo na lavoura, aqui era produzido os mais pesados grãos, arroz, feijão e o resto era de Presidente Prudente. Aqui tinha o Cartório que era da Dona Adelina, nora do senhor Antonio Matricardi e depois tudo era feito no cartório de Eneida. Tinha vendas, padaria, escola, igreja”.

5. O que tinha e o que não tinha aqui?

“A estrada já existia, mas era tudo de barro, quando chovia tinha que ir a pé, porque o ônibus não passava. Não tinha posto de Saúde, tudo era na cidade.”

6. O que acha do lugar?

“É muito bom morar aqui. Hoje tem de tudo e eu não tenho vontade de sair. Ainda trabalho na igreja e isso me faz feliz”.

Floresta do Sul

Entrevistado: Aurelio Balotari, 85, morador aposentado do distrito de Floresta do Sul.

Entrevistador: Éverton Barbosa Soares e Jaqueline Rodrigues Galdino.

Assunto: Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos.

Data: 05/03/2017

Meio: Presencial

1. Você nasceu em que ano?

“19 de outubro de 1931”.

2. Há quanto tempo mora no distrito?

“Moro em Floresta desde que nasci, vai para 86 anos. Eu nasci lá no sitio quem tem lá no fundo. Meu pai, Ernesto Balotari, veio da Itália com 4 anos para morar em Araraquara, veio com os irmãos e meu avô. Mexeram com a lavoura de café ai depois vieram para Floresta em 1929”.

3. Depois o que aconteceu?

“Meu pai já veio casado com a minha mãe e com 1 filho, depois os outros 9 nasceram aqui. Juntos com os “alemão” tocaram roça de café e depois compraram um sitinho de 10 alqueires, que era mato, tudo mato”.

4. Quais as suas lembranças dos distritos?

“Aqui no distrito quase não tinha nada, a gente era moleque e passava o dia pescando e tomava banho no corguinho. Em volta era tudo mato, meu pai pegava a espingarda à noite pra espantar os catetos da lavoura, tinha onça também. Aqui onde eu moro era uma oficina, as casas era tudo velha. Tinha a escolinha que foi feita pelo Raimundo Maiolini e pelo meu pai, era de madeira e a professora, Dona Diva, dava conta de todas as crianças. Era ali onde é o velório hoje. A professora se hospedava aqui porque não era daqui. Depois ela casou.

Teve um dia que quase aconteceu um desastre na escola. Tinha um moreno que gostava de fazer discurso de 7 de setembro na escola e a dona Diva não gostava que ele ia lá, ela mandou falar que ele não fosse, mas ele foi com o revólver pra matar ela. As crianças tava tudo lá. Quem segurou ele foi meu pai e o Raimundo e a polícia levou ele preso. Quinze dias antes da Dona Diva morrer eu falei com ela pelo telefone e ela chorando disse que tinha saudades de Floresta. Ela dava catecismo quase todos os dias para os alunos”.

5. O que mais tinha aqui?

“Tinha a igreja de madeira, mas não era onde é agora, era pequena e foram reformando. Depois foi tendo venda, sorveteria, farmácia, o posto de gasolina que era do pai da Isaura (Isaura Leite balotari, esposa), máquina de arroz, loja de roupa, açougue, um jogo de isnuque (sic) e também tinha cartório aqui. Não tinha posto de saúde.

Fui para Corumbá, no Mato Grosso, perto da Bolívia, servir o exército. Fui de trem porque era muito longe”.

6. Sobre o exército, o que você tem a dizer?

“Fui para o exército em 1950, em Corumbá, fiquei lá 1 ano e 15 dias sem ver a família. Eu fui chamado e pejejei pra não ir, mas a mãe disse, “você vai”. A comida era um horror, a gente comia porque era obrigado, a cama era um colchão de capim

e mola, quase não tinha nem capim mais, a coberta não esquentava nada. A gente tinha que vestir duas fardas pra esquentar um pouco mais a noite. Eu servi bem o exército, nunca fui chamado a atenção, ganhei a reservista e uma carta de apresentação, mas foi muito sofrido.

Quando voltei do exército meu pai e minha mãe não tava nem sabendo, cheguei em casa com a mesma malinha que levei de papelão. Entrei em casa, meu pai e minha mãe estavam na cozinha, aí me viram, juntou os dois e me abraçaram e choraram de alegria. Foi uma surpresa muito grande, nunca esqueço disso”.

7. Naquela época vinha gente do exterior?

“Não. As famílias que moravam aqui primeiro eram tudo da região, foram comprando lotes e vinham por conta da lavoura porque vendia barato, tudo era barato. Naquele tempo não tinha imposto”.

8. Como era o lazer?

“Era cada bailão nas casas e nos sítios, eu mesmo dancei muito por aí. Reunia os vizinhos tudo com um sanfoneiro e era aquele baile a noite inteira. Hoje não tem mais isso”.

9. Quais eram as dificuldades?

“A maior dificuldade era o transporte, não tinha asfalto, os carros atolavam em frente da minha casa. Naquele tempo era jardineira e tinha que carregar 7,8 enxadas para desatolar porque encravava muito. E quando tinha que ir ao médico ou coisas do tipo, era uma vez só por dia, ia cedo e voltava de tarde. Sabe como o povo ia fazer compras em Prudente? A cavalo. Juntava os vizinhos tudo e ia a cavalo, tinha um armazém na Vila Marcondes e comprava tudo lá. Comprava querosene, sal, açúcar. Arroz tinha, era fartura, feijão também, porque era tudo lavoura. Meu pai tinha uma lavoura de tomate, coisa mais linda tudo sadio”.

10. Tinha plantação de quê?

“Era algodão, naquele tempo era uma fartura”.

11. Ficou menor a lavoura com a usina?

“Diminuiu bastante. Eu colhia algodão 115 quilos por dia, ninguém podia comigo e eu tinha 4 crianças, hoje tenho 6 filhos”.

12. Tudo isso morando aqui?

“Sim, estão tudo casados só mora aqui o da padaria e outra, tem uma que tem um sítio, uma é diretora em Caiabu, outra em Prudente que mora no Damha, tem o Zé Rubens que trabalha na rodoviária, no escritório”.

13. As casas eram tudo de madeira?

“Sim, meu pai tirou a madeira na serra para fazer a nossa casa. Também tirou leite por 40 anos inclusive o primeiro litro de leite foi ele quem mandou para o laticínio”.

14. O terreno da farmácia ainda é da família de vocês?

“Não, foi vendido para o Chico Pedro e ele fez um bar, era um bar e agora é a farmácia. Ele vendeu para a Maria Orotildes e ela aluga para o farmacêutico”.

15. E o esgoto, quando chegou?

“O esgoto está chegando agora. Mas está um inferno porque está voltando tudo o cheiro para dentro de casa. O esgoto está mal feito, fica a céu aberto lá no sítio”.

16. Qual foi a maior mudança no distrito?

“Eu sofri muito, mas também aproveitei muito a minha vida, trabalhei demais sempre na roça depois com gado, casei, criei meus 6 filhos, sou feliz com a família que eu tenho”.

17. Vocês gostavam de morar aqui?

“Era um sossego. O povo era outro. Hoje em dia tem pessoas desconhecidas. Era bem melhor, todo mundo comia melhor. Não existia nem Marcondes ainda, era tudo mato. Tinha muito bicho até onça. Era tudo diferente. Era uma vida mais livre, tinha baile e todo mundo era amigo”.

18. As lembranças eram boas?

“Era tranquilo, um quarteirão inteiro era só de família, agora tem mais gente estranha”.

19. Como é a criminalidade, vocês tem policiamento?

“Tinha, mas tiraram. Agora vem polícia à noite, mas vem e vai embora, colocamos um guarda à noite, o povo que paga, cada casa paga um pouco e ele vem de moto à noite”.

20. Mas continua bom viver?

“Agora com o guarda melhorou. Mas pra sair ainda precisa fechar a casa porque andaram assaltando até de dia a padaria do meu filho. Antes se dormia de porta aberta”.

21. Quem foram os fundadores do distrito e por que se chama Floresta do Sul?

Foi o Estevão Rodrigues e os Maiolini. Antes aqui tinha o nome de Patrimônio Velho e era mais pra baixo, depois mudou pra cá e passou a chamar Floresta. O nome deve ser por conta do mato que tinha aqui”.

Entrevistada: Aparecida Matricardi Bonini, 82, integrante da família pioneira do distrito de Montalvão.

Entrevistador: Éverton Barbosa Soares e Jaqueline Rodrigues Galdino.

Assunto: Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos.

Data: 04/03/2017

Meio: Presencial

1. Você é de Floresta?

“Eu nasci em Montalvão. Eu não conheci o começo aqui porque eu mudei pra cá em 54, e já tava começado”.

2. Como veio para cá?

“Meu pai (Antonio Matricardi) chegou em Montalvão em 1917, meu pai nasceu na Itália e minha mãe em Bragança Paulista. O primeiro comércio do Montalvão foi ele que abriu e também tinha o sítio, meus irmãos trabalhavam na roça. Ai então em 1952 eu casei, e vim para Floresta em 1954”.

3. Como foi seu casamento?

Casei em Montalvão, no cartório de registro civil do lado da minha casa, aí fomos pra Prudente e casamos às 16hrs na igreja da Vila Marcondes. Pra me arrumar, a gente foi com o caminhão do leiteiro, mas pra casar nós fomos de carro para o casamento, nenhum dos meus irmãos quis ir de caminhão, alugamos um taxi e

fomos. Depois morei 1 ano e 8 meses no Paraná, voltei e estou em Floresta até hoje”.

4. Como era antes o distrito de Floresta?

“No começo era tudo lavoura quando eu vim para cá, tinha só uma venda, duas na verdade. De roupa de uns anos para cá que abriu uma loja. Igreja tinha, eu conheci quando era de madeira, mas depois que vim de Montalvão, depois construíram essa aí em 58. A nova faz 4 anos. Não tinha luz, não tinha água e não tinha nada. A luz foi em 57. Mudou bastante quando veio a luz, depois de 3 anos que veio a água, mais ou menos. Depois veio outras pessoas morar aqui, e outras foram casando e fazendo as casas aqui”.

5. Como foi com a chegada da energia elétrica?

“Quando chegou a energia eu ainda não tinha televisão, só tinha as tomadas tudo pronta. Nós fizemos a casa em 65 e era de material, aí pensamos, se vier energia já tá pronto né, não precisou quebrar parede nem nada. Demorou uns 2 anos pra eu comprar a televisão, aí as pessoas se reuniam nas casas para ver televisão e juntava bastante gente pra ver novela, Silvio Santos. Depois todos foram comprando e foi melhorando”.

6. E como era em Montalvão?

“Em Montalvão era quase a mesma coisa, tinha a igreja de madeira onde eu aprendi o catecismo, era bem pequena a igreja, era do tamanho dessa cozinha aí, era lá em baixo perto do córrego. Depois subiu mais para cima e fizeram uma maior”.

7. Sempre teve escola aqui em Floresta?

“A escola era uma escolinha só também, era de madeira e só tinha uma professora. Não tinha posto de saúde, o posto foi aberto em 87. Tinha que ir para Prudente pra ir ao médico. A gente ia de ônibus, era pouco, mas já tinha. Em Montalvão tinha escola até a terceira série, depois não tinha mais. Eu estudei porque meu pai pagou, meu pai só não, muita gente pagou para 22 alunos, uma quarta série pra nós e garantiu o diploma. As aulas eram numa sala emprestada. Depois no outro ano saiu a quarta série em Montalvão”.

8. Sua família é uma das primeiras daqui? Chegaram a construir casas?

“Sim, uma das primeiras famílias. Minha família não construiu nada aqui, quando chegou já tinha a igreja e o salão paroquial já tinha também. Quem veio para cá primeiro foi Estevão Rodrigues de Souza, ele deu o terreno da igreja, do campo e do salão paroquial. Depois vieram os Cotini e os maiolini. Nós compramos o terreno onde tinha o posto de gasolina, nós tocamos o posto por um tempo e depois abrimos o bar. Tinha também o cartório, a loja de secos e molhados e roupas que também tinha em Montalvão que era do meu pai, tinha Caixa Econômica, mas também não volta mais pra cá”.

9. Como é morar aqui?

“Eu gosto de morar aqui, agora tem tudo. Aqui antes tinha banco e não tem mais. O correio faz muito tempo que tem. O banco ficou aqui três anos e foi embora mais ou menos em 1980, era Caixa Econômica. O correio não sei quando chegou, foi pela prefeitura. E essa agência está aqui faz muitos anos. A menina que trabalhou lá já aposentou faz dois ou três anos”.

10. E o saneamento básico, quando chegou?

“Eu não me lembro, mas eu acho que o asfalto chegou na década de 80. Agora o esgoto foi em 96, nos outros distritos, mas aqui chegou ano passado só. Quem trouxe o esgoto foi o Tupã”.

11. Como eram os empregos aqui, do que as pessoas viviam?

“Antes tinha a lavoura e hoje não tem mais, antes tinha batata, algodão e amendoim. A lavoura saiu quando a usina chegou. A usina deu bastante emprego para as pessoas daqui. Muita gente veio morar para cá por causa da usina”.

12. Quais eram as maiores dificuldades?

“A maior dificuldade era de locomoção tinha pouco ônibus, a estrada era muito ruim, não tinha carro. Quando surgiu o primeiro Volks, foi em 65, 66 quem comprou foi o Jaime Balotari, ninguém tinha carro. Energia elétrica, água encanada nem era dificuldade, a gente já está acostumado”.

13. O que faziam para o lazer?

Aqui tinha as festas da igreja, uma vez por ano e era bem movimentada, até hoje. Eram quermesses, todo mundo participava. Era um mês inteiro, todo sábado e domingo, era a única diversão, no mais, quando tinha um casamento a gente ia”.

14. De onde veio o nome Floresta do Sul?

“Eu penso que o nome Floresta veio da mata que tinha em volta. Quando eu era solteira em Montalvão aqui a turma tava derrubando o mato, então não tinha fruta e não tinha nada. Lá em Montalvão as pessoas que vendiam frutas, tinha as barraquinha, os ônibus paravam e as pessoas desciam tudo pra comprar laranja, tangerina, as frutas que tinha.”

15. Existe uma certa rivalidade entre os distritos. Você sabe o motivo?

“Toda vida que morei aqui teve rivalidade entre os quatros distritos, mas eu não sei o porquê”.

16. O que precisa melhorar aqui?

“Precisava melhorar a questão de saúde, policiamento, horário de ônibus. Ter mais coisas para as pessoas não precisarem ir sempre para Prudente”.

Eneida

Entrevistada: Neide Caires de Souza, 78, moradora antiga do distrito de Eneida.

Entrevistador: Ednéia Pedroso, Aline Toledo, Éverton Barbosa Soares e Lucas Fernandes.

Assunto: Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos

Data: 04/03/2017

Meio: Presencial

1. Quando veio para Eneida?

“Já vim para cá casada, já tinha as meninas na escola e elas estudavam em Floresta quando eu morava no Cem Alqueires. Morávamos em um sitio lá, aí depois que mudamos para cá elas estudaram aqui. Elas iam de cavalo para a escola porque era meio longe né. A escola não é onde está hoje, era lá perto do velório”.

2. Você é nascida no Cem Alqueires?

“Sou nascida no Timburi e aí o mundo rodou muito, meu pai mudou pra São Paulo,

depois voltamos de São Paulo, aí fomos morar no sítio que minha mãe herdou né. De lá vendemos o sítio, mudamos para Alfredo Marcondes, lá em Alfredo Marcondes eu casei e fui morar no Km 18 e de lá eu fui morar no sítio do Padre Jacó, em Santo Expedito e de lá nos mudamos para cá, ganhamos a casa para morar ali perto do pasto, ali eu morei 7 anos. E dali eu mudei para dentro de Eneida”.

3. Você disse que trabalhou 14 anos na escola, você só trabalhou lá?

“Trabalhei de merendeira na escola, trabalhei 14 anos e meio de merendeira. Depois me levaram para o posto de saúde, depois, por conta de política, me levaram para Prudente e trabalhei dentro da prefeitura 2 anos e meio, viajando daqui para lá, aí foi quando eu me aposentei. Depois de aposentada eu trabalhei uns 5 anos nessa creche aqui, trabalhando de serviços gerais”.

4. De Floresta, o que a você lembra?

“Ah, o que eu lembro de Floresta era as missas, mas para mim toda vida foi bom lá em Floresta, não era ruim não. Quando íamos na missa a igreja já era onde está hoje, mas era uma outra igreja que já era de tijolo. A de madeira eu não conheci não”.

5. Quando você chegou em Eneida já era grande?

“Já, Eneida já era grandinha, mas agora é mais pequena do que era porque dizem que antigamente tinha padaria, tinha loja, tinha cartório né. Depois o cartório foi embora e agora que ele voltou. Tinha muita coisa aqui, tinha campo de avião, dizem né, eu não conheci, mas tinha campo de avião tinha até a zona do meretrício. Ai quando eu cheguei aqui já não tinha mais essas coisas aqui”.

6. Por que será que acabou?

“O povo tudo mudou para Prudente, os fazendeiros foram comprando as terras e virou só fazenda. E foi acabando tudo, mas também tinha muita coisa, máquina de arroz, tinha não sei quantas máquinas. Os fazendeiros foram comprando gado e as coisas foram sumindo”.

7. Quando foi que as pessoas voltaram para cá?

“Foi por causa da usina, rodou, rodou, rodou e chegou a usina que toma conta de tudo agora. Devagarzinho os fazendeiros vão arrendando para ela né, e por causa da usina aqui voltou a gerar muito serviço. A usina dá serviço para todos aqui e até mesmo de Prudente”.

8. Quando a senhora trabalhou na escola ela já era ali?

“Tinha essa escola já aí, foi quando eu fui trabalhar de merendeira. Quando comecei a trabalhar foi o primeiro ano que a prefeitura começou a contratar merendeira.

9. Como é morar em Eneida?

“Eneida eu acho muito boa para morar, eu nasci no Timburi, mas eu gosto muito daqui. A água daqui é muito boa, quem bebe água daqui vai, mas volta”.

Entrevistada: Antonia Pereira Angelo, 87, moradora antiga do distrito de Eneida.

Entrevistador: Ednéia Pedroso, Aline Toledo, Éverton Barbosa Soares e Lucas Fernandes.

Assunto: Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos.

Data: 04/03/2017

Meio: Presencial

1. A senhora nasceu aqui?

“Eu sou de Tambaú, estado de São Paulo. Eu vim pra cá com treze anos e o Arnaldo (Arnaldo Angelo, esposo) é de Cravinhos, estado de São Paulo, ele veio para Prudente com dois meses”.

2. E aqui em Eneida há quanto tempo ele está?

“Dia 12 de Julho de 1951, já faz 65 anos que ele está aqui. Eu vim em oito de novembro de 1951. Eu casei com 13 anos e vim pra cá”.

3. Como foi fundado o distrito?

“O distrito foi fundado em 1932 por Ludgerio Francisco da Rocha. Ele tem uma filha mais é em Curitiba, ele veio de uma cidade perto de Assis. Era tudo mato, as pessoas iam para Prudente vender porco a pé. Naquela época o nome era Santa Helena por conta da santa e também pela mãe de um rezador de terço que a mãe chamava Helena, ficando depois a santa Helena como padroeira da igreja. Floresta foi criada depois, tirada de Eneida. Porque de primeiro Eneida ia de Montalvão até o rio do Peixe. Tinha todo este movimento aqui até que os sitiantes começaram a vender suas terras. O prefeito Luiz Ferraz de Sampaio falou que eles podiam começar a vender suas terras, até que o distrito começou a acabar. Eneida só não acabou graças ao prefeito Antônio Sandoval Neto, ele tinha um sítio aqui então ele segurou muito para não acabar”.

4. A igreja foi sempre ali no mesmo lugar?

“Foi sempre ali, mas quando eu conheci tinha uma igreja de madeira, depois quando a gente chegou aqui o Arnaldo ajudou a construir a segunda. Esta que tem agora é a terceira”.

5. O “seu” Arnaldo ajudou a construir a segunda igreja?

“Foi. Em 1952 que ele ajudou a erguer a igreja”.

6. E quando Santa Helena se tornou Eneida?

“Todo mundo conhecia como Santa Helena até o dia 1 de setembro de 1945, através do decreto estadual número 14334 passou a chamar Eneida e ficou só a capela sendo Santa Helena”.

7. O que se lembra da escola, sempre foi ali?

“Não, onde era o posto de saúde era a escola. Tinha uma casa que também era a escola. Foi fundada em 1975 com o nome de EPG de Eneida (Escola de Primeiro Grau de Eneida”.

8. Depois de um tempo a escola passou a ter outro nome?

“Foi em 29 de Agosto de 1977, através do ato do governador Paulo Egydio Martins deu o nome da escola de João Alfredo da Silva, que era um dos primeiros que vieram pra cá”.

9. Como era o comércio naquela época?

“Naquele tempo o comércio era bom, tinha três padaria, sorveteria. Hoje só tem uma padaria. Eneida era grande, tinha jôquei, campo pra pouso de avião, tinha compradora de cereais, loja de tecido. Eu lembro de três lojas de tecido”.

10. Quantos habitantes tinham na época?

“Tinha mil e trezentos, agora tem mais porque construíram casinhas”.

11. Como era a economia?

“A economia era boa, agricultura era de tudo, milho, soja, hoje é mais batata. E agora tem a usina”.

12. O que possui hoje o distrito?

“Possui cemitério, velório, uma igreja evangélica Assembleia de Deus e a católica Santa Helena, um estádio de futebol José Florencio Mira”.

13. E sobre o fundador?

“Ele veio com outras famílias de Assis, entre elas veio a família do Vitor Manoel de Oliveira. Em 30 de novembro de 1934 foi fundado o distrito através de terras desmembradas de Montalvão e Prudente. Quando nós viemos de Tambaú fomos morar em uma fazenda perto de Montalvão. Eu me lembro que meu pai falava que estava abrindo um lugar novo que era muito movimentado que era Eneida”.

14. E o asfalto, quando foi feito?

“Foi lá pra 1975. Chegou água e luz, então não tem muitos anos porque foi depois”.

15. Naquela época tinha jornal?

“Não, não tinha nem rádio, era lavoura, hoje que está mais desenvolvido”.

Ameliópolis

Entrevistada: Lourdes Norbiato Pereira, 83, moradora aposentada do distrito de Ameliópolis.

Entrevistador: Ednéia Pedroso e Lucas Fernandes.

Assunto: Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos.

Data: 05/03/2017

Meio: Presencial

1. Há quanto tempo mora em Ameliópolis?

“Moro em Ameliópolis já tem 70 anos. Trabalhei no correio de servente e ao mesmo tempo trabalhava na venda, saía de um lugar e ficava de olho no outro. Entregava as cartas e os cachorros vinham atrás. Trabalhei muitos anos no correio, quase aposentei”.

2. O que tinha no bairro antigamente?

“Aqui tinha poço e era fundo e tinha que puxar água, tinha vendinhas, farmácia, cinema, pernambucanas, tinha muitos comerciantes. Depois de um tempo muita gente foi embora, mas tinha bastante festas de casamento, tinha cartório. Aqui tinha muito mato e as casas eram todas de madeiras, depois de bastante tempo saiu casas de material. A minha mesmo era de madeira. Na época não tinha luz, era tudo lamparina. Tinha posto de saúde, toda vida teve, o posto mudou de lugar. Onde ele está hoje era um grupo escolar. A escola também mudou de lugar”.

3. E em relação a vida aqui, como era antes?

“Era tudo mais difícil. A igreja sempre foi onde é e também tinha um coreto e nessa época vinham muitas bandas aqui, aquele tempo era muito bom. Fomos os

primeiros moradores de Ameliópolis a ter televisão. Todos vinham ver TV aqui em casa. Até roubada eu fui, vieram aqui e pegaram as coisas”.

Entrevistada: Maria Figueiredo Mata, 94, moradora aposentada do distrito de Ameliópolis.

Entrevistador: Ednéia Pedroso e Lucas Fernandes

Assunto: Entrevista sobre a história da formação dos distritos prudentinos.

Data: 05/03/2017

Meio: Presencial

1. Há quanto tempo mora em Ameliópolis?

“Tem 54 anos que eu moro aqui. Quando entrei aqui era água de poço, e quem não tinha poço as pessoas buscavam água nos córregos, lavava roupas lá”.

2. O que tinha no bairro antes?

“Quando mudei pra cá tinha 3 armazéns, 1 bazar, 2 farmácias, 2 lojas, tinha padaria, sorveteria, alto-falante público, tinha fiscal do lugar, tinha polícia local, tinha guarda noturno, tinha delegado, só não tinha prefeito. As casas eram todas de tábuas, hoje a maioria é de tijolo. Tinha muita farinha, era tocada a braço de homem, era de mandioca. Era 4 que tinha aqui, tinha roça pro lado da Cristalina, tinha lavoura pro lado do Pereira, tinha lavoura pro lado da Piúna, tinha lavoura pro lado da Santa Rosa”.

3. Como era a economia local?

“Depois da usina enricaram tudo, hoje muitos tem carros e casas de tijolo por causa da usina. Mas em compensação, tinha isso tudo e a pobreza comia. Tinha lavoura de algodão, amendoim, milho, feijão, mandioca. Tinha duas oficinas de mandioca, farinha. Tinha também 3 açougues aqui, mas mesmo com tudo isso a pobreza comia. Quando chegou o progresso água, luz foi na época do Sandoval. O asfalto veio bem depois, quando cheguei aqui era só poeira. Muita gente disse que a usina trouxe pobreza para o lugar, mas na verdade trouxe riqueza, muitos jovens que trabalham lá não tinha nada, hoje tem carro, casa tudo por causa da usina”.

4. Tinha escola aqui?

“A escola sempre teve, e eu já entrei aqui botando meus meninos na escola. Eu era costureira, só deixei de ser com 90 anos de idade. Costurava pra todo mundo, pra dentro e pra fora também”.

5. O que sabe da fundação?

“Luís Baiano, que é fazendeiro e o Deocleciano da Silva Lima que fundaram aqui. Quando eu cheguei esse Deocleciano já morava aqui e já era velho e ele tinha uma venda”.

6. Como era o lazer?

“Era baile, aqui mesmo eu fiz baile de quintal, sanfona tocando e o povo tudo dançando. Sempre tinha, não tinha esse lugar que tem as festas aí, o salão comunitário. Mas todo mundo ia, até polícia para cuidar por causa das brigas”.

7. Quais eram as maiores dificuldades?

“As dificuldades era o transporte. Quando o ônibus quebrava tinha que vir a pé embora. Era muito difícil porque não tinha água encanada, só de poço, ou no córrego. Também não tinha energia, era só um motor que gerava energia até às 24 horas, depois ficava tudo escuro”.

8. Você é feliz aqui?

“Sou sim, mas queria voltar a enxergar para poder costurar e ter as pernas boas”.

ANEXO B
DECRETO LEI DIVISÃO TERRITORIAL

Presidente Prudente **São Paulo - SP**

Histórico

A partir do projeto de uma estação da Estrada de Ferro Sorocabana, na região, o Coronel Francisco de Paula Goulart demarcou uma área para a formação do povoado, com uma divisa entre esta área e a fazenda (atual Av. Washington Luis). Em 1917 iniciou a derrubada da mata para uma roça de milho.

Os trilhos da Estrada de Ferro, atual FEPASA, chegaram à Vila Goulart em 1919 e com ela houve grande afluência de pessoas de todas as partes que foram colonizar a Vila Goulart, localizada à margem esquerda da Ferrovia. Em fins de 1919 chegou ao povoado, o Coronel José Soares Marcondes que iniciou o núcleo agrícola Vila Marcondes, à margem direita. A colonização foi racionalizada e as duas vilas passaram a crescer formando, posteriormente, a sede do atual município.

Com o aumento da população, um recenseamento apurou na Vila Goulart, 180 crianças necessitando de estudos. Assim o Coronel Goulart criou, em 1920, escolas com quatro salas de aulas.

Em 1921 a povoação de Vila Goulart foi elevada a distrito de paz e a município. Naquela época, a cada município que se criava era homenageado um presidente da República, dessa maneira foi dada à antiga povoação, o nome de Presidente Prudente.

Presidente Prudente foi elevado à categoria de comarca em 1922 sendo instalado em maio do ano seguinte.

Gentílico: prudentino

Formação Administrativa

Elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Presidente Prudente, pela lei nº 1798, de 28-11-1921, desmembrado do município de Campos Novos e Conceição de Monte Alegre. Sede no atual distrito de Presidente Prudente. Constituído do distrito sede. Instalado em 27-08-1923.

Pela lei estadual nº 2084, de 15-12-1925, é criado o distrito de Presidente Bernardes e anexado ao município de Presidente Prudente.

Pela lei estadual nº 2077, de 19-12-1925, é criado o distrito de Regente Feijó e anexado ao município de Presidente Prudente.

Pela lei estadual nº 2242, de 26-12-1927, é criado o distrito de Álvares Machado e anexado ao município de Presidente Prudente.

Pela lei estadual nº 2309, de 14-12-1928, é criado o distrito de Anhumas e anexado ao município de Presidente Prudente.

Pela lei nº 2392, de 20-12-1929, é criado o distrito de José Teodoro e anexado ao município de Regente Feijó.

Em divisão administrativa referente ao ano 1933, o município é constituído de 6 distritos: Presidente Prudente, Alvares Machado, Anhumas, José Teodoro, Presidente Bernardes e Regente Feijó.

Pelo decreto nº 6638, de 31-08-1934, é criado o distrito de Indiana e anexado ao município de Presidente Prudente.

Pelo decreto lei nº 6771, de 12-10-1934, é criado o distrito de Formiga e anexado ao município de Regente Feijó.

Pelo decreto-lei nº 6914, de 23-01-1935, desmembra do município de Presidente Prudente o distrito de Presidente Bernardes. Elevado à categoria de

município.

Pelo decreto nº 7262, de 28-06-1935, desmembra do município de Presidente Prudente os distritos de Regente Feijó, Indiana e José Teodoro, para constituir o novo município de Regente Feijó.

Pela lei estadual nº 2794, de 26-12-1936, é criado o distrito de Pirapozinho e anexado ao município de Presidente Prudente.

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece é constituído de 6 distritos: Presidente Prudente, Alvares Machado, Anhumas, Formiga, Pirapozinho e Vila Marcondes.

Pelo decreto-lei estadual nº 9073, de 31 de março de 1938, o distrito de Via Marcondes passou a condição de zona do distrito sede do município de Presidente Prudente.

Pelo decreto-lei estadual nº 9775, de 30-11-1938, foram criados os distritos de Alfredo Marcondes, Coronel Goulart e Montalvão e anexados ao município de Presidente Prudente. O decreto-lei acima citado transfere o distrito de Formiga do município de Presidente Prudente para Regente Feijó.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de constituído de 7 distritos: Presidente Prudente, Alfredo Marcondes, Alvares Machado, Anhumas, Coronel Goulart, Montalvão, Pirapozinho.

Pelo decreto-lei estadual nº 14334, de 30-11-1944, foram criados os distritos de Eneida (ex-Vila Emilia e Narandiba e anexados ao município de Presidente Prudente. O decreto-lei acima citado desmembra do município de Presidente Prudente os distritos de Álvares Machado, Alfredo Marcondes e Coronel Goulart, para constituir o novo município de Álvares Machado.

No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 6 distritos: Presidente Prudente, Anhumas, Eneida, Montalvão, Narandiba e Pirapozinho.

Pela lei estadual nº 233, de 24-12-1948, é criado o distrito de Ameliópolis e anexado ao município de Presidente Prudente. A lei acima citada desmembra do município de Presidente Prudente os distritos de Pirapozinho e Narandiba, para constituir o novo município de Pirapozinho.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 5 distritos: Presidente Prudente, Ameliópolis, Anhumas, Eneida e Montalvão.

Pela lei estadual nº 2456, de 30-12-1956, é criado o distrito de Floresta do Sul, com terras desmembradas do distrito de Eneida e anexado ao município de Presidente Prudente. A lei acima citada, desmembra do município de Presidente Prudente o distrito de Anhumas. Elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 5 distritos: Presidente Prudente, Ameliópolis, Eneida, Floresta do Sul e Montalvão.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009.

ANEXO C
CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

Capítulo I - Do direito à informação

Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que:

I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público;

III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão;

IV - a prestação de informações pelas organizações públicas e privadas, incluindo as não governamentais, é uma obrigação social.

V - a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantido o sigilo do denunciante.

Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista

Art. 3º O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social, estando sempre subordinado ao presente Código de Ética.

Art. 4º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação. Art. 5º É direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte.

Art. 6º É dever do jornalista:

I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

II - divulgar os fatos e as informações de interesse público;

III - lutar pela liberdade de pensamento e de expressão;

IV - defender o livre exercício da profissão;

V - valorizar, honrar e dignificar a profissão;

VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha;

VII - combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação;

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

IX - respeitar o direito autoral e intelectual do jornalista em todas as suas formas;

X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;

XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias;

XII - respeitar as entidades representativas e democráticas da categoria;

XIII - denunciar as práticas de assédio moral no trabalho às autoridades e, quando for o caso, à comissão de ética competente;

XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais,

econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

Art. 7º O jornalista não pode:

I - aceitar ou oferecer trabalho remunerado em desacordo com o piso salarial, a carga horária legal ou tabela fixada por sua entidade de classe, nem contribuir ativa ou passivamente para a precarização das condições de trabalho;

II - submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação;

III - impedir a manifestação de opiniões divergentes ou o livre debate de idéias;

IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais;

V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime;

VI - realizar cobertura jornalística para o meio de comunicação em que trabalha sobre organizações públicas, privadas ou não-governamentais, da qual seja assessor, empregado, prestador de serviço ou proprietário, nem utilizar o referido veículo para defender os interesses dessas instituições ou de autoridades a elas relacionadas;

VII - permitir o exercício da profissão por pessoas não-habilitadas;

VIII - assumir a responsabilidade por publicações, imagens e textos de cuja produção não tenha participado;

IX - valer-se da condição de jornalista para obter vantagens pessoais.

Capítulo III - Da responsabilidade profissional do jornalista

Art. 8º O jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros, caso em que a responsabilidade pela alteração será de seu autor.

Art 9º A presunção de inocência é um dos fundamentos da atividade jornalística.

Art. 10. A opinião manifestada em meios de informação deve ser exercida com responsabilidade.

Art. 11. O jornalista não pode divulgar informações:

I - visando o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica;

II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes;

III - obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração;

Art. 12. O jornalista deve:

I - ressaltadas as especificidades da assessoria de imprensa, ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e instituições envolvidas em uma cobertura jornalística, principalmente aquelas que são objeto de acusações não suficientemente demonstradas ou verificadas;

II - buscar provas que fundamentem as informações de interesse público;

III - tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar;

IV - informar claramente à sociedade quando suas matérias tiverem caráter publicitário ou decorrerem de patrocínios ou promoções;

V - rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações;

VI - promover a retificação das informações que se revelem falsas ou inexatas e

defender o direito de resposta às pessoas ou organizações envolvidas ou mencionadas em matérias de sua autoria ou por cuja publicação foi o responsável;
VII - defender a soberania nacional em seus aspectos político, econômico, social e cultural; VIII - preservar a língua e a cultura do Brasil, respeitando a diversidade e as identidades culturais;
IX - manter relações de respeito e solidariedade no ambiente de trabalho;
X - prestar solidariedade aos colegas que sofrem perseguição ou agressão em consequência de sua atividade profissional.

Capítulo IV - Das relações profissionais

Art. 13. A cláusula de consciência é um direito do jornalista, podendo o profissional se recusar a executar quaisquer tarefas em desacordo com os princípios deste Código de Ética ou que agridam as suas convicções. Parágrafo único. Esta disposição não pode ser usada como argumento, motivo ou desculpa para que o jornalista deixe de ouvir pessoas com opiniões divergentes das suas.

Art. 14. O jornalista não deve:

- I - acumular funções jornalísticas ou obrigar outro profissional a fazê-lo, quando isso implicar substituição ou supressão de cargos na mesma empresa. Quando, por razões justificadas, vier a exercer mais de uma função na mesma empresa, o jornalista deve receber a remuneração correspondente ao trabalho extra;
- II - ameaçar, intimidar ou praticar assédio moral e/ou sexual contra outro profissional, devendo denunciar tais práticas à comissão de ética competente;
- III - criar empecilho à legítima e democrática organização da categoria.

Capítulo V - Da aplicação do Código de Ética e disposições finais

Art. 15. As transgressões ao presente Código de Ética serão apuradas, apreciadas e julgadas pelas comissões de ética dos sindicatos e, em segunda instância, pela Comissão Nacional de Ética.

§ 1º As referidas comissões serão constituídas por cinco membros.

§ 2º As comissões de ética são órgãos independentes, eleitas por voto direto, secreto e universal dos jornalistas. Serão escolhidas junto com as direções dos sindicatos e da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), respectivamente. Terão mandatos coincidentes, porém serão votadas em processo separado e não possuirão vínculo com os cargos daquelas diretorias.

§ 3º A Comissão Nacional de Ética será responsável pela elaboração de seu regimento interno e, ouvidos os sindicatos, do regimento interno das comissões de ética dos sindicatos.

Art. 16. Compete à Comissão Nacional de Ética:

- I - julgar, em segunda e última instância, os recursos contra decisões de competência das comissões de ética dos sindicatos;
- II - tomar iniciativa referente a questões de âmbito nacional que firam a ética jornalística;
- III - fazer denúncias públicas sobre casos de desrespeito aos princípios deste Código;
- IV - receber representação de competência da primeira instância quando ali houver incompatibilidade ou impedimento legal e em casos especiais definidos no Regimento Interno;
- V - processar e julgar, originariamente, denúncias de transgressão ao Código de Ética cometidas por jornalistas integrantes da diretoria e do Conselho Fiscal da FENAJ, da Comissão Nacional de Ética e das comissões de ética dos sindicatos;

VI - recomendar à diretoria da FENAJ o encaminhamento ao Ministério Público dos casos em que a violação ao Código de Ética também possa configurar crime, contravenção ou dano à categoria ou à coletividade.

Art. 17. Os jornalistas que descumprirem o presente Código de Ética estão sujeitos às penalidades de observação, advertência, suspensão e exclusão do quadro social do sindicato e à publicação da decisão da comissão de ética em veículo de ampla circulação.

Parágrafo único - Os não-filiados aos sindicatos de jornalistas estão sujeitos às penalidades de observação, advertência, impedimento temporário e impedimento definitivo de ingresso no quadro social do sindicato e à publicação da decisão da comissão de ética em veículo de ampla circulação.

Art. 18. O exercício da representação de modo abusivo, temerário, de má-fé, com notória intenção de prejudicar o representado, sujeita o autor à advertência pública e às punições previstas neste Código, sem prejuízo da remessa do caso ao Ministério Público.

Art. 19. Qualquer modificação neste Código só poderá ser feita em congresso nacional de jornalistas mediante proposta subscrita por, no mínimo, dez delegações representantes de sindicatos de jornalistas.

Vitória, 04 de agosto de 2007. Federação Nacional dos Jornalistas

ANEXO D
QUESTIONÁRIO

Questionário sobre os canais de informação e a frequência de acesso dos moradores dos distritos de Montalvão, Eneida, Floresta do Sul e Ameliópolis.

Aplicado nos dias: 18 a 20 de Novembro de 2016

Aplicadores: Aline Toledo, Ednéia Pedroso, Éverton Barbosa Soares, Jaqueline Galdino e Lucas Fernandes.

QUESTIONÁRIO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO ACESSÍVEIS NOS DISTRITOS

Idade: _____ Sexo: _____ Bairro: _____

1. Quantas pessoas moram com você? _____
2. Contando com você, qual a renda da família?
 0 a 1 salário mínimo (880,00)
 1 a 2 salários mínimos (até 1760,00)
 2 a 3 salários mínimos (até 2640,00)
 3 a mais salários mínimos (mais de 2640,00)
3. Com qual frequência você busca por informações?
 todos os dias
 de vez em quando
 semanalmente
 mensalmente
4. Por qual veículo você mais busca informações?
 rádio
 TV
 jornal impresso
 internet
5. Você lê jornal?
 sim não
6. Se sim, com que frequência?
 todos os dias
 de vez em quando
 semanalmente
 mensalmente
7. Se não, por quê?
 É caro.
 Não tem onde comprar
 Não possuem informações de interesse local
8. Você tem acesso à internet?
 sim não
Por onde? _____
9. O acesso é
 ruim
 regular
 bom

10. O que você costuma buscar na internet?

- notícias
- redes sociais
- jogos
- entretenimento

Outros: _____

11. Você assiste telejornal com frequência?

- sim não

12. Você ouve rádio?

- sim não

13. Se sim, com que frequência?

- todos os dias
- de vez em quando
- semanalmente
- mensalmente

14. O que você costuma ouvir no rádio?

- só notícias
- só música
- só notícias e músicas
- programas de entrevista
- programas de auditório e humor

Outros: _____

15. Você gostaria de ter um veículo de comunicação com informações voltadas ao seu bairro?

- sim não

16. Qual o benefício de ter um veículo de comunicação com informações voltadas para os quatro distritos?

- integração dos distritos
- acesso à informação local
- possibilidade de divulgação comercial
- oportunidade de participar das produções das notícias
- satisfação pessoal

ANEXO E
RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS

Montalvão (69 entrevistados)

Mulheres	Homens	Faixa etária	Renda
32	27	18 – 30 = 21 31 – 50 = 27 51 – 70 = 11	1760,00 = 30 3520,00 = 25 5280,00 = 04 Mais 5280,00 = 0

Frequência que buscam informações jornalísticas	Veículo mais buscado
Todos os dias = 34 De vez em quando = 21 Semanalmente = 02 Nunca = 03	Rádio = 10 TV = 33 Impresso = 03 Internet = 19

Lê impresso (19)	Porque não lê
Todos os dias = 02 De vez em quando = 15 Semanalmente = 02 Nunca = 40	Caro = 05 Não tem onde comprar = 13 Informações sem interesse = 25

Internet	Qualidade do acesso	O que busca
Acesso = 51 Sem acesso = 08	Ruim = 05 Regular = 26 Boa = 19	Notícias = 31 Redes sociais = 38 Jogos = 12 Entretenimento = 23 Outros = 06

Telejornal	Telejornal (f)
Assistem telejornal = 53 Não assistem telejornal = 07	Todos os dias = 41 De vez em quando = 09

Rádio	Frequência	Costumam ouvir
Não ouvem = 14 Ouvem = 43	Todos os dias = 30 De vez em quando = 12 Semanalmente = 01	Notícias = 20 Música = 35 Programas de entrevista = 07 Outros = 06

Gostaria de ter veículo	Qual benefício
Sim = 53 Não = 06	Integração dos distritos = 33 Acesso à informação local = 32 Divulgação comercial = 18 Participar das produções = 17 Satisfação pessoal = 35

Ameliópolis (30 entrevistados)

Mulheres	Homens	Faixa etária	Renda
14	16	18 – 30 = 4 31 – 50 = 13 51 – 70 = 9	1760,00 = 20 3520,00 = 8 5280,00 = 1 Mais 5280,00 = 1

Frequência que buscam informações jornalísticas	Veículo mais buscado
Todos os dias = 18 De vez em quando = 9 Semanalmente = Nunca = 2	Rádio = 7 TV = 26 Impresso = 2 Internet = 5

Lê impresso (14)	Porque não lê
Todos os dias = 3 De vez em quando = 8 Mensalmente = 3 Nunca = 16	Caro = 1 Não tem onde comprar = 10 Informações sem interesse = 9

Internet	Qualidade do acesso	O que busca
Acesso = 20 Sem acesso = 10	Ruim = 4 Regular = 14 Boa = 2	Notícias = 9 Redes sociais = 18 Jogos = 7 Entretenimento = 8 Outros = 1

Telejornal	Telejornal (f)
Assistem telejornal. = 28 Não assistem telejornal. = 2	Todos os dias = 18 De vez em quando = 8

Rádio	Frequência	Costumam ouvir
Não ouvem = 4 Ouvem = 26	Todos os dias = 20 De vez em quando = 7 Semanalmente = 0	Notícias = 12 Música = 20 Programas de entrevista = 2 Outros = 2

Gostaria de ter veículo	Qual benefício
Sim = 29 Não = 1	Integração dos distritos = 19 Acesso à informação local = 24 Divulgação comercial = 11 Participar das produções = 9 Satisfação pessoal = 23

Eneida (36 entrevistados)

Mulheres	Homens	Faixa etária	Renda
13	23	18 – 30 = 7 31 – 50 = 17 51 – 70 = 11	1760,00 = 27 3520,00 = 8 5280,00 = 0 Mais 5280,00 =

Frequência que buscam informações jornalísticas	Veículo mais buscado
Todos os dias = 24 De vez em quando = 9 Semanalmente = 1 Mensalmente = 1	Rádio = 3 TV = 28 Impresso = 1 Internet = 6

Lê impresso (11)	Porque não lê
Todos os dias = 0 De vez em quando = 11 Semanalmente = 1 Nunca = 8	Caro = 2 Não tem onde comprar = 13 Informações sem interesse = 17

Internet	Qualidade do acesso	O que busca
Acesso = 23 Sem acesso = 12	Ruim = 13 Regular = 7 Boa = 4	Notícias = 16 Redes sociais = 21 Jogos = 7 Entretenimento = 10 Outros =

Telejornal	Telejornal
Assistem telejornal = 34 Não assistem telejornal = 2	Todos os dias = 28 De vez em quando = 3

Rádio	Frequência	Costumam ouvir
Não ouvem = 12 Ouvem = 24	Todos os dias = 17 De vez em quando = 6 Semanalmente = 1	Notícias = 15 Música = 20 Programas de entrevista = 3 Entretenimento = 6 Outros = 5

Gostaria de ter veículo	Qual benefício
Sim = 35 Não = 1	Integração dos distritos = 28 Acesso à informação local = 27 Divulgação comercial = 13 Participar das produções = 7 Satisfação pessoal = 27

Floresta do Sul (66 entrevistados)

Mulheres	Homens	Faixa etária	Renda
35	34	18 – 30 = 21 31 – 50 = 24 51 – 70 = 23	1760,00 = 32 3520,00 = 27 5280,00 = 8 Mais 5280,00 = 0

Frequência que buscam informações jornalísticas	Veículo mais buscado
Todos os dias = 53 De vez em quando = 14 Semanalmente = 2 Nunca = 0	Rádio = 21 TV = 53 Impresso = 0 Internet = 19

Lê impresso 20	Porque não lê
Todos os dias = 2 De vez em quando = 15 Semanalmente = 3 Nunca = 43	Caro = 1 Não tem onde comprar = 32 Informações sem interesse = 30

Internet	Qualidade do acesso	O que busca
Acesso = 52 Sem acesso = 16	Ruim = 17 Regular = 27 Boa = 10	Notícias = 36 Redes sociais = 45 Jogos = 13 Entretenimento = 20 Outros = 4

Telejornal	Telejornal
Assistem telejornal = 63 Não assistem telejornal = 6	Todos os dias = 48 De vez em quando = 15

Rádio	Frequência	Costumam ouvir
Não ouvem = 13 Ouvem = 56	Todos os dias = 30 De vez em quando = 31 Semanalmente = 0	Notícias = 19 Música = 45 Programas de entrevista = 2 Outros = 12

Gostaria de ter veículo	Qual benefício
Sim = 63 Não = 6	Integração dos distritos = 47 Acesso à informação local = 59 Divulgação comercial = 30 Participar das produções = 21 Satisfação pessoal = 38

**Percentual de moradores dos quatros distritos
que aprovam a criação de um jornal
comunitário**

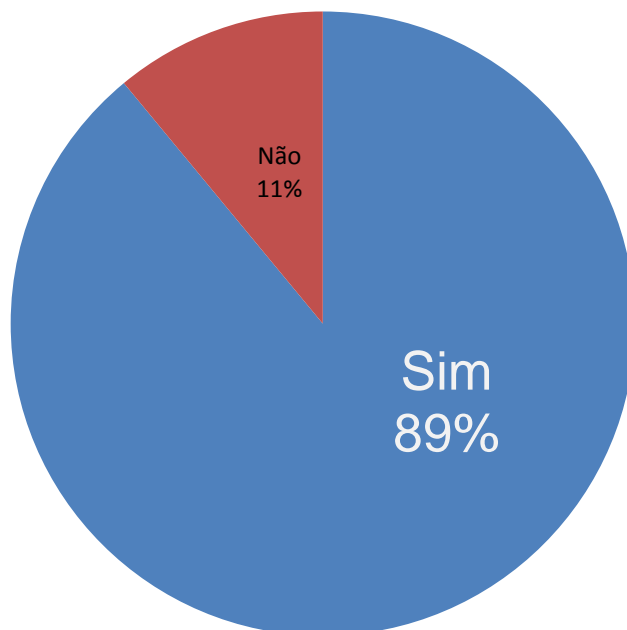


Figura 1: Gráfico do percentual de moradores que aprovam a criação de um jornal comunitário nos distritos de Presidente Prudente. Resultado dos questionários aplicado de 18 a 20 de novembro de 2016 em Eneida, Montalvão, Ameliópolis e Floresta do Sul.

Principais motivações apontadas para a implantação do jornal comunitário

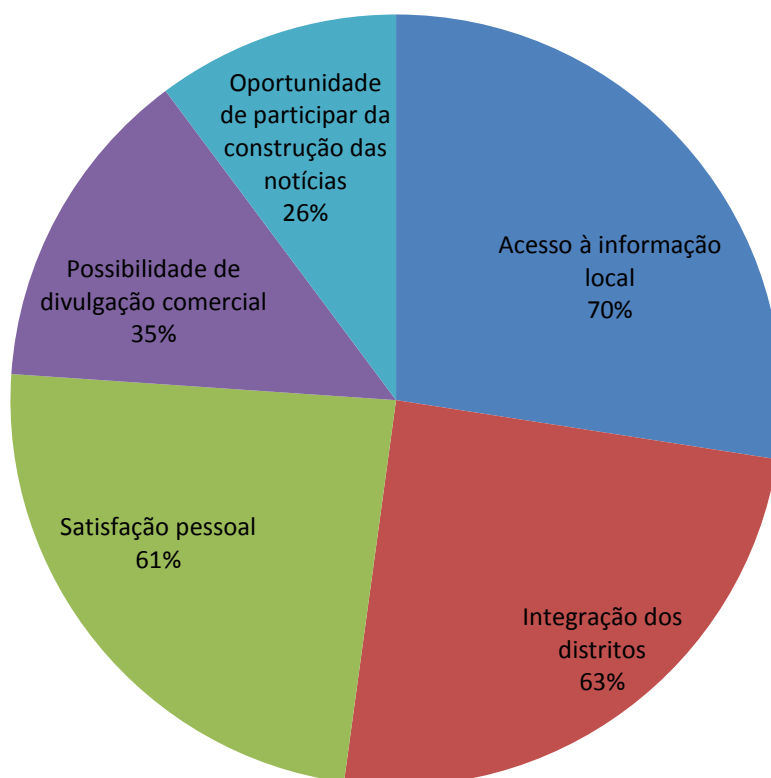


Figura 2: Gráfico das principais motivações apontadas para a implantação de um jornal comunitário nos distritos prudentinos. Resultado dos questionários aplicado de 18 a 20 de novembro de 2016 em Eneida, Montalvão, Ameliópolis e Floresta do Sul.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ROTEIRO DE PERGUNTAS

Roteiro de perguntas semiabertas

Perguntas usadas como base para as entrevistas semiabertas, porém sujeitas a alterações, caso necessário.

1. Há quanto tempo mora no distrito?
2. Como você e sua família veio morar no distrito?
3. O que existia no distrito antigamente?
4. Como se desenvolveu sua história aqui?
5. Qual foi a maior mudança no distrito?
6. O que sabe sobre o nome do lugar?
7. Como foi a fundação?
8. Quem foram os moradores pioneiros?
9. Como era o lazer do local?
10. Como era o comércio?
11. Quais as maiores dificuldades encontradas aqui no início?
12. Quais os pontos positivos de morar no distrito?
13. Hoje, o que mais o lugar necessita?
14. Em sua opinião, comparando com o início da formação do distrito, como o lugar está hoje em relação a moradia, comércio, lazer, educação, saúde, infraestrutura?
15. Como é viver aqui?

APÊNDICES B
MATERIAL DA OFICINA

PLANO DE ENSINO – OFICINAS JORNAL COMUNITÁRIO LINHA DO LEITE

Conteúdos e temas: análise de jornais, estudo de notícias jornalísticas, características estruturais da notícia; elaboração de pautas; estudo de lide ou parágrafos iniciais da notícia; escrita de notícias com base na leitura de textos jornalísticos e experiências vividas; elementos coesivos na notícia de jornal; características da notícia impressa; estudo das orações nas manchetes da primeira página ou nos títulos e subtítulos das notícias; função conotativa nos textos jornalísticos; tempos verbais utilizados em títulos e lides; gêneros diversos encontrados em jornais.

Competências e habilidades: ampliar repertório sobre a leitura de jornais; construir critérios para ler jornais a partir dos conhecimentos sobre essa mídia impressa; ler, analisar, discutir e escrever notícias, identificando na notícia os marcadores de tempo e lugar; reconhecer os elementos organizacionais e estruturais caracterizadores do gênero “notícia de jornal” ; compreender os recursos usados para apresentar um fato e influenciar o leitor; reconhecer verbos nas manchetes e subtítulos; identificar público alvo; criar um jornal comunitário.

Sugestões de estratégias: aula interativa, com a participação dialógica do envolvido; uso de recursos audiovisuais; trabalhos em grupos; valorização do cotidiano e um aprendizado ativo centrado no refletir e no fazer.

Sugestões de recursos: jornais, audiovisual, computador, rádio, internet, textos impressos, modelos de jornais comunitários...

Sugestões de avaliação: avaliação oral, produção escrita de títulos e manchetes; produção escrita de lides.

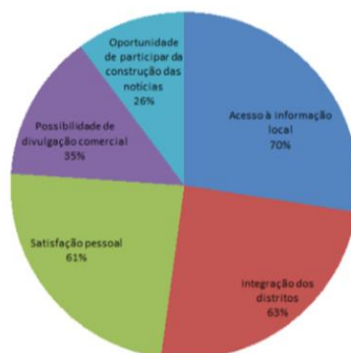
SLIDES OFICINA



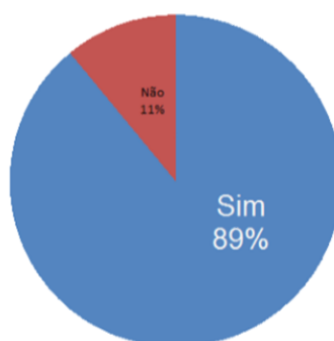
The slide has a white background with a decorative border similar to the first slide. At the top center, the word 'OBJETIVO' is written in a large, bold, black, sans-serif font inside a green rectangular box. Below this, the objective is described in a smaller black font: 'Fomentar a expressão e **socialização** entre comunidades, elevando o **status de cidadania** dos moradores, **promovendo debates** de ideias, **discussões** de problemas **sociais**, do **cotidiano** e divulgação **cultural** dos distritos.' At the bottom right, the names of the organizers are listed in a smaller black font: 'ALINE TOLEDO, ÉVERTON BARBOSA, EDNÉIA PEDROSO, JAQUELINE GALDINO E LUCAS FERNANDES.'

The slide is divided into two main sections. On the left, there is a dark blue vertical panel with a white grid pattern. Inside this panel, the title 'A escolha do Impresso' is written in a white, serif font. Below the title, in a smaller white font, it says 'Questionário aplicado nos dias 18 a 20 de novembro de 2016 com 201 moradores dos quatro distritos'. On the right side of the slide, there is a white background with a list of media options and their characteristics. Each option is preceded by a bolded word: 'Rádio: inexistência de emissora comunitária, uso para entretenimento;', 'TV: não possui canal comunitário, custos de produção elevado;', 'Internet: problemas de conexão, banda larga, acesso restrito;', and 'Impresso: fácil manuseio, baixo custo de produção e distribuição.'

Principais motivações apontadas para a implantação do jornal comunitário



Percentual de moradores dos quatro distritos que aprovam a criação de um jornal comunitário



Um veículo comunitário se caracteriza por possibilitar a participação da comunidade na produção

Então, vamos aprender um pouco sobre como fazer um jornal comunitário.



Notícia

(KOVACH; ROSENSTIEL, 2004)
(NILSON LAGE, 2009)

- É o **relato** a partir do aspecto **mais importante ou interessante** de uma série de fato;
- A notícia surgiu do instinto básico do **ser humano** de querer **saber** tudo o **que acontece em sua volta**, para assim, organizar e ordenar suas tarefas;
- O **jornalismo** é simplesmente o **sistema** criado pelas sociedades para **fornecer** essas **notícias**.

Observação e descrição do fato noticioso.

o quê?	quem?	quando?
O fato ocorrido.	Personagens envolvidos.	Momento do fato.
onde?	como?	por quê?
O local do fato.	O modo como ocorreu.	O que motivou o fato.

VALOR NOTÍCIA

São fatores que geram interesse em determinado fato, para que este se torne notícia.

(JORGE PEDRO SOUSA, 2001)

Proximidade
Notoriedade Inusitado
Novidade
Amor Interesse Público Conflito
Ineditismo Notabilidade
Sexo
Tempo
Morte

TÍTULOS

(JORGE PEDRO SOUSA, 2001)

Devem ser:

- Informativos,
- Curtos e objetivos
- Claro e conciso
- Atraentes
- Trazer informações de impacto e relevante,
- Verbos no presente.

mercado
Governo suspende aumento do Bolsa Família por falta de dinheiro

CIFRAS & LETRAS
Economista ataca juros altos sem apontar saída convincente

Vaga sem carteira vai ganhando espaço do emprego formal

Como ficou o programa Mais Médicos?

Checkamos as metas do projeto criado em 2013 para suprir o déficit de médicos em diferentes regiões do país

dezembro de 2013 e abril de 2014 (período anterior ao período em que começaram a ser enviados em dezembro de 2013 e abril de 2014 - cinco meses depois do chegada dos médicos ao programa. Ou seja, não é uma avaliação abrangente sobre todo o período desde 2013. O ICIJ ainda faz pesquisas extensas sobre a percepção. Explique, por exemplo, que foi necessário incluir municípios cujos dados

MANCHETE

(JORGE PEDRO SOUSA, 2001)

É o título que recebe o maior destaque na primeira página de um jornal,

Retrata o assunto mais importante daquela edição.

O ESTADO DE S. PAULO
Dono da UTC diz que deu R\$ 3,6 mi a tesoureiros de Dilma e do PT

O GLOBO
Delação de dono da UTC eleva pressão sobre o governo e o PT

FOLHA DE S. PAULO
Moro condena ex-presidente Lula a 9 anos de prisão no caso triplex

PAUTAS

(PENA, 2005)

- É como se fosse o roteiro de uma reportagem ou de toda uma edição;
- Serve como instrumento de organização com os assuntos previstos para a edição, prazos de entrega, recursos e equipe responsável

FOTOGRAFIAS

(JORGE PEDRO SOUSA, 1998)



Foto: Marc Riboud



Foto: Kevin Carter

- A fotografia serve para **documentar/ registrar** um fato;
- Auxilia na **compreensão** de um texto ou é usada como a própria **informação**;
- Serve para **informar, contextualizar**, oferecer conhecimento, **formar**, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar");
- A imagem fotográfica é construída a partir de uma **ideologia**;
- Em jornalismo é muito usado o termo **fotojornalismo**: fotografias **informativas, interpretativas, documentais**
- **CUIDADOS BÁSICOS**: iluminação e enquadramento.



Foto: Evandro Teixeira



Foto: NIK UT

LEGENDAS

(JORGE PEDRO SOUSA, 1998)

- **Função Informativa;**
- **servem não só para dar sentido à foto;**
- **Contextualiza a cena;**
- **Complementa ou substitui o texto;**
- **Não é uma mera descrição;**
- **Legenda e fotografia chama a atenção do leitor para ler a matéria inteira.**



Foto: NIK UT

Crianças vietnamitas correm assustadas do vilarejo onde moram, após sofrerem ferimentos de explosivo napalm.

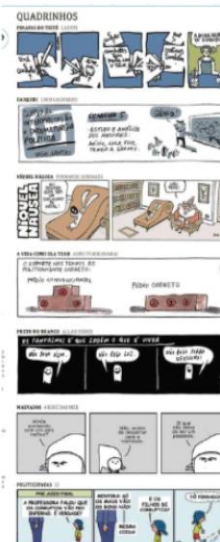
- Charges
- Quadrinhos
- Tirinhas

- Trabalha com humor e informação;
- Muito utilizada na política;
- Geralmente faz críticas.



-AQUI TEM QUE TER MUITA PACIÊNCIA, PARA SER UM PACIENTE!

FIN DE FÉRIAS



No Jornalismo Também
há espaço para

TEXTOS LITERÁRIOS

Poesia

- Pode apresentar rimas;
- Pode falar de qualquer assunto;
- É brincar com palavras;

Histórias do meu lugar

(Walisson Gabriel dos Santos)

Minha cidade foi pequenina,
Cabia toda numa história,
De bandeirantes desbravadores
Com ruas, lendas e glórias
Uma clareira e uma cruz...
Por aqui veio morar
Um padre da Catalunha
E para o nome do lugar
Usaram sua alcunha.
Ele era conhecido
Como o padre Catalão,
Esse foi o nome dado
À terra do meu coração.

Minha cidade foi crescendo
Com histórias de arrepiar.
Lá no morrinho a igreja branca
Viu uma moça desencantar,
Quando matou seu amado
Virou a doida do lugar...
Num tempo antigo outra história
De um povo bravo e severo
Que torturou e matou
Um moço chamado Antero.
Ele hoje é cultuado
Como santo de esmero!

Crônicas

Um dos prazeres na vida é abrir o jornal em um domingo preguiçoso, pular as seções de política e economia e ler, sem compromisso, uma crônica, que pode nos emocionar, fazer rir, pensar... Mas o que é uma crônica?

- .Entretenimento;
- .Reflexão;
- .Texto leve;
- .Retrata acontecimentos da vida de forma poética, filosófica, divertida;
- .Fatos e personagens fictícios ou reais.

NOTÍCIA COMUNITÁRIA

(WONDRACEK, 1978)

- O Jornalismo Comunitário é uma subárea do jornalismo com **foco em notícias de interesse para determinada comunidade**;
- Se estabelece por meio da **participação dos indivíduos** no processo de produção das informações locais;
- Isso acontece porque a cada dia o **interesse público** vai **se voltando** menos para a notícia e mais **para a participação**;
- A proposta da criação do jornal comunitário **Linha do Leite** é justamente **viabilizar espaço** democrático de informação para os moradores dos distritos **prudentinos**;
- Que **não possuem um canal ativo** de comunicação para exercer a **prática de participação popular**.

NOTÍCIA COMUNITÁRIA

(WONDRACEK, 1978)

- O Jornalismo Comunitário é uma subárea do jornalismo com **foco em notícias de interesse para determinada comunidade**;
- Se estabelece por meio da **participação dos indivíduos** no processo de produção das informações locais;
- Isso acontece porque a cada dia o **interesse público** vai **se voltando** menos para a notícia e mais **para a participação**;
- A proposta da criação do jornal comunitário **Linha do Leite** é justamente **viabilizar espaço** democrático de informação para os moradores dos distritos **prudentinos**;
- Que **não possuem um canal ativo** de comunicação para exercer a **prática de participação popular**.

CONTATOS

Face: Linha do Leite

Whats: [99732-4878](tel:99732-4878)

E-mail:

tcc.districtos@gmail.com

**APÊNDICES C
PAUTAS**

PAUTA: A ALEGRIA VEM A CAVALO

PROPOSTA: Conhecer a vida de Bruno desde seu início e como ele lida com a limitação de não conseguir andar sem a cadeira de rodas.

ENCAMINHAMENTO: Retratar a história de vida do jovem de Eneida que é cadeirante e foi adotado por um casal que é conhecido por sempre apoiaram e ajudaram o jovem.

ROTEIRO:

Data: 08/10/2017

Horário: 20h

Local: Eneida

Entrevistado 1: de Bruno Moura Batista

Entrevistado 2: Aparecida de Moura Batista

DADOS:

Bruno nasceu no Paraná e foi adotado por Aparecida de Moura e o marido Luiz de Souza Batista. Sua mãe biológica tentou abortar o bebê no sexto mês de gestação, deixando no hospital na sala do médico.

Quando foi adotado os pais não sabiam que o menino não iria andar, decorrência da falta de oxigênio no cérebro na hora do nascimento. Depois de exames, algumas cirurgias na coluna e em todo corpo quando Bruno ainda era menor, foi constatado que ele não iria mesmo andar.

Isso nunca foi um problema para ele, que gosta de andar a cavalo e que tem muitos amigos e conhecidos em Eneida. Ele não tem problema em se relacionar com as pessoas.

Estudou até o último ano do ensino médio, ficando seis anos em uma escola especial depois sendo transferido para uma escola pública.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado 1: de Bruno Moura Batista

1. Bruno, você sempre soube que era adotado?
2. O que os seus pais representam para você?
3. Na época da escola ser cadeirante era um problema para interagir com as outras crianças?
4. Alguma vez já se sentiu desanimado ou inferior?
5. O que você mais gosta de fazer no dia a dia?
6. Já quis cursar uma faculdade?
7. Qual seus sonhos para o futuro?
8. Mesmo com as suas limitações, você é feliz?

Entrevistado 2: Aparecida de Moura Batista

1. Como que você soube que tinha um menino para a adoção lá no Paraná?
2. Vocês tiveram contato com a mãe biológica do Bruno?
3. Alguma vez sentiu medo que ela voltasse para buscar o filho?
4. Como você descobriu que ele não iria andar?
5. Pensou em desistir e pegar outra criança para a adoção?
6. Na época na escola vocês tinham alguma dificuldade?
7. O Bruno se mostrava sempre animado ou houve um momento que você achou que ele desistiria?
8. Você pensou em ter mais filhos?

9. O Bruno faz tudo sozinho ou vocês estão sempre ajudando em tudo?
10. Como é para você ter um exemplo como o dele em sua vida e de seu esposo?

PAUTA: ACESSO AOS DISTRITOS EM PÉSSIMAS CONDIÇÕES

PROPOSTA: Mostrar os problemas enfrentados pelos usuários das pistas que cortam os distritos.

ENCAMINHAMENTO: Relatar a situação das pistas e entender quais soluções devem ser tomadas pelas autoridades.

ROTEIRO:

Data: 19/10/2017

Horário: 17h

Local: Rua Hugo Orbolato, 230, Floresta do Sul

Entrevistado 1: Camila Orbolato – Secretaria

Entrevistado 2: Celio Aparecido Vieira – Aposentado

Entrevistado 3: Rogério Martins Marangoni - Técnico em desenvolvimento econômico

Entrevistado 4: Rosalina Lopes Ramos Rocha - Educadora Infantil

Entrevistado 5: Antônio Rodrigues – Associação dos moradores

Entrevistado 6: Nei Rena - Secretário de obras

DADOS: Os problemas das vias não são recentes, porém no mapa da prefeitura consta que as estradas e vias públicas dos distritos encontram-se asfaltadas, ao contrário do que é visto nos locais. A prefeitura comunica que está em processo de andamento a pavimentação das vias pela operação taba buraco e que também estão aguardando as verbas da Caixa Econômica federal para a conclusão das obras de manutenção das vias.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado 1:

1. Qual é a situação da estrada e das vias?
2. O que deveria ser feito para melhorar?
3. Já presenciou algum acidente?
4. Quais prejuízos você já teve por conta do estado da estrada?

Entrevistado 2:

1. Qual é a situação da estrada do Rio do Peixe?
2. O que deveria ser feito para melhorar?
3. Quais os riscos para quem utiliza essa via?
4. Quando se fala do caso para a prefeitura, qual é a resposta deles?

Entrevistado 3:

1. Existe algum risco eminente para quem utiliza as vias a pé ou de carro?
2. Essa é uma via de acesso à escola?
3. Já presenciou algum acidente?

Entrevistado 4:

1. Existe outros locais que precisam de pavimentação além das estradas?

2. O que deveria ser feito para melhorar?
3. Já presenciou algum acidente?
4. Quais prejuízos você teve?

Entrevistado 5:

1. Qual é a situação da estrada e das vias se tratando da prefeitura?
2. O que deveria ser feito para melhorar?
3. Já presenciou algum acidente?
4. Como representante de bairro, quais são os alertas de segurança passado para os moradores?

Entrevistado 6:

1. Existe muita reclamação de moradores, qual a resposta que a prefeitura pode dar para eles?
2. O que será feito para melhorar?
3. Quais os planejamentos da prefeitura para a manutenção das vias?

PAUTA: ARTISTA PLÁSTICO DE AMELIÓPOLIS JÁ VENDEU MAIS DE 2 MIL OBRAS

PROPOSTA: Mostrar como um morador se destaca através da arte.

ENCAMINHAMENTO: Focar em como ele iniciou como pintor de telas, quais seus planos futuros e como está sendo a preparação para uma exposição que irá fazer.

ROTEIRO:

Data: 13/09/2017 – Sábado

Horário: 15h

Local: Apea (Presidente Prudente)

Entrevistado 1: Zeca Alves

Data: 18/09/2017 – Segunda

Horário: 17hr

Local: Rua Presidente Prudente, 75 – Floresta do Sul

Entrevistado 2: Sonia Cotini

DADOS 1: Com 15 anos começou a pintar e não parou mais. Morador de Ameliópolis, o artista é professor e já fez mais de 2000 obras. Ganhou muitos prêmios e já realizou 42 exposições. Tem uma preferência por paisagens e suas telas são bem aceitas por transmitir tranquilidade. Está preparando uma exposição para o dia 15 de novembro, na Apea, com obras inéditas, mostrando uma evolução de seu trabalho.

DADOS 2: Sonia é apreciadora das obras de Zeca e possui muitas delas em sua casa.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**Entrevistado 1:**

1. Quando e por que começou a pintar?
2. Quantas obras já pintou?
3. O que te inspira e o que mais gosta de pintar?

4. Como e quando seu trabalho começou a ser reconhecido?
5. Para quem mora nos distritos, muitas vezes as oportunidades não aparecem. Para você foi diferente, A que você atribui isso?
6. Como é a exposição que você vai participar?
7. Quando e onde vai ser?
8. O que representa essa exposição?
9. Nos distritos seu trabalho é valorizado?
10. Como são os cursos que você ministra?
11. Quais seus planos futuros?

Entrevistado 2:

1. Como conheceu as obras do Zeca?
2. Quantas você possui na sua casa?
3. O que te chama mais atenção nas telas?
4. Qual sua opinião sobre o trabalho do Zeca?

PAUTA: ASSEMBLEIA DE DEUS DE MONTALVÃO REALIZA CÍRCULO DE ORAÇÃO E MOCIDADE

PROPOSTA: Mostrar como é o evento que tem como meta tirar jovens do mundo das drogas

ENCAMINHAMENTO: Mostrar a preparação, os ministérios participantes, partindo dos relatos dos eventos anteriores e quais as mudanças e melhorias para o atua.

ROTEIRO:

Data: 19/10/2017

Horário: 14h

Local: Floresta do Sul

Entrevistado 1: Paulo Sérgio Cordeiro dos Santos – Pastor

Entrevistado 2: Pamela Liberato Wruck – Líder do ministério de louvor da igreja

DADOS: O objetivo do evento é aproximar jovens de várias denominações religiosas e também tirar jovens e adultos do mundo das drogas, através de músicas e pregação de pastores de igrejas convidadas.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistadas 1:

1. Qual o objetivo do evento?
2. Quantas igrejas foram convidadas?
3. Como está a preparação?
4. Como é a relação dos jovens da igreja com os jovens das outras igrejas?

Entrevistado 2:

1. Como é a preparação do ministério de louvor em eventos como este?
2. Existe diferença em ensaios quando se trata de algo maior?
4. Como se sente em ajudar dependentes químicos através da fé?

PAUTA: ATIVIDADES RURAIS FORTALECEM MERCADO INTERNO E EXTERNO DOS DISTRITOS

PROPOSTA: Mostrar como é a economia dos distritos.

ENCAMINHAMENTO: Relatar a situação econômica e entender quais são as principais fontes de renda das famílias no local.

ROTEIRO:

Data: 19/10/2017

Horário: 17h

Local: Rua Hugo Orbolato, 230, Floresta do Sul

Entrevistado 1: Luis Faria de Araújo Filho e Gustavo Rios – Pecuarista

Entrevistado 2: Rafael Muraro Mazaro – Produtor Rural

Entrevistado 3: Paulo Toledo – Produtor de Hidropônica

DADOS: Grande parte dos moradores dos distritos tem a produção rural como principal movimentação econômica. Para o trabalho no campo é necessário no mínimo, dependendo do tamanho do local, 15 pessoas. A grande maioria trabalha em sítios e fazendas de gado e de produção de batata doce, algodão e até mesmo de hidropônicas.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado 1:

5. Como entrou nesse ramo?
6. Quantas pessoas trabalha para você atualmente?
7. O negócio é da família, como começou?

Entrevistado 2:

5. Como funciona o cultivo da batata?
6. Quantos funcionários trabalha com você atualmente?
7. Além de empregos na área de agricultura, pecuária e gado, existe outras vertentes que produz novos empregos por aqui?

Entrevistado 3:

4. Como funciona o plantio na hidropônica?
5. Quantos funcionários trabalham com você atualmente?
6. Onde é revendido?

Entrevistado 4:

5. Existe outros locais que precisam de pavimentação além das estradas?
6. O que deveria ser feito para melhorar?
7. Já presenciou algum acidente?
8. Quais prejuízos você teve?

Entrevistado 5:

5. Qual é a situação da estrada e das vias se tratando da prefeitura?
6. O que deveria ser feito para melhorar?
7. Já presenciou algum acidente?
8. Como representante de bairro, quais são os alertas de segurança passado para os moradores?

Entrevistado 6:

4. Existe muita reclamação de moradores, qual a resposta que a prefeitura pode dar para eles?
5. O que será feito para melhorar?
6. Quais os planejamentos da prefeitura para a manutenção das vias?

PAUTA: AURÉLIO MONTAVA E DESMONTAVA A METRALHADORA

PROPOSTA: Expor a vivência do Aurélio no alojamento do exército, mostrando as dificuldades do cotidiano.

ENCAMINHAMENTO: Focar na história desde quando ele foi convocado a servir o exército, puxando fragmentos do que ele lembrava das histórias mais marcantes e de como era ser um soldado que veio do interior.

ROTEIRO:

Data: 19/08/2017 – Sábado

Horário: 15h

Local: Hugo Orbolato – (Residência de Aurelio Balotari) em Floresta do Sul.

Entrevistado 1: Aurelio Balotari.

Entrevistado 2: Isaura Leite Balotari

DADOS: Nascido e criado em Floresta, Aurelio foi para o alojamento militar em Corumbá – MT, com mais meninos. Todos com 19 anos. Ele ficou 1 ano e 11 dias, mas não quis seguir a carreira militar, vindo trabalhar na lavoura desde então. Casou-se com 20 anos, um ano depois de ter saído do alojamento e teve seis filhos. No alojamento, segundo Aurélio, as condições de vida eram precárias, como camas feitas de capim, pão adormecido e treinamentos intensos que continham 6 km de caminhada diariamente.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**Entrevistado 1:**

1. Como eles selecionavam os meninos?
2. Vocês se alistavam aqui mesmo?
3. Eram levados todos os meninos ou tinha uma faixa de idade?
4. Como era quando o senhor chegou lá? Quais as diferenças daqui?
5. Como era para dormir? Vocês conseguiam dormir?
6. Todo mundo tomava banho no mesmo lugar?
7. Como era o treinamento? Vocês tinham alguma pausa?
8. Tinha também treinamento com armas? Na época o senhor sabia mexer com armas?
9. Podiam vir ver a família ou tinham que ficar lá?
10. Só o senhor foi alistado ou tinha mais irmãos?
11. Depois que o senhor saiu, continuou amigo de algum soldado ou todo mundo se afastou?
12. Naquela época tinha uma guerra na Coreia, eles estavam preparando vocês para uma possível guerra aqui?
13. O senhor pensou em seguir carreira militar, por quê?

PAUTA: BONS AMIGOS E ESPERANÇA: RECEITA DA SUPERAÇÃO

PROPOSTA: Conhecer a história de superação de Nivaldo e retratar porque ele é um morador que é exemplo de superação em Ameliópolis.

ENCAMINHAMENTO: Contar a vida do personagem desde o acidente até os dias de hoje, como ele se sente e quais suas limitações.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017

Horário: 20h

Local: Ameliópolis

Entrevistado 1: Nivaldo Teixeira Dias

DADOS:

Morador de Ameliópolis foi morar em São Paulo quando tinha por volta de uns 34 anos, foi trabalhar em uma serralheria.

Foi quando o deslocamento da coluna, após ir ao médico ele teve duas opções: fazer uma cirurgia ou viver com a limitação de algumas partes do corpo.

Voltou para Ameliópolis, com a morte dos pais ele passou a viver sozinho e precisar da ajuda dos amigos para se locomover. A alguns anos atrás montou uma escola de futebol amador para meninos e meninas. Ele prezava a educação de seus alunos e o respeito. No final de todos os anos também dava um churrasco para comemorar com a comunidade.

Um dos melhores momento de sua vida foi quando ele conseguiu se aposentar e hoje vive uma vida tranquila e até namora.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

1. Onde o senhor nasceu?
2. O senhor sofreu um acidente?
3. O senhor sentia dor?
4. Qual a atitude do senhor diante do que os médicos falaram?
5. O senhor faz tudo sozinho?
6. Sobre a escola que o senhor criou, como surgiu a ideia?
7. Quantos anos eram atendidos?
8. Porque o senhor fechou a escola?
9. Depois de fechar a escola, como foi a sua vida?
10. O senhor é feliz?

PAUTA: BRINCAR NA RUA É PREFERÊNCIA ENTRE AS CRIANÇAS

PROPOSTA: Buscar crianças que ainda se sintam à vontade em brincar na rua.

ENCAMINHAMENTO: Mostrar como é frequente as brincadeiras de rua nos distritos, partido de como as crianças se sentem brincando na rua e o que os pais pensam sobre os filhos ficarem na rua.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017

Horário: 19h

Local: Eneida

Entrevistado 1: Leonardo Carmo dos Santos

Data: 08/10/2017

Horário: 17h

Local: Floresta do Sul

Entrevistado 1: Miriele Cristina dos Santos Rodrigues

Entrevistado 2: Antônio Carlos dos Santos Rodrigues

Entrevistado 3: Guilherme de Souza Rodrigues

Entrevistado 4: Larissa de Souza Rodrigues

Entrevistado 5: Daiane Camille de Souza

DADOS:

Conforme pesquisa de campo nas visitas aos distritos foi observado que algumas crianças brincavam na rua tranquilamente. As brincadeiras mais frequentes são o futebol, bets, brincar na terra e jogo de burquinha.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistados 1, 2, 3, 4 e 5:

1. Quantos anos você tem?
2. Você sempre brincou na rua?
3. Brincar na rua atrapalha na escola ou vocês levam as duas coisas tranquilamente?
4. Seus pais deixam vocês brincarem na rua sem preocupações ou eles pegam no pé?
5. Tem horas para voltar para casa?
6. Do que vocês mais gostam de brincar?
7. Já se machucaram brincando na rua?
8. Entre jogos, computador, celular é brincar na rua qual vocês gostam mais?

Entrevistado 2: Daiane Camille de Souza.

1. Você deixa seus filhos brincarem na rua sem medo?
2. Eles têm horário para voltar para casa?
3. Alguma vez eles já se machucaram ou brigaram na rua?
4. Entre computador, jogos, celular e brincar na rua, o que você prefere que seus filhos façam?

PAUTA: ESCOLAS MUNICIPAIS VALORIZAM TRABALHO DOS ALUNOS EM EXPOSIÇÃO

PROPOSTA: Fazer a cobertura do evento Mostra Pedagógica das escolas municipais dos distritos. Acompanhar as apresentações e palestras.

ENCAMINHAMENTO: Destacar como através de apresentações, relatos, trabalhos, confecções e objetos trazidos pelos alunos, contribuiu para homenagear um século de existência da cidade de Prudente. Além de expor como esse tipo de evento auxilia na formação do aluno como cidadão crítico, destacando também, a importância dos distritos como parte fundamental na formação da história do município.

DADOS: A Mostra é uma exposição dos trabalhos e projetos realizados com crianças e alunos durante todo o ano. Todas as escolas de Prudente organizam esse tipo de trabalho. Antes o evento era realizado no PUM (Parque de Uso Múltiplo), mas devido a exigências da SEDUC (Secretaria Municipal de Educação)

os eventos foram transferidos para as próprias Unidades Escolares. A data é decidida na semana do planejamento, que acontece em Fevereiro, e faz parte do calendário escolar.

ROTEIRO:

Data: 25/08/2017 – Sexta-Feira - Escola Municipal Pioneiro Alberto Bernardes Sotelo de Floresta do Sul

Horário: 16h – 17h30

Local: Salão Paroquial do Sagrado Coração de Jesus.

Entrevistado 1: Sheila Pereira Rodolfo Medeiros. Diretora da Escola.

Entrevistado 2: Letícia Cunha Cotini. Aluna do 5º ano.

Entrevistado 3: Daniela Dallaqua. Mãe de aluno.

Data: 26/08/2017 – Sábado – Escola Municipal Carlos Alberto de Arruda Campos de Eneida

Horário: 14h – 15h30

Local: Escola Municipal Carlos Alberto de Arruda Campos.

Entrevistado 4: Lilian Maria Martins Silva. Orientadora Pedagógica.

Data: 23/09/2017 – Sábado - Escola Municipal Dr. Carlos Braga de Ameliópolis

Horário: 09h – 10h30

Local: Escola Municipal Dr. Carlos Braga.

Entrevistado 5: Alessandra Yakaba. Diretora da Escola.

Data: 23/09/2017 – Sábado - Escola Municipal Ettore Marangoni de Montalvão

Horário: 14h – 15h30

Local: Escola Municipal Ettore Marangoni.

Entrevistado 6: Lilian Maria Martins Silva. Orientadora Pedagógica.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado 1, 4, 5 e 6

1. Como foi a elaboração do trabalho para essa mostra?
2. Além de atividades do centenário, quais outras foram expostas?
3. Qual a importância desse trabalho para as crianças?
4. Como a família se beneficia desse evento?
5. Qual o destaque foi dado aos distritos nessa mostra?
6. Como você vê o resultado?

Entrevistado 2

1. O que você aprendeu com essa mostra?
2. E como você vê a importância dos distritos para Prudente?

Entrevistado 3

1. Qual a importância de mostrar como hoje para o aprendizado das crianças?
2. Como você percebeu a valorização dos distritos nessa apresentação?
3. Em casa, como essa mostra tem repercutido entre você e seus filhos?

PAUTA: ESPORTE DOS DISTRITOS CRESCE COM O PASSAR DOS ANOS

PROPOSTA: Relatar história e rivalidade do Floresta Esporte Clube e Força FC de

Montalvão que representam os distritos no futebol amador de Presidente Prudente.

ENCAMINHAMENTO: Destacar através de relatos históricos o surgimento das equipes, campeonatos e torneios disputados em outras épocas e atualmente.

ROTEIRO:

Data: 27/09/2017 e 04/10/2017

Horário: 12h15 – 13h30

Local: Parque Shopping Prudente. R. Siqueira Campos, 1545 - Vila São Jorge, Pres. Prudente - SP

Entrevistado 1: Luciano Aparecido Leite Nunes. Presidente do Força FC Montalvão

Entrevistado 2: Mauricio Damasceno. Um dos fundadores do Floresta FC

DADOS:

Os dois times têm parte na história esportiva em cada distrito que representa. O Força FC de Montalvão surgiu em 2006 de uma reformulação do antigo time do bairro (Montalvão FC), o mesmo conta com time em várias categorias, juvenil e adultos. O Floresta EC, surgiu em 1992 e foi um começo arrasador, campeão do antigo “Ruralzão” de maneira invicta, marca a grandeza desse time.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado 1 e 2:

1. Como surgiu o time? Já existia um time antes?
2. Existe uma rivalidade entre os distritos, como que fica essa relação se tratando do futebol?
3. Qual a importância do futebol para os distritos?
4. Como funcionavam os torneios pioneiros por aqui?
5. Existe um campeonato fechado entre os times dos distritos, existe premiação e como e como surgiu essa ideia?
6. O que é preciso ser feito para o futebol dos distritos ser mais valorizado?

PAUTA: ESPORTE DOS DISTRITOS CRESCE COM O PASSAR DOS ANOS

PROPOSTA: Relatar história e rivalidade do Floresta Esporte Clube e Força FC de Montalvão que representam os distritos no futebol amador de Presidente Prudente.

ENCAMINHAMENTO: Destacar através de relatos históricos o surgimento das equipes, campeonatos e torneios disputados em outras épocas e atualmente.

ROTEIRO:

Data: 27/09/2017 e 04/10/2017

Horário: 12h15 – 13h30

Local: Parque Shopping Prudente. R. Siqueira Campos, 1545 - Vila São Jorge, Pres. Prudente - SP

Entrevistado 1: Luciano Aparecido Leite Nunes. Presidente do Força FC Montalvão

Entrevistado 2: Mauricio Damasceno. Um dos fundadores do Floresta FC

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado 1 e 2:

1. Como surgiu o time? Já existia um time antes?
2. Existe uma rivalidade entre os distritos, como que fica essa relação se tratando do futebol?

3. Qual a importância do futebol para os distritos?
4. Como funcionavam os torneios pioneiros por aqui?
5. Existe um campeonato fechado entre os times dos distritos, existe premiação e como e como surgiu essa ideia?
6. O que é preciso ser feito para o futebol dos distritos ser mais valorizado?

PAUTA: PROJETO GIRAAARTE LEVA CULTURA AOS MORADORES DOS DISTRITOS.

PROPOSTA: Mostrar os eventos culturais que acontecem no distrito e como isso traz mais lazer aos moradores.

ENCAMINHAMENTO: Abordar como aconteceu as apresentações do Giraarte e como os moradores se mostravam envolvidos com o evento. Mostrando qual foi a sensação deles em ter esse momento cultural.

DADOS: distrito de Floresta do Sul recebeu a visita de bandas de fanfarras vindas de Presidente Prudente, Álvares Machado e Paraguai através do Projeto Giraarte, desenvolvido pela Secretaria de Cultura. Nele há apresentações de música, dança, teatro e narração de histórias que divertem e entretêm os moradores dos bairros de Presidente Prudente. Os grupos artísticos trouxeram instrumentos como tambores, saxofones, trompetes e danças coreografadas. Com o intuito de descentralizar a cultura de Prudente, o Projeto Giraarte selecionou 23 grupos para se apresentar em todos os bairros da cidade, inclusive nos distritos. O grupo de artistas do movimento cultural Galpão da Lua realizou uma apresentação animada e colorida em frente à Igreja Santa Helena, em Eneida. Uma banda chamou a atenção do público com instrumentos de percussão.

ROTEIRO:

Data: 02/09/2017

Horário: 16h

Local: Floresta do Sul

Entrevistado 1: Odair Carlos

Entrevistado 2: Reinaldo Costa

Entrevistado 3: Amir Chaddad

Data: 22/09/2017

Horário: 16h

Local: Floresta do Sul

Entrevistado 4: Fernando Testa

Data: 02/09/2017

Horário: 16h

Local: Eneida

Entrevistado 5: Adolfo Tiago Ferreira

Entrevistado 6: Eva Caires

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistados 1,2:

1. Qual a importância do evento para o distrito?
2. Como surgiu a parceria ou convite para o distrito ser sede do evento?
3. Os moradores se mostram interessados no evento?
4. O que você achou do evento?
5. Acredita que o distrito precisa de mais eventos assim?

Entrevistados: 3,4,5,6:

1. Qual a importância de eventos como esse para o distrito?
2. O que você achou da apresentação?
3. Você já imaginava uma festa assim no distrito?
4. Qual foi a sua sensação em ver as apresentações?
5. Acredita que o distrito precisa de mais eventos assim?
6. O que mais você sugeriria para acontecer como evento cultural no distrito?

PAUTA: IGREJA CATÓLICA PROMOVE ENCONTRO DE FIÉIS

PROPOSTA: Mostrar como acontece uma das grandes festas da igreja católica, a Concentração do Apostolado da Oração.

ENCAMINHAMENTO: Focar em como é feita a preparação para esse evento e qual a importância dele para a comunidade.

ROTEIRO:

Data: 08/10/2017 – Domingo

Horário: 11h

Local: Igreja católica de Floresta

Entrevistado 1: Padre Alex João de Santana

Data: 08/10/2017 – Domingo

Horário: 14hr

Local: Rua Cinco, 75 – Floresta do Sul

Entrevistado 2: Erenice Jacinto da Silva

DADOS 1: A Concentração do Apostolado da Oração está em sua 9ª edição e traz muitos fiéis para o distrito de Floresta do Sul. Ela acontece uma vez por ano e tem a colaboração de toda a comunidade. Padre Alex está à frente do movimento e organiza toda a programação

DADOS 2: Presidente do Apostolado, Erenice ajuda na preparação do evento. Além disso, é ela quem fundou o movimento no distrito de Floresta do Sul e o acompanha por 25 anos.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**Entrevistado 1:**

1. Há quanto tempo é pároco desta comunidade?
2. Em que edição está a Concentração do Apostolado da Oração?
3. Qual será o tema?
4. Por que passou a ser realizada aqui?
5. O que é feito neste dia?
6. O que representa para o senhor?
7. Quantas pessoas participam do evento?
8. Quais os convidados especiais para esta edição?
9. Qual a importância dos distritos participarem desse evento?
10. Como será o 10º encontro?

Entrevistado 2:

1. Como você vê a Concentração para o Apostolado?
2. Como é a preparação?
3. Qual sensação que fica depois?
4. Houve alguma situação mais marcante?
5. Quantos membros em Floresta?
6. Como foi fundado o Apostolado aqui?
7. Qual seu sentimento hoje?

PAUTA: JOVEM INSPIRA PESSOAS A SUPERAR OS PRÓPRIOS LIMITES

PROPOSTA: Mostrar como Jean Aparecido vive depois do acidente que deixou parte do seu corpo limitado.

ENCAMINHAMENTO: Contar a história de superação do morador de Floresta do Sul, desde antes, até os dias atuais. Tal como ele encarou o acidente de carro que sofreu e como é sua vida hoje.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017

Horário: 22h

Local: Rua Hugo Orbolato, 230, Floresta do Sul

Entrevistado: Jean Aparecido da Silva

DADOS: Jean Aparecido da Silva, 26 morador de Floresta do Sul. Ele levava uma vida normal, estava no último ano de escola e era ativo nas atividades da igreja. Sua vida mudou quando voltando de um seminário de vida (evento) com seu pai e mais dois amigos ele estava deitado no banco de trás quando o carro capotou. Após o acidente e já no hospital, ele ficou internado por um mês e meio. Os médicos deram apenas 3% de chance de vida. Ficou em coma por algum tempo e depois retornou a sua vida em uma cadeira de rodas.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado:

1. Como era sua vida antes do acidente?
2. Você estudava em que ano do ensino médio?
3. Como foi o acidente?
4. Lembra de alguma imagem, pessoa, momento ou fragmento do tempo que passou no hospital?
5. Qual foi sua sensação em acordar e estar em uma cadeira de rodas?
6. Pensou algum momento em desistir de viver? Ou andar?
7. Suas limitações geraram preconceitos, traumas ou qualquer desconforto na sua vida depois do acidente?
8. A sua fé em Deus, te ajudou em alguma forma a supera as dificuldades?
9. Você se considera um exemplo para as pessoas?
10. Qual a lição que você acredita que pode passar pras outras pessoas?

PAUTA: LOTAÇÃO E ATRASO NO TRANSPORTE PREJUDICA MORADORES

PROPOSTA: Mostrar os problemas com o transporte público dos distritos.

ENCAMINHAMENTO: Relatar fatos ocorridos e quais as soluções para esse problema, falando sobre fatos, quebra de ônibus, o que deve ser feito. Buscar pontos de vistas de moradores e também das autoridades.

ROTEIRO:

Data: 19/10/2017

Horário: 15h

Local: Montalvão

Entrevistado 1: Reinaldo da Silva Costa – Representante de Bairro de Floresta do Sul

Entrevistado 2: José Alves Menezes – Representante de Bairro de Eneida

Entrevistado 3: Vagner da Silva – Sommelier

Entrevistado 4: Maria Soares da Silva – Dona de casa

Entrevistado 5: Maisa Lopes da Silva – Estudante

Entrevistado 6: Geni Aprili – Copeira

Entrevistado 7: Kaneit Turumoto – Vendedor

Entrevistado 8: Oswaldo Bosquet - Departamento de Assuntos Vários e Cooperação na Segurança Pública (SEMAV)

DADOS: Problemas no transporte público tem causado transtornos para os moradores dos distritos. Falta de horários alternativos, ônibus em estado ruim e lotação tem tirado o sossego dos moradores locais.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistados

1. Qual a qualidade do transporte público?
2. Qual seria a solução para o problema do transporte aqui?
3. Existe muita reclamação dos moradores?
4. O que a empresa responsável, junto da prefeitura responde para vocês?

Entrevistado – Representante da SEMAV

1. Qual a solução da SEMAV referente ao transporte público nos distritos?
2. Em questão dos horários, poderia ser alterado, de que maneira?
3. Existe algum projeto para essa área?
4. Qual a resposta a empresa pode dar para os moradores?

PAUTA: MÃOS QUE CRIAM ARTE

PROPOSTA: Contar como a vida de Alcidio Milano se transformou depois de ter amputado as duas pernas.

ENCAMINHAMENTO: Narrar a história de Alcidio Milano desde a construção da igreja e como tudo mudou depois de amputar as pernas e encontrar na arte o refúgio para superar as dificuldades.

ROTEIRO:

Data: 06/10/2017

Horário: 19h

Local: Montalvão

Entrevistado 1: Alcidio Milano

Entrevistado 2: Pascoina Milano

DADOS 1: Morador de Montalvão tem 80 anos. Ajudou na construção da antiga igreja do distrito. Era pedreiro e tinha uma vida ativa. Quando estava com 65 anos teve uma mudança na vida decorrente de uma trombose e teve que amputar as duas pernas.

Vive em Montalvão com a mulher Pascoina Milano, 78 anos. E atualmente vive de miniaturas que aprendeu vendo na televisão e começou a criar para distrair e esquecer os problemas. Os moradores demonstram interesse por seu trabalho, fazendo encomendas vez ou outra.

DADOS 2: Pascoina, esposa de Alcidio, acompanhou todo seu sofrimento e o apoiou em sua nova ocupação.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado 1

1. Quanto tempo o senhor mora em Montalvão?
2. Como foi a história de construir a igreja, o senhor chegou aqui e já tinha alguma igreja?
3. Qual o senhor ajudou a criar? Todas foram feitas no mesmo lugar?
4. Como o senhor descobriu que estava doente?
5. Quantos anos o senhor tinha quando começou a sentir o formigamento?
6. Como foi para o senhor saber que teria que cortar as duas pernas?
7. Em que momento o senhor começou a fazer as miniaturas?
8. Hoje o senhor trabalha o dia todo, o que o senhor faz?
9. O que o senhor mais gosta de criar?
10. Qual a reação das pessoas, principalmente das crianças quando veem as coisas que o senhor faz?

Entrevista 2

1. Como foi para a senhora ter que dar apoio para o marido que antes era ativo e depois precisou mudar completamente os hábitos?
2. Você pensou em desistir?
3. Quando ele começou a fazer as miniaturas, qual foi sua reação?
4. Hoje a senhora acredita que a arte mudou a realidade de vocês?

PAUTA: MORADOR DE ENEIDA É EXEMPLO EM CUIDADO COM MEIO AMBIENTE

PROPOSTA: Mostrar o exemplo de alguém que reconheça a importância do meio ambiente e cuidado com o bairro.

ENCAMINHAMENTO: Conhecer como o morador de Eneida cuida do parque perto de sua casa e qual a importância disso para a cidade e o meio ambiente.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017

Horário: 17h

Local: Eneida

Entrevistado 1: Márcio José dos Santos Costa

DADOS:

Dados 1: Márcio José dos Santos Costa, 38 anos de idade, conhecido como Coleguinha. É funcionário da empresa Prudenco e responsável pelo Horto Florestal da Secretaria do Meio Ambiente.

Dados 2: O Meio Ambiente é a 6ª preocupação do brasileiro, de acordo com a última pesquisa realizada pelo Ministério do Meio Ambiente em 2012, em que 13% da população reivindica melhorias e ações ecológicas. Dessa forma, atitudes como a do Márcio estão se tornando ainda mais contínuas.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**Entrevistado 1:**

1. Você sempre morou em Eneida?
2. Quando se deu essa vontade de cuidar da praça?
3. Seus filhos e sua família utilizam a praça?
4. Sobre os cuidados que você tem com o local, quais são eles?
5. As pessoas moradoras do bairro e da cidade reconhecem esse cuidado que você tem com o lugar?
6. Porque você acha importante fazer esse trabalho?
7. Acredita que todas as pessoas precisam se conscientizar e também ajudar a cuidar do lugar onde mora?

PAUTA: Moradores de Floresta do Sul reclamam do mau cheiro vindo do esgoto

PROPOSTA: Relatar o problema do mau cheiro dos esgotos presente na cidade de Floresta do Sul.

ENCAMINHAMENTO: Apurar as reclamações dos moradores do distrito em relação ao mal cheiro dos esgotos da cidade que é um dos problemas enfrentados por eles.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017

Horário: 15h

Local: Floresta do Sul

Entrevistado 1: Dayane Camile

Entrevistado 2: Antonio Rodriguês

Entrevistado 3: Ailton Santana

Entrevistado 4: Sabresp

DADOS: O problema com o esgoto é decorrente segundo pesquisa de campo feita no distrito. Os moradores relatam que isso incomoda e deixa a cidade com aspecto de suja e mal cuidada. Desde que foi implantado o esgoto eles sofrem com esse problema.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:**Entrevistado 1,2, 3:**

1. Quando o esgoto foi implantado aqui na cidade?
2. O mal cheiro está na cidade desde quando foi feito o esgoto?
3. Foi cobrado algo na época para implantação do esgoto?
4. Você acha que o problema seria decorrente do esgoto estar mal feito?

5. Os moradores já reclamaram para a prefeitura sobre esse problema?
6. Houve resposta?
7. O que poderia ser feito para sanar esse problema?

PAUTA: MOTORISTA APOSENTADO É EXEMPLO DE DEDICAÇÃO

PROPOSTA: Fazer o perfil de um dos moradores de Ameliópolis de 80 anos.

ENCAMINHAMENTO: Seu Mané é motorista de ônibus aposentado. Ele conduziu por 37 anos o ônibus que faz a linha Ameliópolis X Prudente. É respeitado e querido por todos.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017 – Sábado

Horário: 18h

Local: Estrada Raimundo Maiolini, 63.

Entrevistado 1: Manoel Praxedes dos Santos

DADOS: Manoel Prachedes dos Santos, seu Mané está aposentado, mas dedicou 37 anos da sua vida como motorista de ônibus da linha Prudente X Ameliópolis. É morador de Ameliópolis, com 12 filhos, e sempre gostou do que fazia. É muito querido e respeitado por todos. Inclusive, os moradores de Ameliópolis fizeram uma festa quando ele parou de trabalhar.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado

1. Quantos anos trabalhou como motorista?
2. Depois de aposentado por que continuou trabalhando?
3. Como era quando não tinha asfalto?
4. O que o senhor fazia quando o ônibus atolava?
5. O que sentiu com a chegada do asfalto?
6. Quantos de seus filhos seguiu seu caminho?
7. Quais as histórias marcantes dessa época?
8. Como as pessoas o tratavam?
9. E em relação às reclamações, como agia?
10. Hoje o senhor faz o que para se distrair?

PAUTA: O PACATO LAZER NOS DISTRITOS SATISFAZ OS MORADORES.

PROPOSTA: Relatar o lazer aos finais de semana dos moradores locais.

ENCAMINHAMENTO: Mostrar como é o lazer depois de uma semana cheia de trabalho e quais são os principais afazeres nesses dias de descanso.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017 – Sábado.

Local: Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis.

Entrevistado 1: Luiz de Souza Batista, 67 anos.

Entrevistado 2: Vagner da Silva Figueiredo, 23 anos.

Entrevistado 3: Celso Antônio Balotari, 55 anos.

Entrevistado 4: Elisete Lemos Silva, 45 anos.

DADOS:

Nos distritos também existem momentos de descontração após aquela semana cheia de trabalho. O costume local é relaxar em frente das casas, nas cadeiras de balanço, nos bingos aos finais de semana, no futebol de sábado e domingo e também nos jogos de cartas que acontecem nos bancos das praças.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. O que costuma fazer aos finais de semana?
2. Existe algum local, como bares e locais de festa?
3. O que poderia ser feito para melhorar o lazer aqui?
4. Do lazer existente no seu bairro, qual gosta de fazer mais?
5. Você costuma sair dos distritos para se divertir?
6. O lazer aqui é mais familiar? O que costumam fazer?

PAUTA: O PACATO LAZER NOS DISTRITOS SATISFAZ OS MORADORES.

PROPOSTA: Relatar o lazer aos finais de semana dos moradores locais.

ENCAMINHAMENTO: Mostrar como é o lazer depois de uma semana cheia de trabalho e quais são os principais afazeres nesses dias de descanso.

ROTEIRO:

DATA: 07/10/2017 – Sábado.

Local: Floresta do Sul, Eneida e Ameliópolis.

Entrevistado 1: Luiz de Souza Batista, 67 anos.

Entrevistado 2: Vagner da Silva Figueiredo, 23 anos.

Entrevistado 3: Celso Antônio Balotari, 55 anos.

Entrevistado 4: Elisete Lemos Silva, 45 anos.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. O que costuma fazer aos finais de semana?
2. Existe algum local, como bares e locais de festa?
3. O que poderia ser feito para melhorar o lazer aqui?

PAUTA: POPULAÇÃO RECLAMA DA FALTA DE POLICIAMENTO

PROPOSTA: Mostrar como a falta de policiamento deixa os moradores preocupados e se sentindo abandonados pela segurança pública local.

ENCAMINHAMENTO: Ouvir moradores dos quatro distritos sobre como é o policiamento, quais as inseguranças dos mesmos quanto a isso e cobrar a policia uma posição sobre o assunto.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017

Horário: 19h

Local: Ameliópolis

Entrevistado 1: Celio Aparecido Vieira

Data: 08/10/2017

Horário: 9:30h

Local: Montalvão

Entrevistado 2: Rogério Martins Marangoni

Data: 08/10/2017

Horário: 11h

Local: Floresta do Sul

Entrevistado 3: Reinaldo Silva Costa

Data: 09/10/2017

Horário: 9:30h

Local: 1 GP de Policia Militar de Presidente Prudente

Entrevistado 4: Washington Hennis da Silva

Data: 09/10/2017

Horário: 10:00h

Local: Floresta do Sul

Entrevistado: 1

Data: 09/10/2017

Horário: 12:00h

Local: Montalvão

Entrevistado:2 Maria Lourdes Felipes.

Data:09/10/2017

Horário: 15:00h

Local: Ameliopolis

Entrevistado: 3 Maria Soares da Silva

DADOS: Não existe posto policial ou policia para atender os distritos, eles contam com viaturas vindas de Presidente Prudente que atendem quando são chamadas para ir ao local ou em caso de ronda.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistado 1,2,3:

1. Como é o policiamento no distrito?
2. Os moradores se sentem inseguros pela falta de viaturas para atender vocês?
3. Já ocorreu algum momento de precisarem de policiamento e não ter ninguém para atender?
4. Em média quanto tempo demora para uma viatura se deslocar até o distrito e atender a ocorrência do morador?
5. Alguma vez alguém chamou a viatura e ninguém veio?
6. Porque você acha que o distrito precisa de mais policiamento?

Entrevistado 2: Washington Hennis da Silva

1. Como é o atendimento policial nos distritos?
2. São feitas rondas por cada distrito frequentemente ou apenas quando surge alguma ocorrência?
3. Algum morador já reclamou para a polícia a respeito do assunto?

4. Em média quanto tempo demora para uma viatura se deslocar até o distrito e atender a ocorrência do morador?
5. Alguma vez vocês deixaram de atender ao distrito pela demanda de Presidente Prudente ser maior?

Entrevistado 1, 2, 3

1. Como é o atendimento com as ambulâncias?
2. Como é a manutenção de atendimento?
3. Existe uma equipe preparada para isso?
4. Como é o atendimento no posto de saúde?
5. O que é necessário mudar para a melhoria das ambulâncias e dos postos de saúde?

PAUTA: PROJETO GERANDO SONHOS ACOLHE GESTANTES CARENTES EM MONTALVÃO

PROPOSTA: Mostrar como o projeto influência na vida das meninas que participam e também na sociedade como um todo através da solidariedade.

ENCAMINHAMENTO: Contar a história do projeto, desde quando surgiu, o projeto, quais os desafios, e como tudo é trabalhado. Buscar o ponto de vista das coordenadoras e também das gestantes.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017

Horário: 15h

Local: Montalvão

Entrevistado 1: Maria Aparecida Monteiro – Coordenadora do projeto

Entrevistado 2: Marta Monteiro – Coordenadora do projeto

Entrevistado 3: Josiane Buzette Manfré - Ex participante do projeto

Entrevistado 4: Larissa Santana da Silva Rocha – Participante do projeto

DADOS: Consiste em atender as famílias carentes, dando prioridade às gestantes adolescentes, oferecendo oportunidade de uma vida mais digna, e ajudando-as preparar com mais amor a chegada de seus bebês. Totalmente voluntário, criado e orientado pelas Irmãs de Santa Ana. Esse projeto tem o objetivo de garantir a todas às mães o sonho de ocupar dentro da sociedade o seu lugar de mulher e cidadã com dignidade, recebendo orientação e conhecimento, que as leve a uma verdadeira promoção de vida mais digna e fraterna. Maria Aparecida Monteiro, Dalva Monteiro e Marta Monteiro são as criadoras do projeto Gerando Sonhos que atende gestante carentes de Montalvão Presidente Prudente. O local de realização é uma sala doada pela prefeitura no posto de saúde e os encontros às terças-feiras.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistadas 1 e 2:

1. Partido da ideia do projeto, como ele surgiu?
2. Vocês atendem apenas gestantes em Montalvão?
3. Como elas fazem para participar?
4. Os encontros são sempre as terças-feiras?
5. Quantas gestantes participam do projeto em Montalvão?
6. Como é o procedimento para se tornar um sócio?

7. Vocês tem ajuda da Prefeitura ou algum órgão governamental?
8. O que as gestantes fazem nos encontros?
9. Quais os desafios?

Entrevista 3:

1. Como você tomou conhecimento do projeto?
2. O que o projeto trouxe de bom para sua vida?
3. Entre as coisas que aprendeu, qual você mais gosta?
4. Indicaria o projeto para outras meninas?
5. Apesar de já ter ganhado seu bebê, pretende ter alguma ligação com o Gerando Sonhos?

Entrevistada 4:

1. Como você tomou conhecimento do projeto?
2. O que o projeto trouxe de bom para sua vida?
3. Entre as coisas que aprendeu, qual você mais gosta?
4. Indicaria o projeto para outras meninas?
5. O que você espera do projeto até o final da sua gestação?

PAUTA: SEU BATATA É FELIZ RODEADO DE AMIGOS

PROPOSTA: Conhecer a história de superação de Nivaldo e retratar porque ele é um morador que é exemplo de superação em Ameliópolis.

ENCAMINHAMENTO: Contar a vida do personagem desde o acidente até os dias de hoje, como ele se sente e quais suas limitações.

ROTEIRO:

Data: 07/10/2017

Horário: 20h

Local: Ameliópolis

Entrevistado 1: Nivaldo Teixeira Dias

DADOS:

Morador de Ameliópolis foi morar em São Paulo quando tinha por volta de uns 34 anos, foi trabalhar em uma serralheria.

Foi quando o deslocamento da coluna, após ir ao médico ele teve duas opções: fazer uma cirurgia ou viver com a limitação de algumas partes do corpo.

Voltou para Ameliópolis, com a morte dos pais ele passou a viver sozinho e precisar da ajuda dos amigos para se locomover. A alguns anos atrás montou uma escola de futebol amador para meninos e meninas. Ele prezava a educação de seus alunos e o respeito. No final de todos os anos também dava um churrasco para comemorar com a comunidade.

Um dos melhores momentos de sua vida foi quando ele conseguiu se aposentar e hoje vive uma vida tranquila e até namora.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

Entrevistadas 1:

1. Onde o senhor nasceu?
2. O senhor sofreu um acidente?
3. O senhor sentia dor?

4. Qual a atitude do senhor diante do que os médicos falaram?
5. O senhor faz tudo sozinho?
6. Sobre a escola que o senhor criou, como surgiu a ideia?
7. Quantos anos eram atendidos?
8. Porque o senhor fechou a escola?
9. Depois de fechar a escola, como foi a sua vida?
10. O senhor é feliz?

APÉNDICE D
MAILING LIST

MAILLING COLABORADORES JORNAL LINHA DO LEITE 67**MONTALVÃO**

1. NOME: Alex João de Santana
IDADE: 42
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Religioso (Padre)
CELULAR: 997710468
E-MAIL: pealexjoao@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 15 anos

2. NOME: Gislaine Cristina Seribeli
IDADE: 36
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Agente de Saúde (Jornalista por formação)
CELULAR: 997138010
E-MAIL: gislaine.seribeli@bol.com.br
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 32 anos

3. NOME: Paulo Sergio Cordeiro dos Santos
IDADE: 48
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Ministro do Evangelho (Pastor)
CELULAR: 997092940
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 2 anos

4. NOME: Alex Sandro Nogueira de Almeida
IDADE: 38
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Pecuarista
CELULAR: 996128092
E-MAIL: analuzacnogueira@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 38 anos

5. NOME: Luciane Bertazzo Dansiguer
IDADE: 34
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Produtora de eventos
CELULAR: 996183513
E-MAIL: gabriellemos740@gmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 34 anos

6. NOME: Alex Miller Santana Pereira
IDADE: 15
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Estudante
CELULAR: 996064709
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 10 anos

7. NOME: Silvia Elaine Milani
IDADE: 48
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Secretária
CELULAR: 996732612
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 48 anos

8. NOME: Maria Luiza dos Santos Carvalho
IDADE: 48
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Do lar
CELULAR: 996572912
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 48 anos

9. NOME: Luis Carlos da Silva
IDADE: 43
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Motorista
CELULAR: 997187252
E-MAIL: felipe-mara2003@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 43 anos

10. NOME: Lucimeire Correa Nogueira de Almeida
IDADE: 35
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Do lar
CELULAR: 997768110
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 15 anos

11. NOME: Adriana Moura Izidoro
IDADE: 41
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Auxliar de Limpeza
CELULAR: 996853836
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 41 anos

12. NOME: Joana Firmino Pereira
IDADE: 36
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Do lar
CELULAR: 996157981
E-MAIL: naielesouza111.76@gmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 22 anos

13. NOME: Dieine Aparecida de Souza Azevedo
IDADE: 38
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Do lar

CELULAR: 997288992
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 4 anos

14. NOME: Rosana Matricardi Corazza Silva
IDADE: 38
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Manicure
CELULAR: 997410243
E-MAIL: rosanamatricardimft@gmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 38 anos

15. NOME: Idair Pio Longo
IDADE: 52
DISTRITO: Montalvão
PROFISSÃO: Comerciante
CELULAR: 997547421
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 30 anos

FLORESTA DO SUL

16. NOME: Lucimar de Souza Novaes Correa
IDADE: 36
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Recepcionista
CELULAR: 988044115
E-MAIL: correa_pp@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 36 anos

17. NOME: Rayane Lemos Pedroso
IDADE: 14
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Estudante
CELULAR: 996916496
E-MAIL: rayanelemospedroso16@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 14 anos

18. NOME: Reinaldo da Silva Costa
IDADE: 36
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Funcionário Público Municipal (Presidente de Bairro)
CELULAR: 997628044
E-MAIL: reinaldo.scj@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 36 anos

19. NOME: Uandersom Marcos Freitas Souza
IDADE: 14
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Estudante
CELULAR: 996813795
E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 7 meses

20. NOME: Gustavo Amaral Buzetti

IDADE: 16

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Estudante

CELULAR: 997671746

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 16 anos

21. NOME: Otilia Freitas Souza

IDADE: 39

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Do lar

CELULAR: 997611319

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 10 meses

22. NOME: Luciano do Nascimento

IDADE: 39

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Motorista

CELULAR: 996743473

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 39 anos

23. NOME: Wesley Gabriel dos Santos Dutra

IDADE: 15

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Estudante

CELULAR: 996291297

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 15 anos

24. NOME: Eunice Pereira dos Santos

IDADE: 36

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Do lar

CELULAR: 996314758

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 8 anos

25. NOME: Mikéias Felix de Souza

IDADE: 18

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Estudante

CELULAR: 998189577

E-MAIL: mikeiasfelix4@gmail.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 4 anos

26. NOME: Aline Andressa da Silva

IDADE: 20

DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Atendente
CELULAR: 997869627
E-MAIL: allana_silva02@outlook.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 20 anos

27. NOME: Cristina Correa Ferreira Stadel
IDADE: 35
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Doméstica
CELULAR: 997394261
E-MAIL: thais_stadel@outlook.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 15 anos

28. NOME: Silvana Rodrigues Teixeira Santos
IDADE: 44
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Educadora Infantil
CELULAR: 997544051
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 44 anos

29. NOME: Gildo Basilio Dias
IDADE: 47
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Pintor
CELULAR: 996466122
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 47 anos

30. NOME: Michele Cristini Santos Bispo
IDADE: 38
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Doméstica
CELULAR: 997298129
E-MAIL: miibispo@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 7 anos

31. NOME: Solange Alvares Missias Riserio
IDADE: 39
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Maquiadora
CELULAR: 996155587
E-MAIL: solange.riserio@outlook.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 15 anos

32. NOME: Marcia Zamberlan Botta
IDADE: 46
DISTRITO: Floresta do Sul
PROFISSÃO: Agente Penitenciária
CELULAR: 996146721
E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 23 anos

33. NOME: Emerson Alexandre dos Santos

IDADE: 35

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Revendedor

CELULAR: 998020838

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 20 anos

34. NOME: Cristina Ferreira Carvalho

IDADE: 33

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Doméstica

CELULAR: 996330604

E-MAIL: gariely618@gmail.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 33 anos

35. NOME: Rosélia de Souza

IDADE: 56

DISTRITO: Floresta do Sul

PROFISSÃO: Doméstica

CELULAR: 997283132

E-MAIL: http.samira@gmail.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 40 anos

ENEIDA

36. NOME: Donizete Lourenço dos Santos

IDADE: 55

DISTRITO: Eneida

PROFISSÃO: Pastor

CELULAR: 996286274

E-MAIL: donizetecleonicesantos@gmail.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 1 mês

37. NOME: Marta Maria de Oliveira

IDADE: 64

DISTRITO: Eneida

PROFISSÃO: Aposentada

CELULAR: 996259296

E-MAIL: martamaria_1953@hotmail.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 37

38. NOME: José Batista

IDADE: 57

DISTRITO: Eneida

PROFISSÃO: Presidente de Bairro

CELULAR: 996587984

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 50

39. NOME: Marli Pascotti Berceli
IDADE: 36
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Doméstica
CELULAR: 997079499
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 36 anos

40. NOME: Claudinéia Pereira Barbosa
IDADE: 41
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Promotora
CELULAR: 996329432
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 12 anos

41. NOME: Luiz Guilherme Batista
IDADE: 15
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Estudante
CELULAR: 996742192
E-MAIL: swaagnoow@gmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 7 anos

42. NOME: Claudemir de Lima Nascimento
IDADE: 53
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Radialista
CELULAR: 997021012
E-MAIL: Claudemir.cka@gmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 3 anos

43. NOME: Daiane de Lima Gabriel
IDADE: 16
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Estudante
CELULAR: 996792078
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 1 ano

44. NOME: Isaias de Souza Menezes
IDADE: 35
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Vigilante
CELULAR: 996159977
E-MAIL: leozinhofranchi2@gmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 35 anos

45. NOME: Suzana de Souza Santana
IDADE: 38
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Carteira

CELULAR: 997748711
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 10 anos

46. NOME: Lucia Vidal Marins da Silva
IDADE: 45
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Professora
CELULAR: 997130552
E-MAIL: luvidal23@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 22 anos

47. NOME:
IDADE: 53
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Radialista
CELULAR: 997021012
E-MAIL: Claudemir.cka@gmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 3 anos

48. NOME:
IDADE: 53
DISTRITO: Eneida
PROFISSÃO: Radialista
CELULAR: 997021012
E-MAIL: Claudemir.cka@gmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 3 anos

AMELIÓPOLIS

49. NOME: Alexandre de Souza Silva
IDADE: 39
DISTRITO: Ameliópolis
PROFISSÃO: Presidente de Bairro
CELULAR: 997039564
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 39 anos

50. NOME: Celiane Regina Lage Domingos
IDADE: 51
DISTRITO: Ameliópolis
PROFISSÃO: Professora
CELULAR: 997002712
E-MAIL: celiane_lage@hotmail.com
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 20 anos

51. NOME: Selma Pereira de Moura
IDADE: 55
DISTRITO: Ameliópolis
PROFISSÃO: Professora
CELULAR: 997323345
E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 55 anos

52. NOME: Silvio César Marassi

IDADE: 48

DISTRITO: Ameliópolis

PROFISSÃO: Empresário

CELULAR: 996121627

E-MAIL: mercado2irmaos@gmail.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 48 anos

53. NOME: Helder Froes Marassi

IDADE: 15

DISTRITO: Ameliópolis

PROFISSÃO: Estudante

CELULAR: 997154599

E-MAIL: helder.marassi@hotmail.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 15 anos

54. NOME: Maria Costa da Silva

IDADE: 45

DISTRITO: Ameliópolis

PROFISSÃO: Doméstica

CELULAR: 996114735

E-MAIL: mickaelnitros@outlook.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 7 anos

55. NOME: Edileuza Serafim Souza

IDADE: 40

DISTRITO: Ameliópolis

PROFISSÃO: Funcionária Pública

CELULAR: 996798440

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 5 anos

56. NOME: Valdirene Oliveira Souza

IDADE: 43

DISTRITO: Ameliópolis

PROFISSÃO: Do lar

CELULAR: 996101618

E-MAIL:

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 25 anos

57. NOME: Mauriceia Maria de Oliveira

IDADE: 49

DISTRITO: Ameliópolis

PROFISSÃO: Autônoma

CELULAR: 997527136

E-MAIL: oliveiramauriceia772@gmail.com

TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 11 anos

58. NOME: Elza Vidal

IDADE: 45

DISTRITO: Ameliópolis
PROFISSÃO: Serviços gerais
CELULAR: 99812547
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 45 anos

59. NOME: Gilberto Antonio dos Santos
IDADE: 50
DISTRITO: Ameliópolis
PROFISSÃO: Pecuaria
CELULAR: 997772124
E-MAIL:
TEMPO MORANDO NO DISTRITO: 20 anos